

DECIDIU O CONSELHO DE MINISTROS

PRISÃO E MULTA PARA INFRACTORES À LEI ELEITORAL

O Conselho de Ministros aprovou, na sua reunião de ontem, entre outros, diplomas que tornam obrigatória a tentativa de conciliação nas acções de despejo e criam novas taxas de Radiodifusão e um decreto-lei que estabelece penas de prisão e multa para os que infringirem a Lei Eleitoral.

O projecto de decreto-lei do Ministério da Justiça sobre as acções de despejo, aprovado, e que altera o art. 972 do Código de Processo Civil, visa tornar obrigatória a tentativa de conciliação nas acções de despejo e minorar as consequências da mora, no pagamento da renda contratual nas acções pendentes «facultando o seu pagamento em singelo, acrescidas de juros de mora à taxa anual de 10 por cento nos oito dias posteriores à entrada em vigor do diploma».

A pena de prisão até dois anos e multa de 10.000 a 100.000 escudos para aqueles

que infringirem a Lei Eleitoral quando agirem com fraude, uso de violência, ou directamente, «dificultem ou tornem impossível o funcionamento das Assembleias de Voto ou de apuramento dos resultados eleitorais» é prevista num projecto de decreto-lei do Ministério da Administração Interna.

Aquele projecto de decreto-lei prevê ainda que os que instiguem à prática das infracções compreendidas naquele diploma (infracções eleitorais) sejam punidos com prisão até um ano e multa de 5000 até 50.000 escudos.

Assim, as Forças Armadas podem prender em flagrante delito os agentes das mesmas infracções, quer as previstas na Lei Eleitoral quer as do âmbito da Lei Penal geral. As prisões devem ser sancionadas pela autoridade judicial competente no prazo de cinco dias.

Refira-se ainda que nos termos daquele diploma, os agen-

tes das infracções não podem beneficiar de liberdade provisória sob caução.

Este projecto de decreto-lei insere-se nas medidas que visam «garantir a segurança, a autenticidade e o prestígio» do próximo processo eleitoral.

Foi ainda aprovado um projecto de decreto-lei do Ministério da Comunicação Social (M. C. S.), criando a nova taxa de Radiodifusão e estabelecendo um novo sistema de cobrança, que será efectuado pelas distribuidoras de energia eléctrica, sendo o seu montante fixado em função dos consumos domésticos de energia. Tal como se afirma no comunicado do Conselho de Ministros, tal medida «aproxima-se de um imposto proporcional ao índice de nível de vida, representado pelo consumo doméstico de energia».

Um outro projecto de decreto-lei do M. C. S. comete ao «conselho de administração da

Radiodifusão Portuguesa, com o parecer do Conselho Fiscal e ouvida a Comissão de Trabalhadores, a fixação das tabelas de remuneração, a atribuição de categorias e a definição das rotações dos quadros de pessoal da empresa».

Emanado do Ministério da Indústria e Tecnologia, foi aprovado um projecto de decreto-lei que tem por finalidade possibilitar respostas às necessidades de reestruturação de sectores em crise e ao lançamento de novos empreendimentos industriais, compreendendo o Ministério três Secretarias de Estado, respectivamente da Indústria Ligeira, Pesada e de Energia e Minas.

Um outro projecto de decreto-lei do Ministério das Finanças estabelece disposições respeitantes à aposentação dos servidores civis e militares.

Emanado do Ministério do

Continua na pág. 24



Maria Velho da Costa tomou ontem posse como presidente da Associação Portuguesa de Escritores, cargo em que sucede a José Gomes Ferreira. Na presidência da assembleia geral mantém-se uma outra mulher de Letras, Sophia Andresen.

(Pág. 7)

Samora-Kissinger: encontro provável ainda este mês

Henry Kissinger, secretário de Estado norte-americano avistar-se-á este mês com o presidente moçambicano, Samora Machel — anunciou em Washington o congressista negro, Charles Diggs. Não foram, no entanto, fornecidos pormenores sobre a data e o local do encontro previsto. Diggs fez estas declarações depois de o próprio Kissinger ter anunciado aos congressistas negros dos E. U. A. que, na sua próxima visita a seis países africanos, se avistará com dirigentes dos movimentos de libertação nacional daquele continente.

O congressista Diggs revelou ainda que fora pedido a Kissinger que se avistasse com dirigentes nacionalistas da Rodésia, Namíbia (Sudoeste Africano) e África do Sul. Julga-se que um desses dirigentes a avistar-se com Kissinger será Joshua N'Komo, da facção «interior» do Conselho Nacional Africano da Rodésia. Diggs declarou aos jornalistas que esse encontro «dará a perceber a Salisbúria e Pretória que os E. U. A. estão a agir com determinação».

O congressista insinuou ainda ser possível que os E. U. A. venham a auxiliar os países cujas economias são atingidas pela aplicação das disposições de bloqueio contra a Rodésia. Moçambique, que no mês passado encerrou a sua fronteira com a Rodésia é um dos países afectados.

Enquanto isto, na Rodésia, dirigentes das duas alas do Conselho Nacional Africano prosseguem os seus esforços tendentes à unificação. O diferendo Moçambique-Rodésia, causado pelas prisões feitas pelas autoridades de Maputo de cidadãos rodésianos está a ponto de ser sanado: anteontem foram libertados 12 ferroviários rodésianos, e hoje anunciaram-se mais duas libertações. Ainda se encontram presos seis rodésianos em Moçambique.

Beja: militares e forças de esquerda apelam à calma

(Pág. 20)

Polícia reforçada em Paris para impedir novo Maio 68

(Pág. 13)



A comissão à saída de Belém

Estatuto dos Açores: Costa Gomes recebeu relatório da comissão

A Comissão de Análise aos Estatutos para a Região Autónoma dos Açores esteve esta manhã no Palácio de Belém, a fazer entrega ao Presidente da República, general Costa Gomes, das conclusões do seu trabalho.

Da comissão fazem parte,

como presidente, o brigadeiro Sousa Meneses, e ainda Vitorino Nemésio, drs. Miguel Galvão Teles, dr. Bonjardino, João Salgueiro, Carlos Bettencourt e Mota Pinto, entre outros.

O texto vai ser apreciado na próxima reunião do Conselho

Continua na pág. 24

Delegado do M.T. demite-se e denuncia ministro Tomás Rosa

PORTO, 15 — «O sr. ministro aceita fazer jogo de forças que perseguem os trabalhadores», afirma num telex enviado ao Ministério do Trabalho, o delegado daquele departamento no Porto, dr. Manuel Pires, que ontem pediu a demissão do respectivo cargo.

Sublinhando que «ou o sr. ministro está mal informado, ou então demitiu-se das suas funções mantendo-se na cadeira que ocupa», o ex-delegado, em declarações prestadas esta manhã ao «DL», afirma: «constitudo que o direito ao trabalho é sagrado e que portanto é necessário fazer cumprir a lei dos despedimentos. Solidarizo-me com todos os trabalhadores saneados seja qual for a sua ideologia. Temos uma Constituição que proíbe os despedimentos sem justa causa e não há nenhum mecanismo que trave os despedimentos. Entendo que as forças policiais ou militares têm de fazer alguma coisa».

Sobre um despacho recente sobre saneamentos, Manuel Pires foi peremptório: «eu protesto contra esse despacho porque cria uma figura jurídica que não existe, que não pode existir, que é o saneado. Enten-

do que temos de matar à nascença essa figura pois de contrário vamos ter despedimentos mais sofisticados do que as actuações nazis».

«No entanto — acrescentou — o sr. ministro está a insistir nessa figura».

Referindo-se aos casos bem conhecidos de trabalhadores saneados, como na «Coronado», salientou: «Trata-se de um jogo de carácter político. Tem por fim correr com os trabalhadores mais activos sejam eles de que cor forem para acabar com os delegados sindicais. Isto tem muita gravidade para o Movimento Sindical português e o ministro tem de ter esta visão».

«A Lei dos Despedimentos tem de ser cumprida e para isso exige-se uma posição firme», disse-nos ainda, considerando depois o caso da Têxtil Manuel Gonçalves, como uma «vergonha e falta de respeito por uma decisão do Conselho de Ministros». Como se sabe, o Governo, apesar de se tratar, neste caso da T.M.G., de uma grave violação de uma decisão do Conselho de Ministros nunca tomou as providências (que

Continua na pág. 24

Todas as secções do «Diário de Lisboa» estão amanhã encerradas devido ao feriado nacional. Por tal motivo não se publica o «Diário de Lisboa», que retomará o contacto com os leitores no sábado.

24 PAGINAS

Nacional

Política de A a Z

AS SOLICITAÇÕES E EMBOSCADAS

A Imprensa é um mundo de solicitações e de emboscadas. Solicitado pelo «Expresso», o ministro Tomás Rosa não soube resistir à volúpia de falar, ao desejo de ter razão, à necessidade de mostrar que estava mergulhado na tumultuosa corrente da pequena história. Haverá quem pense que o ministro Tomás Rosa não foi feliz, que não foi discreto, que falou demais. Mas o semanário encheu duas páginas, a fotografia dava um rosto enérgico como convinha para ilustrar a prosa voluntarista, o texto consentiu um grande título, foi um sucesso. E para todos os críticos, bondosos e maldosos, do ministro Tomás Rosa, terá sido um gosto lê-lo. A entrevista oferecia aos milhares de leitores um retrato flagrante, de corpo inteiro. O ministro Tomás Rosa, com notória coragem, desnudara-se. Expusera-se à crítica e ao frio, à modacidade e ao ridículo, nuzinho. Era a primeira vez que um ministro se expunha aos olhares indiscretos e cruéis. O «Expresso» alcançou esse assinalado êxito: oferecer ao seu público uma ambição política em estado de natureza.

DOIS CAMINHOS

Dos dois caminhos que se lhe deparam, ao assumir a 19 de Setembro de 1975 as responsabilidades do Ministério do Trabalho, Tomás Rosa escolheu, ao contrário do seu antecessor, «o caminho com mais escolhos». Defrontou-se com os metalúrgicos e enfrentou outras lutas laborais que considera «um marco muito importante na história recentíssima do nosso país». Verificou que «não era possível continuar um diálogo aberto com alguns trabalhadores e nomeadamente com os afectos à Intersindical». Concluiu, depois, que era «possível, indispensável e até lógico» extinguir o quadro legal em que se constituía a Intersindical o que, a ser feito, deverá corresponder às decisões dos sindicatos.

Mas, não se pense que a conclusão fica de pé. O discurso de Tomás Rosa segue uma linha coleante, é sinuoso. Adiante afirmará: «Mas, se os trabalhadores entenderem que deve existir uma central única, eu concordarei até porque o grande leque de partidos existentes em Portugal poderia fazer criar tantas centrais de trabalhadores quantos os partidos políticos. De qualquer modo, essa central única terá é que ser democrática e resultar da liberdade sindical». E — acrescentamos nós — da vontade dos trabalhadores que poderá ser distinta dos despeitos (políticos) dos preconceitos (ideológicos) de alguns teóricos sindicais do Ministério do Trabalho.

SALÁRIOS E RENDIMENTOS

Ideais não faltam ao ministro do Trabalho. Não são novas, nem originais, nem incontestáveis. Mas são as que se podem arranjar naquela casa de má tradição e que não consegue boa fama. Ora escutem: «Era nossa ideia baixar o ordenado máximo nacional em cerca de 15 por cento. Mas isso só por si não resolve nada». Brilhante. E como pensará o senhor ministro dar ao problema adequada resolução? Muito simples. O ministro conta com «o Conselho Nacional de Rendimentos, que já está a ser instalado, e esse é que irá realmente propor as bases de uma política salarial».

Para cada problema uma «comissão de estudo», um «conselho», um «subsecretário», é o expediente mais simples. Passa-se a «batata quente» no universo da burocracia, da tecnocracia, da empatocracia.

UM «OPERACIONAL» FALA

Sentado à sua secretária do ex-Palácio das Corporações, na Praça de Londres, Tomás Rosa é um «operacional». Diz-lho o jornalista, citando vozes que correm, e ele aceita. Enverga o camuflado e confessa-se. Não será um «operacional» puro, «em sentido estrito, mas estou intimamente ligado com eles. Fazem o favor de me ouvir, ouço-os com muita atenção. Se esse sector me dissesse: «Sai de ministro do Trabalho», eu saía no mesmo dia. E se ele disser «fica», eu fico. Assim se esclarecem as coisas. No Ministério do Trabalho, o capitão Tomás Rosa pretende apresentar-se como um delegado dos «operacionais». Será que como tal está credenciado?

E em seu nome, ou como confidente de alguns «operacionais», Tomás Rosa alarga-se em considerações e juízos sobre os homens políticos da nossa terra. Ele é o Álvaro Cunhal que «vê fascismo em toda a parte»; ele é o Mário Soares, uma «vocação para conciliador»; ele é o Francisco Sá Carneiro, uma «personalidade autónoma»; ele é o Diogo Freitas do Amaral, um «homem clarividente»; ele é o Ernesto Melo Antunes, que «não tem nada de ingénuo».

E fala-nos, também de Ramalho Eanes «sempre muito calado, muito firme, muito sossegado da cabeça» nas reuniões do «Grupo dos Nove»; e de Pires Veloso que é já «por assim dizer o Presidente do Norte»; e de Pinheiro de Azevedo, «uma figura tremendamente humana» que estará perfeitamente indicado para exercer os cargos de «PR, PM e CEMGFA». E assim se arruma a casa. Assim se despacha para a História o general Francisco da Costa Gomes.

E na posição que é a sua — não muito longe de algumas posições do P.P.D., muito próximo de algumas posições do P.S. — o «operacional» Tomás Rosa dá o seu pessoal contributo para a contestação do ministro Melo Antunes. Este que terá sido o «mentor», o «guia», do chamado «Grupo dos Nove». Caiu em desgraça aos olhos de Tomás Rosa, opõe-se à «caça às bruxas» do anticomunismo primário e é favorável a uma política dita de «terceiro-mundismo». É um homem a afastar. Para o C.D.S., para o P.P.D., para a A.O.C., Melo Antunes está condenado. E, também, para Tomás Rosa. Que pensarão os «operacionais»?

Segurança nas eleições

Militares só intervirão em última instância

Os Ministérios da Administração Interna e da Comunicação Social procederam ontem ao ensaio geral do que vai ser (recepção de votos, a sua leitura e a definição de percentagens) a máquina eleitoral a funcionar no Centro da Gulbenkian nos dias 25 e 26 de Abril.

No âmbito do acto de voto várias medidas entretanto foram tomadas. Uma, estabelecendo normas de funcionamento das assembleias de voto; outras, determinando as penas para as infracções à Lei Eleitoral; outras ainda, de origem militar, revelando que as Forças Armadas só intervirão em última instância para pôr termo a incidentes que possam vir a observar-se durante a campanha eleitoral.

Assim, o M.A.I., através do Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais (S.T.A.P.E.), lembra a todos os membros das mesas das assembleias ou secções de voto as normas que devem respeitar. Sugere: «Os membros das mesas têm de, com necessária antecedência, verificar se já estão tiradas, ou, se negativo, tirar duas cópias ou fotocópias dos cadernos eleitorais correspondentes às respectivas assembleias ou secções de voto, para serem usadas pelos dois escrutinadores». No segundo ponto, recomenda: «Nos termos do artigo 43.º n.º 1 do Decreto-Lei n.º 93-C/76 os membros das mesas devem estar presentes no local de funcionamento das assembleias

ou secções de voto pelo menos a partir das 7 horas do dia 25 de Abril, para os necessários preparativos que deverão permitir o início da votação às 8 horas». O terceiro ponto aconselha: «De entre os preparativos (e também durante a votação), avulta o dever dos membros da mesa organizarem o acto eleitoral nomeadamente no correcto encaminhamento dos cidadãos para as respectivas cidades de espera das secções de voto, para que evitem os indesejáveis ajuntamentos e confusões que impeçam o decorrer da votação».

ESTADO-MAIOR CRIA C.C.O.

Oficiais do Centro Conjunto de Operações (C.C.O.), organismo dependente do Estado-Maior do Exército, reuniram-se anteontem (informa a ANOP citando fonte fidedigna) com representantes de 11 dos 14 partidos políticos convocados. São objectivo do C.C.O. «promover as medidas necessárias à garantia do livre exercício dos direitos fundamentais dos cidadãos» durante a campanha eleitoral.

O esquema exposto pelo C.C.O. prevê o funcionamento de subcentros nos comandos das unidades militares e nos quartéis-generais das regiões militares e comandos territoriais independentes. As Forças Armadas só serão utilizadas em última instância — segundo foi referido à ANOP. Em primeira

instância, a responsabilidade pela segurança nas eleições compete às forças para-militares. A missão confiada às FA é essencialmente de «prevenir os incidentes e tentar solucioná-los por meios persuasivos, sem emprego da força».

P.S. DE BRAGA CONTRA CACIQUES LOCAIS

A propósito dos «lamentáveis incidentes provocados por elementos do P.P.D., ou a este partidos afectos aquando da passagem da caravana desse partido, na terça-feira por concelhos do distrito de Braga», afirmou Secretariado da Secção do Partido Socialista naquele distrito: «O povo português tendo rejeitado claramente um passado de opressão, recusa o seu apoio a forças políticas que, embora encapotadas de democratas, apenas servem os interesses de antigos senhores privilegiados».

Os incidentes ocorreram em Terras do Bouro e segundo o relato do P.S. de Braga, elementos do P.P.D. «agrediram barbaramente vários jovens — rapazes e raparigas — da Juventude Socialista local, apenas porque estes levantaram o punho à passagem da caravana». Uma arma branca foi exibida e queimada a bandeira do P.S.

Em Amares verificaram-se incidentes semelhantes. Registra o relato: «Foi o próprio sar-

gado da G.N.R., integrado, fardado, na caravana do PPD, quem alterou com militantes do P.S., dizendo-lhes ser proibido levantar o punho. Durante a passagem da caravana. Uma jovem militante do P.S. local foi agredida, após terem sido ouvidos, da boca de um destacado elemento do PPD a nível local, incitamentos à agressão física contra militantes do P.S.».

E o relato do P.S. de Braga conclui: «O povo está atento: a reacção não passará, mesmo que vestida com pele de cordeiro».

P.C. VERSUS «DN»

«Um jornal do Estado como o «Diário de Notícias» está a dar à campanha eleitoral do P.C.P. um tratamento jornalístico, manifestamente discriminatório, desprezando arrogantemente o disposto nas leis e as mais elementares regras da ética jornalística» — critica a S.I.P. do Partido Comunista Português, numa nota subordinada ao título «Parcialidade e Sectarismo na Cobertura da Campanha Eleitoral». Apontando exemplos que pretendem evidenciar o favoritismo concedido ao P.S. nas páginas daquele jornal em detrimento de outros partidos, o P.C. denuncia o que considera a «prática sectária de um jornal do Estado, agora efectivamente transformado em instrumento de propaganda partidária, e a agravante de tal prática «se manter em plena campanha eleitoral». A concluir: «O «Diário de Notícias» é um dos mais flagrantes exemplos de discriminação ideológica, de manipulação da informação e de condicionamento da opinião pública».

Entretanto, a direcção do jornal visado, em resposta ao P.C., esclarece: «Faremos todos os possíveis para concluir a campanha eleitoral dentro da lei e sem «favores» a qualquer partido».

A propósito, revela: «Segundo elementos colhidos pelos serviços da secretaria deste jornal, até à nossa edição de ontem, o P.C.P. era — com 2182 linhas publicadas — um dos partidos políticos de noticiário mais «favorecido» neste jornal. Superava-o apenas o PS (com 2295 linhas)».

Mário Soares encontrou-se com o bispo de Lamego

O secretário-geral do P.S., Mário Soares, foi ontem recebido pelo bispo de Lamego, D. António de Castro Xavier Monteiro. O encontro proporcionou-se a partir da passagem daquele dirigente socialista por esta cidade, aonde veio para participar num comício de propaganda eleitoral que o seu partido realizou um pouco improvisadamente junto ao Largo da Sé. No uso da palavra durante a sessão, Mário Soares exprimiu a sua convicção em relação a uma vitória eleitoral do P.S., falou da vaga de violência que tem perturbado a campanha em curso (condenando-a: «em democracia não poderá haver violência»).

Falou ainda Manuel Alegre, lembrando a posição do P.S.

favorável à liberdade religiosa e evocando a movimentação do seu partido aquando do caso Rádio Renascença.

A sessão do P.S. em Lamego processou-se em trânsito destes dirigentes socialistas do distrito de Viseu para o de Vila Real.

EM CHAVES

«Eu pensava que os caceteiros eram uma reminiscência do passado, mas hoje pude observar que ainda há muitos caceteiros disfarçados de P.P.D.» — disse Mário Soares, entretanto em Chaves.

A observação do secretário-geral do P.S. foi a propósito de incidentes ocorridos nas vilas transmontanas de Murça e Carraxedo onde a ca-

ravana socialista foi interceptada, insultada e agredida por pessoas identificadas como sendo do P.P.D. Os incidentes ocorreram perante a passividade das autoridades locais. Além de agredidos alguns elementos da caravana, foram destruídos ou danificados diversos materiais e os automóveis.

Ainda Mário Soares, e ainda em Chaves: «dantes o P.P.D., para existir, precisava de se abrigar debaixo das bandeiras do P.S...»

Cardeal Patriarca fala nas eleições

A propósito da campanha eleitoral e das próximas eleições, D. António Ribeiro, cardeal-patriarca de Lisboa, emitiu uma nota, dirigida especialmente aos católicos.

A mensagem de D. António Ribeiro agora distribuída, começa por condenar a violência que tem caracterizado este período pré-eleitoral, inclusive com o assassinato, a bomba, de um padre católico, Maximino de Sousa, e da estudante Maria de Lurdes Pereira, da juventude católica. Sem fazer qualquer referência ao facto, a nota de D. António Ribeiro diz que «a violência, venha donde vier e vá, contra quem for, não é evangélica nem construtiva. Por isso, abertamente a condenamos em nome

de Cristo e dos valores cívicos mais elementares».

Dizendo que os cristãos devem procurar a máxima informação antes de ir às urnas e que nenhum agrupamento político se pode considerar privilegiado em relação à Igreja, a nota veta aos católicos o voto «a partidos que pelos seus princípios ideológicos, pelos objectivos e processos que preconizam ou pela realização histórica para que tendem se lhe afigurem incompatíveis com a concepção cristã do homem e da sua vida em sociedade».

A nota do cardeal-patriarca termina exortando os católicos à presença nas urnas, desaconselhando a abstenção.

"NEM AOS SAFANÕES"

Victor Cunha Rego e Mário Mesquita, respectivamente director e director-adjunto do «Diário de Notícias», subscrevem uma declaração, inserta na edição de hoje daquele matutino, de crítica sobre o que relativamente ao «DN» foi dito na última assembleia do Sindicato dos Jornalistas.

Isto é: a prática de censura interna no «DN», denunciada no sindicato, peca por «manobra», «golpismo», etc. Lembramos aos nossos leitores que, em notícia ontem por nós publicada, nos limitamos a contar (o mais brevemente possível) o que tinha ocorrido no Sindicato dos Jornalistas. Ai foi lida uma proposta que admitia práticas censórias no «DN» — proposta essa que, na respectiva Redacção, alcançara vinte e seis votos a favor, dois contra e quatro abstenções.

Menciona-se na declaração do «DN» que o seu

corpo redactorial é composto por sessenta e sete jornalistas. Menciona-se ainda que o «Diário de Lisboa» publicou a dita proposta (integrada na notícia da assembleia do Sindicato dos Jornalistas). Menciona-se (após longos considerandos) que a Direcção do «DN» «não abandonará os seus cargos, empurrada por quem quer que seja, nem aos safanões».

Pois bem: nós, «Diário de Lisboa», também nem aos safanões deixaremos de publicar notícias sobre o que se for passando neste País, muito mais livre depois do 25 de Abril de 1974.

E não serão os «safanões» ou relatórios preliminares ou ad hoc que nos convencerão de «golpismo» ou nos obrigarão ao silêncio. A liberdade de Imprensa tem que ser defendida para que a Democracia seja, em Portugal, uma realidade.

post scriptum

Pensar nos outros não será pensar no nosso futuro?

Ao ler os dois primeiros artigos do «Post Scriptum» do «Diário de Lisboa» de 6/4/76 fiquei tremendamente baralhado.

Será que o segundo artigo é verdadeiro? Tornando rapidamente o meu cérebro numa máquina de calcular e verificando o que se passa com certas profissões, chego à conclusão de que esses senhores aumentados agora para 40 mil escudos ainda ficam aquém de muitos que neste País devem estar a rondar a bela maquia de 100 mil escudos mensais, senão mais!...

Então... é porque ainda há muito dinheiro neste Portugal tão conturbado, que uns dizem estar à beira da bancarrota, e que parece não ter ponta por onde se lhe pegue!

E se esse dinheiro todo fosse melhor repartido? As horas de trabalho podiam ser mais racionalizadas para aqueles que têm que deitar mão da duplicidade de empregos para fazer face à alta do custo de vida, e também para aqueles, que não têm horário, só pela ganância do dinheiro, ou porque, por falta de especialistas no ramo, vão arruinando a saúde somente compensada (julgam eles) pelas centena(s) de escudos ao fim do mês!

Para este contraste chocante em que uns conseguem tanto e outros têm reformas de 500\$, 800\$, 1200\$, 2000\$ (formas que não correspondem ao que melhor ou pior eles auferiam quando no activo) não poderá haver uma solução revolucionária? Porque não nos atirmos de cabeça para a resolução do problema dos reformados? Teremos que começar um dia por algum lado. Não seria uma ideia extraordinária se diminuíssemos esses dos 20 e tal mil escudos para cima e «legislassemos» para os reformados a quantia igual ao salário líquido que recebem os das mesmas categorias do activo, sempre sujeito a actualização conforme se fosse processando a mesma para os que ainda estão ao serviço? E para aqueles onde as equiparações são difíceis, se se lhes atribuisse o salário mínimo nacional líquido?

Não será verdade que os produtos alimentares básicos têm preço fixo tanto para os que muito têm como para os que nada ou quase nada recebem?

Querem apostar que todos os que estão no activo trabalhariam com maior vontade, mais gosto e dando mais rendimento? E se se descesse o limite de idade de reforma dos 70 anos para os 60 com o mínimo de 30 anos de serviço fosse em que actividade fosse? (Excepto, já se vê, para as profissões como a de mineiro que deviam ainda ter um limite mais baixo). Não se iriam resolver muitos casos de desemprego? Não terão as pessoas depois de contribuir com os seus melhores anos de vida em proveito da colectividade, direito ainda a alguns anos de merecido e tranquilo repouso? Seremos capazes de deixar de ser «egoístas» para pensar nos outros, que o mesmo é dizer, pensarmos no nosso próprio futuro?!

M. C. Rosado — BEJA

Que é feito dos militares presos em Timor?

Fui militar e estive em Timor, onde conheci e convivi bastante tempo com a maioria dos 23 militares que lá estão presos. Hoje, e passados que são quase oito meses sobre o começo do conflito, e consequentemente a prisão desses meus ex-camaradas, choca-me profundamente que ainda ninguém conseguisse qualquer diligência positiva no sentido da sua libertação. Também me admira todo o silêncio feito à volta do caso, pois nem as entidades governamentais nem a Imprensa, nem mesmo as organizações políticas, ventitam este problema. Mas parece-me que em relação a presos portugueses em Moçambique ninguém se esqueceu (especialmente certos sectores) de contestar.

Mas que fizeram estes para estarem presos? Simplesmente nada! Nem o argumento da UDT de que eram partidários da Fretilin me convence, pois que durante todo o tempo que convivi com eles, houve sempre um rigoroso apartidarismo em relação à política de Timor.

Afinal quais os resultados da visita do enviado da ONU a Timor-Leste? Parece-me que não foram nenhuns, já que os colonialistas indonésios continuam a subjugar o povo «Man Bere» sem se importarem com a resolução do Conselho de Segurança da ONU. E os portugueses continuam como reféns.

Pergunta-se: quem tem a responsabilidade pela prisão destes homens? E pela sua libertação? Em primeiro lugar os indonésios e os seus lacaios (UDT e Apodeti) que enganaram o povo timorense, e que se servem de reféns como trunfo político, se bem que o Governo português central e local (Timor) também tenha a sua quota parte.

Será que a ONU, a Cruz Vermelha e outras organizações internacionais não conseguem a libertação destes homens? Talvez as suas vidas inspirem cuidados, pois as condições de degrado devem ser más; e mesmo que lhes quisessem dar boas, não as tinham.

Esperemos que as partes com culpas neste processo assumam as suas responsabilidades, assim como o povo português deve começar a exigir a sua libertação.

Domingos Manuel Martins Coelho
— PADERME — ALBUFEIRA

APÓS O "CASO LOCKHEED"

A DEMOCRACIA E OS QUE PAGAM

J. C. GUILLEBAUD

A sociedade Lockheed comprometeu-se a fornecer antes de 13 de Abril à subcomissão senatorial que trata das multinacionais, os nomes dos funcionários estrangeiros que receberam «luvas», principalmente em Itália, no Japão e nos Países Baixos. Por seu lado, o departamento federal da Justiça fez saber, a 9 de Abril, que, na execução do acordo bilateral sobre troca de informações assinado a 23 de Março (acordos similares foram concluídos com os Países Baixos e a Itália), entregara na véspera aos magistrados japoneses encarregados da instrução do caso Lockheed, todas as peças do «dossier» que tinha entre mãos e que dizia respeito ao seu país.

Um oitenta empresas americanas já reconheceram ter efectuado pagamentos «duvidosos» nuns trinta países estrangeiros, declarou recentemente Roderick Hill, presidente da Comissão americana de controlo das operações de bolsa (Security and Exchange Commission).

Na Turquia, o processo do general Emin Alpkaya, antigo comandante da aviação, foi aberto a 7 de Abril. O general Alpkaya e mais três oficiais superiores são acusados de assinações falsas num caso que diz respeito aos 30 000 dólares de auxílio dado às vítimas de um tremor de terra pela firma Aeritalia, fabricante italiana dos aviões Lockheed.

Ter-se-á calculado a importância deste «Watergate planetário»? Vejamos dois pontos à escala do Hexágono. «É o pânico quando os animais pressentem um tremor de terra e quando o solo começa a fugir-lhes debaixo dos pés». Barres descreve assim os corredores da Câmara em 1892 quando, por volta das três horas, os deputados corriam a fim de conseguir comprar as últimas edições de la Cocardé. «Fui denunciado». O escândalo do Panamá inflamava então a França dos pequenos accionistas e dos Grandes Boulevards.

Quarenta anos depois, as manipulações de um bonitão «recebido» e protegido pela sociedade parisiense, sobre títulos húngaros ou do montepio de Bayonne, desencadeava segundo sismo. De potência dez. O «senhor Alexandre», o belo Stavisky ia finalmente precipitar a classe política francesa num pânico terrível, e o capitalismo num verdadeiro motim. Aproximava-se o 6 de Fevereiro de 1934. E depois a Frente Popular.

Panamá, Stavisky... Os dois nomes bastam para reanimar, em França, recordações inquietas. Será excessiva a comparação? Trinta países, nem um de menos, estão hoje metidos em escândalos, análogos em certos casos, após revelações em cadeia feitas desde Maio de 1975 perante a SEC (Security and Exchange Commission) e a subcomissão do Senado americano encarregada de investigar as multinacionais.

Uma boa dezena já foi ameaçada por crises políticas que têm relação com o escândalo. Nas Honduras, o governo do general Lopez Arellano, comprometido pelos «presentes» da United Brand, caiu a 22 de Abril de 1975. Nos Países Baixos, a rainha pode ser arrastada pela venalidade do príncipe Bernardo, que a Lockheed teria presenteado de modo real. No Japão, o gover-

no conservador de Miki, conspurcado por milhares de manifestantes, poderá perder as próximas eleições. A opinião nipónica verifica com cólera, na pessoa do enigmático Yoshio Kodama, a extensão dos compromissos financeiros da direita.

Na Alemanha Federal, a democracia-cristã terá de «digerir» ou dissipar as acusações que pesam sobre Franz Josef Strauss, cuja reputação, já equívoca, não é um bom trunfo eleitoral. Na Itália, as revelações em cascata chegadas da América juntam-se à confusão, aceleram uma decomposição política generalizada que leva semanalmente para o partido comunista aureolado de virtude, novos batalhões de eleitores.

A lista podia prolongar-se: a Coreia do Sul, a Turquia, o Irão, a Espanha, o Gabão, Marrocos... Quem pode saber até onde tudo isto irá?

«As investigações do Congresso americano talvez façam cair, em poucas horas, mais governos do que Lenine em toda a sua vida», murmurava com melancolia um assistente do senador Church.

Piada e profecia. Mas logo depois do Watergate, quando se decidiu examinar à lupa as contribuições das multinacionais para os cofres eleitorais de Richard Nixon, e, acessoriamente, as suas «intervenções» financeiras no estrangeiro, ninguém em Washington podia imaginar — salvo, talvez, a CIA — que o escândalo depressa ia atingir metade da Terra.

Iniciado em 1974, com as revelações sobre a ITT no Chile, e depois em Maio de 1975 devido às confissões de Bob Dorse, então PDG da Gulf Oil, grande caso das «luvas» só rebentou na verdade após Daniel Haughton, antigo PDG da Lockheed, ter sido ouvido. As suas confissões exportaram, de súbito, o escândalo para os quatro cantos do Mundo.

É perturbador verificar que as reacções da opinião pública mundial neste caso, seguiram grosso modo a evolução das suscitadas por Watergate.

De início o caso só interessava a um punhado de jornalistas. Indiferença durante meses, encolher de ombros resignados e caras desconfiadas: «Sempre houve porcaria assim». Depois, em todo o caso, estremecimentos progressivos e, no fim de contas, um traumatismo político sem precedentes nos Estados Unidos.

As dezenas de granadas despoletadas enviadas para o mundo pelo senador Church fizeram tantos estragos como nos Estados Unidos? Não é certo. Cada país reage de um modo diferente. A opinião pública não tem em toda a parte a mesma capacidade de indignação. Não tem também a mesma imprensa à sua disposição. Ora o papel dos jornais — motivados política ou jornalisticamente — foi sempre decisivo nos escândalos deste tipo: cruzada da «Libre Parole» na questão Panamá, da «Action Française» no caso Stavisky, do «Washington Post» no de Watergate, do «Wall Street Journal» no das «luvas», etc.

Dois factores permitem, no entanto, imaginar que as coisas não ficarão por aqui. Por um lado os inquiridores americanos parecem resolvidos — sejam quais for as consequências — a espremer totalmente o obscuro. A lista das

sociedades americanas culpadas de «larguezas monetárias» no estrangeiro, ainda aumentou a semana passada. O presidente Ford, em plena campanha eleitoral, não pôde fazer menos do que nomear uma comissão ministerial com instruções severas. Por outro lado, os governos estrangeiros postos em causa, são levados a prosseguir, sob a pressão das oposições, os seus próprios inquéritos de que lhes foi fornecido o fio de Ariana. Os acordos recentemente concluídos entre Washington e os governos japoneses, italiano e holandês — para começar — também deveriam favorecer novas revelações.

Ainda há pucos dias uma reflexão — tranquilizadora — voltava como um «leitmotiv», principalmente na Europa — em todos os comentários. No fundo, murmurava-se, nada disto é muito novo. Há muito que em todo o Mundo existem luvas e corrupção. O caso Lockheed não ensina nada aos eleitores, que não estiveram à espera de Church para saber das venalidades políticas e para se resignarem a elas. Pelos vistos, é fácil demonstrar que o uso de «luvas» no comércio internacional é uma «prática de rotina», como escreveu o «New York Times». Qualquer observador um pouco dentro dos problemas de armamentos, petróleo, grande indústria, pode citar exemplos tão pouco «morais» como os cheques da Lockheed.

Embora fundamentado, o raciocínio é, no entanto, enganador. O problema não está tanto em saber se as práticas denunciadas pela SEC se estenderam ou não pelo mundo inteiro. Os escândalos, no sentido político do termo, raramente trouxeram consigo autênticas «revelações». Os franceses não esperaram pelo escândalo Panamá para saber que, por vezes, lhes vendiam os votos.

FALTA E ESCÂNDALO

Os americanos já sabiam, muito antes de Watergate, que a espionagem telefónica era praticada nos Estados Unidos. Mas os povos indignam-se menos com a existência permanente de corrupção do que com as suas brutais e obscenas «revelações».

Ao reagir de modo desordenado ao caso das «luvas» misturaram-se frequentemente duas categorias bem distintas de «escândalos» que dão lugar a análises sensivelmente diferentes.

Para os «pagadores» é a força desmesurada das multinacionais e as leis selvagens do comércio mundial — sobretudo em matéria de armamentos — que foram postos à luz. As «luvas» entregues por sociedades americanas, tinham, de resto, duas categorias de objectivos também distintos. Na maioria dos casos tratava-se de assegurar um mercado. Todos os exemplos que surgem nesta primeira categoria — a venda dos F-104 pela Lockheed à RFA, a dos Tristar ao Japão, ou a de treze «747» em segunda mão pela TWA ao Irão — obrigam a um exame crítico das práticas industriais internacionais. É um velho de-

bate. Em todo o caso, neste ponto, a opinião americana parece disposta a absolver as sociedades «obrigadas a curvar-se às leis da selva».

Quanto à administração, essa acaba de se declarar hostil a uma proposta de lei «antiluv» feita pelo presidente da comissão bancária do Senado, William Proxmire. Esta proposta colocaria as sociedades americanas em posição de inferioridade perante os concorrentes japoneses ou europeus, pensa a administração. As «luvas» tal como os armamentos nucleares, só podem ser interditos por acordo internacional.

Respondendo indirectamente aos partidos de esquerda europeus que denunciavam esses «produtos do capitalismo selvagem», o «Wall Street Journal», responde a 27 de Fevereiro que, se houve escândalo, isso só aconteceu porque as «luvas» impediam o jogo normal dos sacro-santos princípios capitalistas: livre concorrência, poder dos accionistas face às iniciativas da tecno-estrutura, etc. Longe de ser um puro produto do sistema capitalista, o caso Lockheed não passaria pois de uma transgressão escandalosa.

O raciocínio só serve para uso interno. Noutros casos — ITT, no Chile Gulf Oil na Coreia do Sul e na Bolívia — as «luvas» tinham o objectivo de favorecer a manutenção no poder de um partido político complacente ou a queda de um regime demasiado severo. É nesta matéria — intervenção política de uma sociedade americana no estrangeiro — que o escândalo toma toda a sua amplitude, marcando os riscos que continua a fazer pesar nas democracias o imperialismo dos novos monstros multinacionais. O «código de conduta» que várias grandes sociedades declaram querer pôr em prática, os comentários severos dos senadores democratas e da imprensa de além-Atlântico, mostram que à hora dos exames de consciência, a América não poderá iludir este debate.

PÔR ORDEM NA CASA

Mas a outra face do caso das «luvas» — o lado dos que recebem — só indirectamente diz respeito aos Estados Unidos. Não é a face mais amável. Alguns responsáveis políticos pensaram ter «vendido» na Europa e fora dela, um poder de decisão que exerciam em nome dos interesses superiores do país. Quer se trate de «managers» e já não de deputados, como outrora; de indivíduos nomeados e não de representantes eleitos, o caso ilustra, de passagem, um dos aspectos da crise das democracias: o todo-poder incontido dos altos funcionários em face das grandes escolhas nacionais.

Mas mesmo essas corrupções não têm o mesmo significado em toda a parte. Em certos casos — Itália e Coreia do Sul — quem beneficiou com as entregas ilícitas de dinheiro, foram mais os partidos políticos do que os particulares. O problema posto foi menos o da corrupção *stricto sensu* do que

Continua na pág. 4

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS DO DISTRITO DO PORTO

COMUNICADO

**MILITANTES DO P.P.D. E C.D.S.
AGRIDEM COVARDEMENTE
OPERÁRIAS TÊXTEIS INDEFESAS
EM S. JOÃO DA MADEIRA**

No dia 9 deste mês o patrão PAULO PRESMAN da firma com o mesmo nome suspendeu abusivamente uma operária delegada sindical.

Considerando essa suspensão um abuso sem qualquer justificação, as trabalhadoras paralisaram, exigindo o anulamento da suspensão!

Desde esse dia o patrão desapareceu da fábrica não tendo sequer aparecido nas reuniões do Ministério do Trabalho para as quais tinha sido convocado!

Desde o princípio que os fascistas da zona mostraram o seu desespero pela força e combatividade demonstrada por aquela meia dúzia de mulheres decididas a defender o pão da sua camaráda de trabalho, tendo-se distinguido na campanha contra elas o conhecido dirigente do P. P. D. JOSÉ QUEIROZ que é empregado de escritório e procurador na firma!

MAS A REACÇÃO NADA CONSEGUIU!

Então perante a determinação das operárias a reacção prepara novo golpe, desta vez usando a violência e o terror.

No dia 13, perante o impasse criado as operárias decidem fazer greve com ocupação da fábrica.

Nesse mesmo dia realizaram-se comícios do P. P. D. e C. D. S. em S. João da Madeira!

Entretanto desde o princípio da noite começaram a concentrar-se junto da fábrica os arruaceiros do P. P. D. e C. D. S. comandados por um irmão do tal JOSÉ QUEIROZ, que tinha passado a tarde a fazer convocações pelo telefone.

Quando o número de provocadores junto da fábrica era já grande, chega o PAULO PRESMAN, que desde o dia 9 tinha desaparecido da empresa, não comparecendo até nas reuniões para que era convocado pelo Ministério do Trabalho!

As palavras de ordem gritadas por essa cambada de fascistas eram: «PAULO AMIGO O C.D.S. E O P.P.D. ESTÃO CONTIGO». Isto pode ser confirmado por todas as pessoas honestas que vivem junto da empresa!

Mas o pior estava para vir!

Cerca da 1.30 horas da madrugada, no painel dos comícios a concentração terrorista aumentou, e violentamente invadiram a fábrica expulsando e agredindo as trabalhadoras e dirigentes.

Ficaram feridas 3 operárias menores e dois dirigentes, um dos quais teve que recorrer ao hospital.

As trabalhadoras foram perseguidas com insultos pelo P.P.D. e C.D.S., que corriam atrás delas como cães!

Perante tudo isto que fizeram as forças de ordem?

Foram avisadas pelo Sindicato com 3 horas de antecedência da gravidade da situação, tendo em conta os comícios e os telefonemas de JOSÉ QUEIROZ!

A Região Militar do Norte disse não ser nada com ela. A do Centro só intervinha a pedido da polícia.

A P.S.P. de S. João da Madeira esteve realmente presente, mas foi o mesmo que não estivesse. Assistiu impassível às agressões e quando se tratou de expulsar os trabalhadores deu uma ajuda aos P.P.D. e C.D.S.

Perante isto os dirigentes Sindicais protestaram junto do Comando de Aveiro da P.S.P.

Quando este Comando pediu esclarecimentos a S. João da Madeira a P.S.P. local teve o descaramento de dar a informação falsa e sem fundamento algum, de que tinha havido acordo entre patrão e trabalhadores.

Isto depois da P. S. P. ter visto o patrão a bater em operárias sem ter impedido isso.

O Sindicato Têxtil do Porto responsabiliza a P. S. P. de S. João da Madeira por todas estas ocorrências, das quais vai ser apresentada queixa!

O Sindicato apoia incondicionalmente as corajosas operárias Paulo Presman.

TRA O FASCISMO E O TERRORISMO A UNIDADE
CLASSE OPERÁRIA! UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEMOS!

Porto, 14 de Abril de 1976

A DIRECÇÃO

Nacional

Incentivo à produção: tema de selos

«Incentivo à Produção», eis o tema de dez milhões de selos (de cinquenta centavos, e um escudo) que por iniciativa do Ministério dos Transportes e Comunicações vão brevemente entrar em circulação no continente e nas ilhas adjacentes.

A democracia e os que pagam

Continuação da pág. 3

o dos financiamentos eleitorais. Ora se a maioria dos países ocidentais abriram episodicamente este «dossier», poucos deles tiveram a coragem de organizar uma realização severa na matéria. E, sobre tudo, aplicá-la. De todos os venenos que ameaçam a democracia, o dinheiro como arma eleitoral não é o menos perigoso.

Restam enfim — e são numerosos — os casos individuais de pura e simples corrupção, consequência não só da moral pública mas também, eventualmente, dos tribunais.

A pressa com que alguns governos exigiram às sociedades que «dessem nomes» mostra que eles resolvem, sem grandes remorsos, imolar alguns «desajeitados» no altar das virtudes democráticas. Uma maneira como qualquer outra de fazer o trabalho do fogo. Mas uma dezena de exclusões e até de processos na Haia, Roma e Tóquio, bastarão para apagar totalmente esses brandões ateados desde há um ano pela América? Ainda será tempo de «esquecer»? Não é certo. Nos Estados Unidos as pessoas já se preocupam com uma aborrecida «coincidência». Em quase todos os casos, os regi-

Carne congelada e bovinos abatidos, no Matadouro Municipal de Lisboa, 792 bovinos originários daqueles países. Entretanto, chegaram ontem ao porto de Leixões 502 cabeças de gado irlandês, num total de 247.720 quilos, destinados ao Porto (179), Matosinhos (52), Gaia (30) e Gondomar (33).
Recorde-se que, na mesma época do ano passado, foram consumidos 388.035 quilos de carne, sendo 231.436 de carne congelada e 156.599 de carne verde. Para este ano, embora as estimativas indicassem um

Nesta perspectiva já foram abatidos, no Matadouro Municipal de Lisboa, 792 bovinos originários daqueles países. Entretanto, chegaram ontem ao porto de Leixões 502 cabeças de gado irlandês, num total de 247.720 quilos, destinados ao Porto (179), Matosinhos (52), Gaia (30) e Gondomar (33).
Recorde-se que, na mesma época do ano passado, foram consumidos 388.035 quilos de carne, sendo 231.436 de carne congelada e 156.599 de carne verde. Para este ano, embora as estimativas indicassem um

consumo de 144 mil quilos, apenas 100 mil serão fornecidos diariamente — 96 mil de carne verde e 4 mil de carne congelada.

Também o bacalhau não faltará totalmente, estando já a ser lançadas no mercado cerca de seis mil toneladas deste pescado. Paralelamente, as brigadas das Actividades Económicas têm desenvolvido intensa actividade que já se saldou até agora na autuação de trinta comerciantes acusados de açambarcamento e especulação de preços.

No sector da habitação

Criados institutos públicos em cada área geográfica

Serão criados institutos públicos imobiliários regionais, que revestirão a forma de empresas públicas, com o fim, entre outros, de adequar a produção às carências habitacionais das diferentes regiões do País.

Os institutos, que terão personalidade jurídica, autonomia administrativa e financeira, e património próprio, funcionarão de acordo com o programa da política habitacional, aprovado pelo Governo, de acordo com o qual «será possível sanar a situação no prazo de vinte anos».

A criação dos institutos foi

decidida em Conselho de Ministros e publicada no «Diário da República», I Série, n.º 90.

No preâmbulo da resolução ministerial, refere-se que, no período de 20 anos, se exigirá a construção de 1.600 mil fogos — considerados a reposição por envelhecimento (cerca de 270 mil fogos), o crescimento populacional e o regresso de população das ex-colónias (num total de 800 mil fogos).

Os institutos regionais serão coordenados e impulsionados por um instituto imobiliário nacional, que articulará a actividade sectorial.

Cabo Verde-Portugal

Acordo muito provável

E muito provável que as conversações que presentemente decorrem na Cidade da Praia, entre o ministro da Cooperação, Vítor Crespo, e dirigen-

tes cabo-verdeanos conduzam à assinatura de um acordo — é esta a opinião de um informador daquela Ministério, prestada à agência ANOP.

O informador baseou esta opinião não só no facto de as conversações estarem a decorrer em clima de franco entendimento como ainda no de terem sido tomadas medidas para facilitar a resolução dos problemas em agenda.

A transferência dos departamentos do Banco Nacional Ultramarino e do Banco de Fomento Nacional, bem como as questões relativas aos encargos sociais devidos aos funcionários públicos, são os pontos mais importantes da agenda, que inclui ainda outros temas de menos vulto.

No início da sessão inaugural, os chefes das duas delegações salientaram a intenção comum de chegarem a soluções justas e equilibradas susceptíveis de resolverem os problemas financeiros herdados do período colonial.

Antes do seu regresso a Lisboa, anunciado para hoje, o ministro Vítor Crespo apresentará cumprimentos ao Presidente da República e secretário-geral do P. A. I. G. C., Aristides Pereira e ao primeiro-ministro, Pedro Pires.

TRIBUNAL CIVIL

DA COMARCA

DE LISBOA

1.ª Vara

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar da data da 2.ª publicação deste anúncio.
Execução ordinária n.º 7787 1.ª secção. Exequentes — Dr. Abílio Dias Cardoso. Executado — José de Sousa Cintra, divorciado, comerciante, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Luciano Cordeiro, n.º 83, 2.º, esquerdo, em Lisboa.

Lisboa, 10 de Abril de 1976

O CORREGEDOR

(José Artur Pessoa Monteiro Marques)

O ESCRIVÃO DE DIREITO

(João Alves)

QUATRO SOLDADOS e um acordeão

Texto e encenação de Richard Demarcy
colaboração de Teresa Mota.

no TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha — Metro de Palhavã — Telef. 76 26 24

Do dia 17 até 29 de Abril (só 13 representações) diariamente às 21.30 e domingos às 18.00 horas (espectáculos para maiores de 13 anos)

Este espectáculo é apoiado pela Direcção-Geral de Acção Cultural.

TEATRO DA TRINDADE

- INATEL -

APRESENTA

Nos dias 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29 e 30 de Abril, às 21.30 horas, e também às 18 horas, nos dias 24 de Abril e 2 de Maio.

O GRUPO DE TEATRO DE CAMPOLIDE

com a peça

O GRANDE CIDADÃO

de Virgílio Martinho

BILHETES A VENDA A PARTIR DE HOJE
PARA TODOS OS ESPECTÁCULOS

PREÇO ÚNICO 20000

OS SÓCIOS DO INATEL, DOS SINDICATOS, DOS C.C.D. e C.P.T., pagam o PREÇO ÚNICO DE 10000.

ATENÇÃO

A peça «A M A E» de Bertolt Brecht que está a ser representada desde o dia 13 de Março p.p. pela COOPERATIVA DE COMEDIANTES RAFAEL DE OLIVEIRA, termina a sua carreira neste Teatro no próximo sábado, dia 17, às 21.45 horas.

(Sexta-feira, não há espectáculo).

(Não aconselhável a menores de 13 anos)

Nacional

RECENSEAMENTO DE ESTRANGEIROS

Afinal os cubanos eram só 35

Dos 4.600 estrangeiros até agora controlados só cerca de 170 não tinham os seus documentos em ordem, segundo esclareceu o tenente-coronel Morato, do Estado-Maior do Exército, durante uma reunião efectuada com os representantes dos órgãos da informação.

O tenente-coronel Morato esclareceu também durante este encontro, efectuado no Ministério da Administração Interna, que a afluência de estrangeiros de certas nacionalidades não corresponde às especulações surgidas na imprensa.

Dos milhares de cubanos que a imprensa reaccionária descobriu em Portugal (em certas aldeias do Minho dizia-se que só pela barra de Aveiro, em traneiras, tinham vindo 500.000 pelos vistos nem rasto. A propósito de cubanos o tenente-coronel Amaral de Freitas, do Ministério da Administração Interna, revelou que em Janeiro o M.A.I. informara encontrarem-se em Portugal 35 cidadãos dessa nacionalidade quando um deputado requereu um esclarecimento sobre o assunto. «Essa história dos 50 mil cubanos não passa de uma frase de retórica» comentou.

O tenente-coronel Amaral de Freitas justificou as medidas recentemente tomadas pela necessidade de substituir o aparelho que havia para o controle de estrangeiros, desmantelado após o 25 de Abril, revelando que tinha sido reestruturada a direcção do serviço de Estrangeiros e melhorado o sistema de controle com a criação de um boletim de desembarque, sistema já usado em diversos países.

A acção do M.A.I. para o controle de estrangeiros desenvolveu-se em três fases. A

primeira foi uma operação de esclarecimento a que se seguiu uma fase de registo. A terceira fase é a da fiscalização, que vai prosseguir, processando-se por amostragem, com rusgas em hotéis e pensões e operação stop que, segundo foi revelado, não terão carácter sistemático e intensivo porque a amostragem bastará.

Por sua vez o capitão Duarte Almeida, da GNR, divulgou os resultados das operações efectuadas nos dias 11, 12 e 13 deste mês, que duraram 29 horas e permitiram fiscalizar 53.171 viaturas e controlaram 56 cidadãos estrangeiros, 56 dos quais não tinham a sua situação completamente regularizada. Durante as operações foram também detectados e detidos 100 condutores sem carta, apreendidas 18 viaturas em situação ilegal, recuperadas 6 viaturas roubadas, apreendidas 4 cartas de condução por manobras perigosas e feitas 986 autuações diversas.

Na planificação do dia 13, que tinha a participação do Estado-Maior do Exército e foi executada pelas forças militarizadas. Terminou ontem de madrugada e ainda não eram conhecidos os resultados no Porto. O capitão Duarte Almeida apresentou no entanto os resultados no resto do País, que se cifram em 7.447 viaturas fiscalizadas e 679 estrangeiros controlados, dos quais 13 não tinham

a sua situação regularizada. Foram detidos 11 condutores sem carta, apreendidas três cartas por manobras perigosas e feitas 273 autuações diversas.

Foi revelado ainda nesta reunião que nos últimos 12 meses foram detidos 60 cidadãos estrangeiros por delitos vários, incluindo casos de assalto e posse de droga. «Havendo milhares de estrangeiros no nosso País — salientou o tenente-coronel Amaral de Freitas — este número não justifica o empolamento que se fez do papel dos estrangeiros na delinquência».

Apesar de já ter terminado o prazo para o recenseamento dos estrangeiros o seu número exacto ainda levará alguns dias a ser apurado, prevenindo-se que seja conhecido ainda este mês.

Lei do Mar

Nova Iorque acolhe actualmente a Terceira Conferência das Nações Unidas sobre a Lei do Mar, na qual se inclui uma delegação portuguesa chefiada pelo dr. Mário Ruivo.

Além dos 400 artigos que foram sugeridos para inclusão num instrumento legal que, a ser aprovado, alarga substancialmente o campo do direito internacional, existem várias propostas



Um inspector da Polícia Judiciária recolhe, no local, elementos que possam determinar as causas da explosão. Na foto, o inspector parece dizer que «cheira a gás»...

Explosão de Oeiras cheira a gás

A Polícia Judiciária esteve na manhã de ontem no apartamento de Oeiras (Avenida Minas Gerais) recentemente destruído por forte explosão.

Tratou-se de uma nova diligência com vista a levantar o véu de mistério que envolve o caso.

Uma pista agora encontrada, pode ser determinante quanto às causas da explosão: no interior do apartamento, foi encontrado serrado o tubo condutor de gás. O corte é recente.

A partir daqui, pode admitir-se que não estando o gás «oficialmente» ligado, houve quem aproveitasse da utilização clandestina. O apartamento ter-se-ia enchido de gás, e um qualquer curto-circuito provocou a explosão.

A hipótese de se tratar de gás, é apoiada ainda no facto de não existir propriamente um «centro de explosão».

Podendo ser determinante, esta pista agora detectada pela P. J. não é ainda, contudo, definitiva.

De facto, o mistério é adensado por alguns elementos: por um lado, a Brigada de Minas e Armadilhas da P. S. P. admitiu que a explosão fora provocada por uma carga com rastilho e, por outro, o novo

arrendatário do apartamento declarara que o gás sempre esteve fechado. Por último, um inquilino do andar de baixo disse-nos que, por volta das duas da manhã, sentiu que alguém abria uma torneira no apartamento superior. Recordando-se que a explosão ocorreu cerca das quatro da madrugada.



Outro pormenor da destruição do apartamento. Seguramente os prejuízos são muito superiores a mil contos



Um operário procede à remoção dos destroços da primeira grande explosão em Oeiras. Acidente ou crime? — A P. J. prossegue nas investigações

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

R. CONDE REDONDO N.º 60-2.º, 3.º, 4.º e 5.º
— LISBOA

COMUNICADO N.º 58

OS TRABALHADORES DA GEFA (ALHOS VEDROS) QUEREM TRABALHAR

É por demais conhecida a luta dos 300 trabalhadores da GEFA, fábrica de confecções em Alhos Vedros, que lutam pelo direito ao trabalho.

A luta entrou numa fase de impasse, onde o Ministério do Trabalho tem tido um importante papel, pois tem estado do lado do patronato (capital suco) o que levou os trabalhadores a enviarem para o ministro do Trabalho (Tomás Rosa) e para a administração suca, o seguinte «telex»:

GEFA CONFECÇÕES L.D.ª (ALHOS VEDROS)

Considerando que a Gerência desta Firma adoptou a posição, a partir do dia 22/3/76, de fazer «lock-out» e ainda não ter pago os salários do mês anterior. Convidamos o Ministério do Trabalho e a respectiva Gerência a deslocarem-se à Empresa, para verificarem que temos encomendas e o desejo expresso pela grande maioria dos Trabalhadores é começarem a laborar para arranjar meios de subsistência e evitar também prejudicar a economia nacional. Mais se informa que os Trabalhadores com esta posição não tentam ocupar o lugar da Gerência na gestão da Empresa e nem lhes proibir a entrada na mesma. Desejam apenas salvaguardar os postos de trabalho e a sua manutenção. Portanto os trabalhadores decidiram que o prazo da resolução do problema será até segunda-feira dia 19/4/76, caso não aconteça os trabalhadores começarão a laborar normalmente.

Os Trabalhadores da GEFA

- PELO DIREITO AO TRABALHO!
- A LUTA CONTINUA!
- VIVA A CLASSE OPERÁRIA!
- UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 14 de Abril de 1976

A DIRECÇÃO

Metade do País tremeu

Eram sete horas, um minuto e cinquenta e um segundos da manhã de hoje quando o Instituto Geofísico de Coimbra registou um sismo de intensidade 4/5 com um epicentro provável de 8,4 Oeste e de 39,6 Norte na região de Vila Nova de Ourém, a 65 quilómetros de Coimbra.

Em consequência do sismo foram verificados pequenos abalos de fraca intensidade e de curta duração no Porto, na Marinha Gran-

de, Coimbra, Lisboa, Leiria e Batalha. Foi exactamente nesta vila que o sismo apresentou aspectos mais violentos tendo uma das pirâmides do célebre mosteiro daquela localidade sido derubado, provocando, na sua queda, a destruição de uma gárgula e de alguns ornamentos exteriores.

Entretanto confirma-se não houve lamentar feridos ou quaisquer prejuízos de vulto em razão do ocorrido.

PUB

Cooperativa dos Empregados da Companhia Europeia de Seguros

Av. Fontes Pereira de Melo, n.º 6 — LISBOA - 1

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Ordinária da Cooperativa dos Empregados da Companhia «EUROPÊA» de Seguros, para reunir na Avenida Fontes Pereira de Melo, n.º 6-7.º, desta cidade, no dia 30 de Abril de 1976, pelas 18 horas, para:

APRECIACÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS DA DIRECÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Não havendo número legal de sócios para deliberar validamente, a Assembleia reunirá em 2.ª convocação, meia hora depois, com qualquer número de sócios, de harmonia com o Art.º 23.º dos estatutos.

Lisboa, 14 de Abril de 1976.

Pel'O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

José Morujo Leandro
1.º Secretário

Nacional

S.  R.
MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, SARL, a que se refere o processo 8/56662, arquivo 4, para o estabelecimento na Fonte da Vaca, freguesia de Pinhal Novo, concelho de Palmela de uma linha aérea a 15 kV (RA 15-45-5 Fonte da Vaca), com 315 metros do apoio n.º 66 da linha S. Francisco-Pinhal Novo ao posto de transformação da Fonte da Vaca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 6 de Abril de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º JUÍZO ANÚNCIO

Pelo 3.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, 2.ª Secção, correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando a ré — MARIA DOLORES NUNES, casada, doméstica, ausente em parte incerta, com o último domicílio conhecido na Rua Artur Ferreira da Silva, n.º 47, 2.º Esq.º em LISBOA, para no prazo de VINTE DIAS, decorrido o prazo dos editos, contestar, querendo, o pedido de divórcio — Proc. n.º 834, que lhe move seu marido FERNANDO VAZ MARTINS, casado, empregado da TWA, residente na Urbanização da Portela — Lote n.º 95-8.º Esq.º, Portela de Sacavém.

O autor pede que seja decretado o divórcio entre ambos, baseando o pedido na alínea f) do art.º 1 778.º do Código Civil.

O duplicado da petição inicial, está à sua disposição neste Juízo e secção.

Lisboa, 8 de Abril de 1976

O CORREGEDOR

José Henriques Ferreira
Vidigal

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Eduardo Figueiredo

NOTAS OFICIOSAS

Leite e carne: novos preços ao produtor

Do Ministério do Comércio Interno recebemos duas notas oficiosas que estabelecem novos preços para o leite e para a carne. Estes preços não são aplicáveis ao consumidor.

Os novos preços do leite:

Caracteriza-se a estrutura da produção leiteira pela pequena dimensão e pulverização das empresas. Esta situação conduz à existência de custos de exploração elevados, cujo crescimento terá de ser compensado para ressaiva do rendimento dos produtores.

A recolha, concentração e tratamento, sofreram acréscimos de custos que tendem a agravar as condições de exploração das entidades que a elas se dedicam. Tal facto levou à decisão de aumentar os preços à produção, bem como as taxas referentes ao primeiro escalão (recolha e concentração) e segundo escalão (tratamento) do ciclo económico do leite, conforme diploma legal emanado dos Ministérios das Finanças, Agricultura e Páscas e Comércio Interno.

Considerando-se possível evitar a repercussão total destes aumentos no consumidor, pela adopção de medidas adequadas de reestruturação das actividades de recolha e concentração do leite em moldes mais eficazes e até a reconversão para padrões mais eficientes da indústria de laticínios e produtos lácteos, mantêm-se até 1 de Julho de 1976 os preços do leite aos consumidores e utilizadores industriais.

Até àquela data, deverão ficar concluídos os estudos que permitam acções conducentes a maior eficiência do sector, com a possível recuperação de alguns dos acréscimos de custo que ora se introduzem.

Assim, com efeitos a partir de 1 de Março de 1976, os

preços a pagar a produção nas zonas de recolha organizada no continente são os seguintes, por litro:

Leite da classe A, 7550/Litro; leite da classe B, 6530/Litro.

Entretanto, esclarece-se os produtores de leite do seguinte:

1 — Nas zonas de recolha não organizada, o preço a pagar à produção, no continente, não pode ser inferior a 6530 por litro.

2 — A taxa destinada a cobrir os encargos do 1.º escalão (recolha e concentração) é fixada a partir de 1 de Março de 1976, em 1530 por litro.

3 — As taxas destinadas a cobrir os encargos do 2.º escalão (tratamento) são fixadas na base de 2501 por litro, também com efeitos a partir de 1 de Março de 1976.

Mais se esclarece que, transitoriamente, as cooperativas integradas na União das Cooperativas dos Produtores de Leite do Algarve, poderão vender o leite classificado na classe A, ao preço do leite pasteurizado, desde que acondicionado em bilhas seladas.

Os preços da carne:

Correspondendo a legítimas aspirações dos produtores de carne de bovino, de modo a permitir-lhes a justa remuneração das suas explorações, foi a Junta Nacional dos Produtos Pecuários autorizada a efectuar os seguintes pagamentos nos matadouros sob sua intervenção:

— 29500 por quilograma de carne pela diferença entre o preço de aquisição do gado bovino para abate e o preço de entrega ao comércio das

carcaças, coiros e miudezas.

— Diferencial de 20500 por quilograma de carcaça de bovinos de 1.ª categoria e 15500 por quilograma de carcaças de novilhos de 2.ª categoria e bois e vacas de 1.ª e 2.ª categoria, a que se refere o art.º do Decreto-Lei n.º 80/76 de 27 de Janeiro.

Os subsídios referem-se exclusivamente ao gado de produção dos apresentantes e não a todo o gado por eles apresentado.

Em consequência da aplicação deste despacho, os preços a pagar à produção, por quilograma de carcaça, depois de deduzido o enxugo e de descontada a taxa de seguro, desde 12 do corrente, passam a ser os seguintes:

Novilhos e novilhas de 1.ª categoria:

Com todos os dentes de leite e mais de 220 kg, 85500 kg; com todos os dentes de leite e entre 180 e 220 kg, 83500 kg; com 1.º desfecho e mais de 220 kg, 83500 kg; com 1.º desfecho e entre 180 e 220 kg, 82500 kg; com 2.º desfecho e mais de 220 kg, 82500 kg; com 2.º desfecho e entre 180 e 220 kg, 81550 kg; entre 150 kg e 180 kg, 81500 kg; novilhos e novilhas de 2.ª categoria, 77500 kg.

Bovinos adultos:

Bois de 1.ª categoria, 73500 kg; vacas de 1.ª categoria, 71500 kg; bois de 2.ª categoria, 70550 kg; vacas de 2.ª categoria, 68550 kg; bois de 3.ª categoria, 42500 kg; vacas de 3.ª categoria, 42500 kg; vitelas de 1.ª categoria, 79500 kg; vitelas de 2.ª categoria, 74500 kg.

Mantêm-se sem aumento os preços de venda ao público.

Central nuclear combatida pela C.A.L.C.A.N.

«O Governo deve anular a abertura do concurso público para o fornecimento do material necessário à construção da central nuclear» — afirma o primeiro comunicado da C.A.L.C.A.N. (Comissão de Apoio à Luta Contra a Ameaça Nuclear) recém-constituída, com sede em Peniche.

A criação da C.A.L.C.A.N. culmina uma série de sessões

de esclarecimento sobre a instalação da central nuclear no concelho de Peniche, perto de Ferrel. Entre os objectivos imediatos desta comissão, está a promoção de um debate nacional do problema. Na constituição da nova comissão participaram comissões de moradores, associações recreativas e sindicatos do concelho de Peniche.

Aviso às Senhoras

Os trabalhadores do Cabelheiro SÉRGIO e MARGARIDA, encerram no próximo sábado.



Saneamento básico vai arrancar

Pôr em prática a política de saneamento básico, aprovada por resolução do Conselho de Ministros em Janeiro último, foi o objectivo de uma primeira reunião, realizada no Ministério das Obras Públicas. Estiveram presentes elementos da Administração Local e Regional, da Direcção-Geral do Saneamento Básico, da Empresa Pública das Águas de Lisboa e de representantes das autarquias locais e municípios da área de Lisboa.

Segundo declarações do secretário de Estado dos Recursos Hídricos, a «futura Empresa Pública de Saneamento Básico de Lisboa (EPSBL) terá

como base a actual Empresa Pública das Águas de Lisboa (EPAL) por se tratar de uma instituição que neste momento tem a seu cargo todo o abastecimento de água a Lisboa e a outras zonas da região capital, como os concelhos de Oeiras, Cascais, Sintra, Loures e Vila Franca».

Na sessão, foram ainda divulgadas as características essenciais da Região de Saneamento Básico de Lisboa e discutidas as missões da corrente instaladora e da futura empresa pública que irá servir problemas referentes ao saneamento básico.

A MANHÃ SEXTA-FEIRA DE PAIXÃO

APOCALIPSE

SEGUNDO OS SANTOS BARNABÉS

DAS 22 AS 23 HORAS

UM ESPECTÁCULO NOVO

DIFERENTE. POLÉMICO

NÃO ASILE NA RUA

VA AO

ARCO

RUA DE S. TIAGO, 18 (MIRADOURO ST. LUZIA) — T. 872749

PREÇO ÚNICO — 15500

Próximo espectáculo DIA 19
E SÓ MAIS 5 DIAS

CARTAZES
EXECUÇÃO RÁPIDA
A PRETO
OU A CORES

Consulte
os serviços comerciais da
RENASCENÇA
GRÁFICA

R. LUZ SORIANO, 44

Telef. 321154/5
320271/2/3
320229

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECCOES

Av. João XXI, 5-D — R. Infanteia 18, 55-C — LISBOA

VENDE-SE

CENTRAL TELEFÓNICA CIT CROSSBAR 100 LINHAS, 10 CHAMAS SIMULTÂNEAS, 10 LINHAS DE REDE COM MESA OPERADORA.

Resposta a este Jornal ao anúncio n.º 1636.

Escritores tomam posse

Maria Velho da Costa: "neste tempo de esmorecer..."

«Neste tempo de esmorecer de algumas esperanças, possa ser esta hora, nesta casa, uma hora de reviver, serena, franca, ao menos unidos por essa mesma solidão que nos toma a todos ao escrever, ao menos em nome desta fala portuguesa que todos queremos solta e verdadeira» — afirmou ontem a escritora Maria Velho da Costa, na cerimónia de tomada de posse da nova direcção da Associação Portuguesa de Escritores, eleita na passada segunda-feira.

José Gomes Ferreira, o presidente cessante, acentuou a unidade que tem existido na Associação de Escritores. «Em todos os países onde houve regimes fascistas, as associações de escritores dividiram-se, depois da queda daqueles regimes. A nossa associação foi a única que antes e depois do fascismo não se dividiu.» Sophia de Mello Breyner, porém, justificou o facto de se manter como presidente da assembleia geral, declarando: «Se me mantenho como presidente da A. P. E. é para garantir, com o meu nome, que a A. P. E. se manterá fiel aos seus Estatutos e ao espírito com que foi criada: o respeito pelo pluralismo e a defesa contínua e total da liberdade de criação e de expressão.»

Referiu-se depois a «atitudes sectárias» da Associação depois do 25 de Abril, o que aliás já tinha declarado na vida altura, «o que me valeu uma ameaça de fuzilamento eventual», e que a A. P. E. «esqueceu a sua vocação de defensora da liberdade de expressão». Os «atentados» sucessivos à liberdade de pensamento ao longo de todo o ano de 1975 também foram bem vindos por Sophia de Mello Breyner. «A liberdade para mim não é unilateral; abrange o respeito pela liberdade dos próprios inimigos. É essa a liberdade de expressão, não enfeudada a nenhum partido nem a nenhum grupo, que nos uniu na luta contra o fascismo, que dignificou os escritores portugueses e que justificou a existência desta Associação.»



Sophia de Mello Breyner Andresen no uso da palavra. Ao lado vê-se Maria Velho da Costa, novo presidente da Associação de Escritores

MULHERES NA DIRECÇÃO

Maria Velho da Costa, entretanto, na sua alocução sublinhou a participação das mulheres na direcção da A. P. E., acrescentando: «Mas mal vão ainda os tempos, quando as instituições delegam cansadamente nas suas mulheres a direcção dos seus destinos». E mais à frente: «É esta uma direcção com muitas mulheres e acontece que usamos estar muito presentes na infância e na velhice das coisas humanas. Mais acontece que nos é necessário por condicionamento ou sagesa da que resta à espécie, unir o que está desatado, sarar o que dói, e que nem sempre nos batemos pelo vigor com que podemos fazê-lo. Para não parecer sexista, direi ainda que os homens que estão connosco não desmerecem está-lo.»

«Esta direcção tentará lutar, não só pela liberdade de expressão mantendo as tradições que a fizeram ter sentido e sobreviver, mas pelo direito à ex-

pressão do escritor, face ao editor, face aos organismos oficiais responsáveis pela dignidade do produtor de cultura. Ao fim e ao cabo, já é tempo que o escritor português deixe de ser uma espécie de amostra ambulante do País em que nasceu... relíquia viva e barata à mercê de quem der por ele alguma coisa ou nada.»

Do novo elenco directivo da Associação Portuguesa de Escritores constam ainda os nomes de Casimiro de Brito e Isabel da Nóbrega (secretários); Ernesto de Mello e Castro (vice-presidente da direcção); Nelson de Matos, Maria da Graça Varela Cid, Maria Lúcia Lupecki, Wanda Ramos, Egito Gonçalves, Orlando da Costa, Luísa Duclás Soares, entre outros (vogais). O conselho fiscal é presidido por Pedro Tamen. O escritor e crítico José Palla e Carmo declinou o cargo de vice-presidente da assembleia geral. A esta cerimónia assistiram muitos intelectuais portugueses e representantes de instituições culturais estrangeiras.

Noite fértil (de mais) em assaltos e roubos

Durante a noite de ontem, foi considerável o número de assaltos e roubos registados pelo piquete da Polícia Judiciária. Foi geralmente utilizado o processo da chave falsa.

Nas instalações da «CUF Têxteis», à estrada de Loures, foram roubados documentos vários e a importância de 100 contos, guardada num cofre.

Entretanto, pelo menos dois cofres «resistiram» às tentativas de arrombamento: o cofre da Junta de Freguesia de S. Paulo, e outro, da Cooperativa Predial Portuguesa, na Rua do Arsenal, 160-2.º.

ASSALTO AO «BRINQUINHO DE ALFAMA»

Também o restaurante «O Brinquinho de Alfama» esteve no roteiro dos ladrões. Daqui, levaram uma máquina de barbear, outra de escrever, duas garrafas de «whisky» e vários maços de tabaco, num total aproximado de 10 contos.

No Clube Social Desportivo do Bairro da Boavista, os arrombadores voltaram-se para as bebidas e chocolates, no valor de 3600 escudos, levando ainda a importância de 1400\$00 em dinheiro.

Um armário arrombado na firma Império das Beiras Automóveis, viria a «render» mil escudos. De outro armário, este da firma, José Ribeiro, em Olivais-Sul, levaram 7900\$00.

FURTOS «DOMÉSTICOS»

Da residência de Maria de Fátima Monteiro Gago da Câmara Brito, Av. General Roçadas, 119-5.º dt.º: dois contos em dinheiro.

Da casa do dr. Hugo Owen Pinheiro Torres, na Rua D. Francisco Manuel de Melo, 13-1.º: importância não determinada.

Na Av. João XXI, 20-6.º dt.º,

Três dias sem recolha de lixo

Amanhã, Sexta-Feira da Paixão, por ser feriado obrigatório, não haverá recolha de lixo, acontecendo o mesmo no sábado e no domingo, como é habitual. Atendendo a este facto e já que não é frequente a cidade estar três dias sem recolha de lixo, a C.M.M. pede à população que se abstenha de pôr lixo às portas para que este não se acumule nos passeios sujando a cidade e dando origem a maus cheiros.

«Dia da Juventude Angolana»

Uma exposição de fotografias, patente ao público na sede da Associação de Amizade Portugal-Angola mostra as diferentes fases da luta do M. P. L. A. pela libertação daquela antiga colónia portuguesa. A exposição foi inaugurada ontem, no âmbito das comemorações do Dia da Juventude da República Popular de Angola.

Uma sessão realizada ontem à noite, na sede daquela Associação foi o momento culminante das comemorações. Três membros da Associação recita-

ram poemas de diversos autores angolanos, nomeadamente Agostinho Neto, Luandino Vieira e António Jacinto. Chamou-se a atenção do público presente para o papel que os «pioneiros do M. P. L. A.» tiveram em Luanda na última fase da luta de libertação, pouco antes da proclamação da independência.

No final da sessão foi passada uma gravação do poema de Agostinho Neto «Havemos de Voltar», seguido do hino dos «pioneiros do M. P. L. A.».

residência de Maria da Conceição de Ataíde e Melo: jóias no valor de 18 700 escudos.

Finalmente, da oficina de:

mecânica de Carlos Dinis Pereira, Rua Ponta Delgada, 25: valores diversos no montante de 4950 escudos.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE VESTUÁRIO, LAVANDARIAS E TINTURARIAS DO DISTRITO DO PORTO

RUA FORMOSA, 90 - 1.º — PORTO

MOÇÃO

Os trabalhadores da fábrica de Malhas e Passamarias da Prelada do Porto, reunidos em Plenário no dia 14/4/76, considerando:

- 1.º — que o nosso patrão Plácido Maria Sapage despediu o nosso delegado sindical, José Augusto, abusivamente;
- 2.º — que o processo instaurado ao nosso companheiro de trabalho foi feito pelo genro do patrão, engenheiro José Firmino Amorim, o qual usou de parcialidade e desrespeito estipulado no nosso contrato de trabalho, conforme foi comprovado pelo representante do Sindicato, delegado sindical e as testemunhas imparciais que testemunharam no processo;
- 3.º — que o despedimento abusivo e sem justa causa é usado como vingança, pelo nosso delegado sindical ser encarregado e estar ao nosso lado na luta e ter lutado já antes do 25 de Abril, para que a nossa fábrica laborasse normalmente a fim de garantir o pão de todos nós;
- 4.º — que o nosso delegado e o técnico de contas ofereceram à gerência o abaixamento dos seus salários contratuais por várias vezes para assegurar o cumprimento dos contratos aos outros trabalhadores;
- 5.º — que este acto fascista do nosso patrão se insere numa vasta manobra para levar a firma ao encerramento, pois o afastamento do nosso delegado põe em perigo os nossos postos de trabalho, pois trata-se do técnico mais importante da nossa firma, que faz de debuxador, mestre, afinador, etc.;
- 6.º — que o Sapage chamou a Polícia para intervir nas suas sujas manobras e esta apareceu na nossa fábrica de viseira e «G-3» como se estivessemos no tempo do fascismo.

Assim exigimos das autoridades responsáveis uma posição firme para garantir os nossos postos de trabalho e evitar mais uma sabotagem económica.

— ABAIXO A ESCALADA REACCIONÁRIA
— ABAIXO OS SABOTADORES DA ECONOMIA NACIONAL E DOS TRABALHADORES
— EXIGIMOS DO GOVERNO A GARANTIA DO DIREITO AO TRABALHO

Aprovada por unanimidade e aclamação

A enviar a:

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
PRIMEIRO-MINISTRO
CONSELHO DA REVOLUÇÃO
MINISTÉRIO DO TRABALHO
INTER-SINDICAL
UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO
MINISTÉRIO DO TRABALHO DO PORTO
SINDICATOS: Armazéns, Escritórios, Motoristas e Fogueiros

Porto, 14 de Abril de 1976

Os trabalhadores da Fábrica de Malhas e Passamarias da Prelada, Ld.ª

Reivindicações são salariais

France Presse em greve

Os trabalhadores da delegação de Lisboa da Agência «France Presse» continuam em greve de zelo aguardando a satisfação das suas reivindicações salariais. A greve, que teve início ontem à tarde, prolongar-se-á até às 19 e 30 de hoje.

Segundo informação de um elemento da Comissão de Trabalhadores daquela agência, a luta por um aumento salarial começou em Fevereiro deste ano. «Nessa altura — acrescentou o referido elemento — pedíamos a equiparação de vencimentos aos do pessoal da ANOP que ganhava em média mais três e quatro contos do que nós».

Perante a atitude da entidade patronal, que aceitou o aumento reivindicativo apenas em relação aos jornalistas e apresentou aos restantes trabalhadores uma tabela abaixo da pretendida, estes diminuíram de mil escudos a primitiva reivindicação, o que também não foi aceite. Quanto aos jornalistas rejeitaram o aumento

oferecido «por o considerarem divisionista», de acordo com a mesma fonte.

Entretanto, e ainda segundo o mesmo elemento da Comissão de Trabalhadores, a Administração da France Presse, face à greve geral de zelo, enviou uma carta-circular aos 22 trabalhadores da Agência, na qual lamenta que «o pessoal não tenha aceite a contraproposta apresentada» e «chama a atenção para a situação criada, a qual pode prejudicar os trabalhadores e levá-los ao desemprego», dadas «as dificuldades que a Agência atravessa para distribuir e colocar o seu serviço».

Contactado pela ANOP, Michel Trichiet, director da delegação da A.F.P. em Lisboa, declarou que «a nossa contraproposta diminui o leque salarial. A nossa última proposta é da ordem dos 30 por cento de aumento para os trabalhadores não jornalistas com efeito retroactivo a partir de 1 de Abril e 20 por cento para os jornalistas

partir de 1 de Janeiro.

Ainda de acordo com aquele director «estes acordos não provisorios até à assinatura do contrato em vigor e até à assinatura de um novo». Trichiet disse «estranyar que o pessoal faça comparações com os salários pagos pela ANOP e não com os da Reuter».

Trabalho

"GOVERNO TEM DE RESOLVER A CRISE"

—afirmam os sindicatos mineiros

As negociações do contrato colectivo de trabalho verbal para a indústria mineira, que abrangerá mais de seis mil trabalhadores em todo o País, aproximam-se, mais uma vez, do impasse, sendo de prever o recurso à arbitragem caso a associação patronal se mantenha irredutível no que respeita à tabela salarial em discussão — esclareceu a comissão negociadora sindical, ontem, num encontro com os órgãos de Informação.

«O Governo, quando aumentou desta forma o custo de vida, não se preocupou em saber das nossas dificuldades. Nós não aguentamos mais; agora, o Governo terá de resolver a crise em que nos debatemos, nós e as nossas famílias», afirmaram os representantes dos mineiros.

Há pontos do CTT. «em que

não há diferenças fundamentais» entre as propostas do patronato e do sindicato, designadamente quanto ao horário de trabalho. Sobre esses pontos, as negociações prosseguem.

A controvérsia trava-se em torno da tabela salarial. Com efeito, a entidade patronal não se mostra na disposição de aceitar a proposta dos sindicatos, que tem em conta, ainda que de forma transitória, a alegada crise do sector mineiro, sugerindo um mecanismo destinado a salvaguardar as empresas em dificuldades. Nestes casos, haveria a possibilidade de negociação de uma tabela adaptada às suas condições específicas.

A tabela proposta pelos trabalhadores consagra, no entanto, valores mínimos em que os mineiros não transigem: «é tempo de uma classe tão sacri-

ficada ver melhoradas as suas condições de vida», afirmam.

A comissão negociadora esclareceu, a propósito, que a manifestação realizada em Lisboa, na terça-feira, visou «não só pressionar o Governo para que o nosso contrato de trabalho seja finalmente assinado, como alertar a opinião pública para as dificuldades que os mineiros estão a ter que enfrentar para resolver os seus problemas mais prementes».

A concretizar-se o impasse, as negociações entrarão na fase de arbitragem obrigatória. Subsiste, entretanto, uma «situação que leva as pessoas ao desespero»: as negociações arrastam-se há oito meses, o custo de vida aumentou substancialmente, e os mineiros continuam a ser a «classe mais sacrificada e mais mal paga do País».



COMÉRCIO RETALHISTA

PRAZO DE 15 DIAS

Os trabalhadores do comércio retalhista do distrito de Lisboa, reunidos ontem à noite em assembleia, decidiram conceder ao patronato o prazo de quinze dias para concluir as negociações dos pontos prévios dos C.C.T. do sector, que vão continuar no Ministério do Trabalho, sob a forma de conciliação.

Os trabalhadores manifestaram a disposição de não abdicar dos pontos consignados na proposta, designadamente no que respeita à tabela salarial,

retroativos, diuturnidades, férias, etc., prevendo-se a realização de nova assembleia, findo aquele prazo, para deliberar quanto a novas formas de luta.

As negociações arrastam-se há seis meses, tendo conduzido já a paralisação do sector.

PORTO: INICIARAM-SE AS NEGOCIAÇÕES

As negociações do C.C.T.

dos trabalhadores do comércio do distrito do Porto, que vinham a ser proteladas desde Dezembro do ano passado, iniciaram-se ontem. Foi decidido que, a partir da próxima segunda-feira, passem a realizar-se três reuniões semanais para discussão do contrato, começando pelas cláusulas que dizem respeito à área e âmbito de aplicação do C.C.T. Decidiu-se, ainda, que no sábado de manhã os estabelecimentos estarão abertos, bem como na segunda-feira, todo o dia.

FÁBRICA DO JACINTO

Quem espera por "depois das eleições"?

Mais de mil trabalhadores da Fábrica de Tecidos do Jacinto manifestaram-se de novo, esta manhã, em frente à delegação do Ministério do Trabalho do Porto, no sentido de pressionar o Governo a tomar uma atitude definitiva em relação à empresa.

Como já tem sido largamente noticiado o «processo Jacinto» arrasta-se desde há largos meses, com promessas sobre promessas da parte do Ministério da Indústria. Os trabalhadores dizem-se fartos de saltar de entrevista para entrevista, sem que a decisão de intervenção do Estado se manifeste.

Toda esta indefinição — dizem os trabalhadores — é igual à irresponsabilidade por

parte das entidades oficiais, num total desrespeito pelos direitos dos trabalhadores.

Estranhando que dois funcionários superiores do mesmo Ministério «tenham ao mesmo tempo posições antagónicas em relação à intervenção estatal» na «Jacinto» — eng.º José Amaral e dr. Pereira Mauro — os 1070 trabalhadores decidiram, em plenário recente, denunciar esta situação «que se quer ver arrastada para depois das eleições».

«Acabem, senhores governantes, com esta situação imoral» — dizem os trabalhadores num texto apresentado há dias à entrada do Conselho de Ministros e no qual se referia: «Ultimamente, por duas vezes, foi dado um prazo à Comissão

de Trabalhadores, por responsáveis do Ministério da Indústria e Tecnologia que, além de não ter sido cumprido, não houve a mínima hesitação em dar o dito por não dito, mentindo descaradamente aos trabalhadores».

Recebidos, na passada semana, pelo adjunto do Primeiro-Ministro, foi-lhes prometido que, entre segunda e terça-feira, seria dada uma resposta. Nada, porém, chegou e uma delegação avançou, de imediato, para Lisboa no sentido de se avistar, ontem, com o adjunto do Primeiro-Ministro.

Como nenhuma resposta havia sido dada, os trabalhadores decidiram manifestar-se, lutando pelo direito ao trabalho, pela definição governamental.

Ofensiva na têxtil passa na Prelada

O despedimento exigido pelo patrão de dois trabalhadores da Fábrica de Malhas e Passamanarias da Prelada está na origem de mais um conflito de trabalho.

Segundo um comunicado que nos foi enviado, os trabalhadores da citada fábrica foram convocados pelo patrão, Plácido Maia Sapage, no passado dia 3 de Março que os informou do seguinte: «Que escolhessem: ou ia ele embora, ou os operários despediam o delegado sindical e o chefe do escritório».

Os trabalhadores disseram «não» aos despedimentos. Face ao sucedido o patrão Sapage não apareceu na fábrica, no dia seguinte. O mesmo sucedeu em relação a inco empregados da sua confiança.

Perguntam, depois, os trabalhadores porque é que o patrão queria ver-se livre do guarda-livros (Fernando Parada Leitão) e do mestre afinador e delegado sindical (José Augusto)? E dão resposta: Estes trabalhadores desempenham funções importantes na empresa, não são lacaios do patrão. Estão com

os trabalhadores explorados pelo patronato a quem deram a conhecer a aplicação indevida de cerca de 3300 contos, empréstimo concedido pelo Banco Pinto e Sotto Mayor para pagamento de salários e aquisição de máquinas. Isto foi o rastilho e o patrão começou a exercer represálias sobre os dois trabalhadores. Acontece, frisa o comunicado, que, no dia 10, o delegado sindical, José Augusto, recebeu um telegrama do patrão a despedi-lo. Esta atitude mereceu o repúdio dos trabalhadores da empresa que não permitiam o despedimento abusivo do seu camarada. No entanto, acentua o comunicado, o patrão chamou a

Polícia que compareceu na fábrica armada de «G-3» e vi-se a ameaçar os trabalhadores não se amedrontaram. Unidos opuseram-se à saída do seu colega de trabalho. E, agora, interrogam-se: «Porque aparece a Polícia para defender o patrão que abusivamente despediu o delegado sindical?», «que se passa?», «será que os patrões já têm a protecção da Polícia para roubar o pão aos trabalhadores?»

O comunicado termina, afirmando que as manobras do patrão Sapage fazem parte duma campanha reaccionária do patronato têxtil contra os direitos dos trabalhadores e suas organizações.

TALHANTES DE COIMBRA QUEREM NORMALIZAÇÃO

Os talhantes de Coimbra e arredores ocuparão o matadouro local no próximo dia 21, se até lá não for normalizado, dentro dos condicionamentos existentes, o fornecimento de carnes verdes e congeladas àquela cidade.

A decisão foi tomada numa reunião que se efectuou ontem em Coimbra. Os talhantes visam, também, assumir a gestão do matadouro, presentemente entregue à Junta dos Produtos Pecuários.

PANIFICAÇÃO

Continua em discussão o horário de trabalho

Não se chegou a qualquer acordo sobre a questão do horário da indústria de Panificação, no decurso de negociações havidas ontem, no Ministério do Trabalho, entre representantes das entidades patronais e dos trabalhadores. Da reunião, resultou a nomeação de uma Comissão Negociadora constituída por um elemento de cada uma das partes e por um terceiro escolhido de mútuo acordo e que deverá estar constituída até ao dia 23. Os trabalhadores deste grupo deverão estar concluídos no prazo máximo de 15 dias sobre essa data.

A maioria dos trabalhadores parece neste momento, pronunciar-se por um horário com começo às cinco horas da manhã, em substituição do que actualmente é cumprido na maioria das regiões, que começa às seis horas. A luta por um horário diurno remonta a 1970.

Um porta-voz dos trabalhadores reconheceu que, de facto, em alguns distritos continua a ser cumprido o horário nocturno, o que justificou, ontem à entrada para as negociações, do seguinte modo: «Isso acontece porque o Governo não teve força para impedir os patrões de forçarem os trabalhadores. E quem faz o pão também precisa de comer e tem medo do desemprego. Daí que, em alguns locais, os trabalhadores tenham cedido às pressões dos patrões».

Esta manhã, um porta-voz do Sindicato dos Trabalhadores da Panificação do Distrito de

Lisboa afirmou-nos: «E muito estranho que o Governo e o Ministério do Trabalho estejam neste caso do pão tão preocupados com a defesa dos interesses do consumidor e com os inquéritos, quando sobre outros casos, como a falta de carne, de leite e as altas de preços ninguém diz nada nem se tomam quaisquer medidas».

Por outro lado, sobre as negociações havidas ontem, o mesmo informador afirmou-nos que os Sindicatos defenderam a mesma posição e que pretendem que o Governo decrete no sentido de que seja apreendido todo o pão fabricado antes das cinco da manhã, caso venha a ser aprovado este horário.

OS PATRÕES E A TÉCNICA

Para os patrões, a questão implica uma «olhadela» à parte

«técnica» da questão. Para eles, a questão do horário resume-se à vontade dos consumidores. E dizem: «Nós só poderemos estabelecer um horário depois de sabermos qual foi o resultado do inquérito aos consumidores. De qualquer forma, há que ter em conta que precisamos de cinco horas para o fabrico. Isto sem falar na contagem e na distribuição».

Depois, para o patronato surge a questão do aumento de custos que o horário diurno implica, no que toca à energia, transformação e distribuição. Desemprego é outro ponto: «A manter-se o horário diurno, provocar-se-á um desemprego substancial. Sobretudo no que toca aos distribuidores ao domicílio que acabarão, em parte, por não terem razão de existência, dado que à hora a que saem para a rua já as pessoas foram trabalhar e não estão em casa para os receber».

Constituído o Sindicato Agrícola de Braga

Realizou-se no Sindicato Têxtil de Barcelos, a assembleia constituinte para a criação do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Braga. Dentro de breves dias será enviado ao M.T. o respectivo processo para o reconhecimento oficial de mais este «sindicato rural, o segundo a existir no Norte».

Entretanto, foi enviado um «telex» aos órgãos do poder

em que se dá conta da formação do Sindicato e se pede que a publicação dos estatutos no Diário da República se processe com a máxima urgência. De facto — salienta o «telex» —, perante o esquecimento a que têm sido votados, os trabalhadores sentem a necessidade de se unirem e organizarem sindicalmente para que possam diminuir a opressão em que vivem».

Manuel Serra no Porto

"O povo está confuso"

«Tudo se prepara para que a direita, ganhe ou não as eleições, não nos deixe fazer a revolução», palavras de Manuel Serra, numa sessão de propaganda eleitoral da F. S. P. no Porto. O primeiro nome desta organização referia-se à «agudização da luta de classes» que caracteriza a actual situação política no nosso país. Segundo Serra, «está próximo o confronto entre a classe trabalhadora e o capitalismo, e é desse confronto

to que sairá a nova sociedade portuguesa».

Em outro passo do seu discurso: «A nossa economia só tem uma solução: a planificação da economia socialista», afirmou o dirigente da F. S. P. Manuel Serra criticou acerbamente o Governo, acusando-o de ter agravado a situação económica do País e da maioria da população. «O povo está confuso porque todos os dias se lhe mente e porque se não

resolveram ainda os seus principais problemas».

Serra falou da violência que tem acontecido na presente campanha e da violência intrínseca da direita que a tem fomentado. Defendeu que a violência não é própria da esquerda. «A violência», disse, «é exercida precisamente por aqueles que, na Televisão e na Rádio, aparecem vestidos com pele de carneiro, mas por trás da qual se escondam os verdadeiros lobos».

Cunhal na F.I.L., confiante

"Grande votação confirmará política e actuação do P.C.P."

«Tudo indica que uma grande votação confirmará o apoio de massas à política e à actuação do P.C.P.», afirmou Alvaro Cunhal num comício de propaganda eleitoral do P.C.P. realizado ontem à noite nas instalações da F.I.L.

O secretário-geral do P.C.P. congratulou-se com o facto de, em numerosos casos, as autoridades estarem a ter um comportamento positivo no que respeita à prevenção e contenção da violência na presente campanha eleitoral. E vaticinou que «com as liberdades instauradas em todo o território nacional, a reacção sofreria estrondosa derrota». Quanto à campanha eleitoral, é opinião

de Alvaro Cunhal que ela «tem permitido o esclarecimento de amplas massas acerca do que significará a vitória de uns ou de outros partidos, tem posto em contraste o futuro sombrio, que a vitória dos partidos reaccionários reservaria ao povo português, e a justiça e a política dos objectivos do P.C.P.»

Noutro passo: «Felizmente é cada vez maior o número de socialistas e simpatizantes socialistas que consideram indispensável para a defesa do processo democrático uma maioria de esquerda e que essa maioria de esquerda e esse Governo só são possíveis com o P.C.P.», disse o secre-

tário-geral desta organização.

Criticou a C.A.P., o P.P.D., o C.D.S. Assim: «A arrogância do P.P.D., desembarcando em Setúbal de helicóptero comboiado por avionetas, as paradas de fadistas e gorilas do C.D.S. no Alentejo, as reuniões provocatórias que os grandes agrários da C.A.P. procuram fazer escolhendo como locais baluartes do proletariado alentejano e ribatejano, indicam claramente o propósito de desestabilizar a situação em zonas de maior afluência das forças progressistas, de provocar desordens e violentos confrontos que justifiquem a intervenção das F.A. contra os trabalhadores e as forças progressistas».

P.P.D. em Cascais

"P.C.P. que vá para a oposição!"

«O P. C. P. que vá para a oposição», foi dito ontem à noite em Cascais num comício de propaganda eleitoral do P. P. D. Falava um elemento local deste Partido e referia-se à posição do P. P. D. perante as restantes organizações. Acusou o P. C. P. de, entre outras coisas não ser um «Partido nacional» e, antes, «um serventário de Moscovo». Disse que o P. P. D. está aberto à colaboração com todos os partidos, desde que democráticos.

Falaram também Magalhães Mota, Helena Roseta, Francisco Pinto Balsemão, Marcelo Rebelo de Sousa e outro elemento «pêpêdê» local.

Magalhães Mota: «É preciso que haja ao menos coerência quando se proclama o fim da exploração do homem pelo homem». Nas suas palavras, «a exploração autêntica é a do campo pela cidade é a de toda a colectividade nacional a favor de grupos já privilegiados que surgiram com força reivindicativa e que tiveram apoio político de alguns partidos».

Helena Roseta: «Entendamos que é preciso aumentar a produção. O nosso país em dois anos produz menos 10 por cento do que já produziu. Mas não se constrói a democracia nem o socialismo sem o traba-

lho de todos os portugueses».

Francisco Pinto Balsemão: «Da descolonização à economia, da agitação social à falta de produtividade, da criminalidade às indecisões da política externa, o País atravessa uma crise de identidade nacional. Precisamos de redefinir no mundo a nossa permanência como nação e precisamos, primeiro, de nos reencontrar a nós próprios e de sabermos que caminho vamos percorrer».

Marcelo Rebelo de Sousa: «O P. P. D. é o Partido que

está em melhor posição para conciliar projectos diferentes de construir o País para dar a base de apoio política e social a um grande Governo de salvação nacional».

Antunes da Silva, elemento local do P. P. D.: «Se queremos salvar Portugal, se queremos salvar a democracia, teremos que julgar realisticamente, sabendo encontrar o ponto de equilíbrio da concórdia: a social-democracia. Porque esta sempre foi e será o grande inimigo quer do fascismo, quer do social-fascismo».

P.R.T. na Amadora

"Frente P.S.-P.C.P. na Assembleia e Governo P.S. (sem militares)"

A criação de uma «frente única P. S.-P. C. P. na Assembleia da República» foi ontem apontada por dirigentes do P. R. T. numa sessão de esclarecimento desta organização levada a efeito nas instalações da Sorefame na Amadora. O objectivo dessa «frente», segundo os dirigentes da citada organização, será lutar contra o desemprego, a carestia da vida e a repressão. Reafirmada a hostilidade à ideia de colabo-

ração de militares ou com eles: dizendo «não» aos generais, o P. R. T. tem uma palavra extremamente crítica para o Pacto firmado entre militares e partidos. Quanto a Governo, «um Governo P. S. sem capitalistas (nem generais), apoiado nas lutas, organismos e deputados operários para aplicar um programa socialista contra a crise».

E se o P. P. D. ganhar as eleições? A pergunta foi feita.

COMISSÃO DISTRITAL DOS DESALOJADOS ULTRAMARINOS VIANA DO CASTELO

BARO CONSORTE

Esta Comissão Distrital quando te aconselhou a inscreveres-te nos Cadernos Eleitorais, disse-te que, na oportunidade, te aconselharia o destino do teu voto.

Pois bem, conscientemente a opção foi tomada.

Tens agora o dever de votar no partido que, a nível nacional, os representantes dos desalojados escolheram.

VOTA no PARTIDO DO CENTRO DEMOCRÁTICO SOCIAL

(C. D. S.)

Foi esta a tua e a nossa opção: - C.D.S.

A "Comissão" já decidiu

Uma chamada «Comissão Distrital dos Desalojados Ultramarinos» de Viana do Castelo parece mais interessada em manipular o eleitorado do que em ajudar a resolver os problemas desses mesmos desalojados, como se prova pela fotocópia que publicamos, enviada pelo Partido Socialista, o qual denuncia a tal comissão constituída por indivíduos «certamente saudosos do tempo da exploração nas ex-colónias em que despoticamente se habituaram a tomar decisões pelos que oprimiam, fez chegar às mãos dos retornados daquele distrito uma circular em que lhes anunciavam ter decidido, por eles, o partido em que devem votar: o C. D. S.»

P.C.P. condena acções violentas que favoreçam a direita

Do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte nota:

«1 — O P. C. P. tem vindo constantemente a insistir que deve ser completamente assegurada a liberdade, a seriedade e a dignidade do próximo acto eleitoral. O P. C. P. tem vindo sucessivamente a alertar as autoridades para as situações antidemocráticas existentes em vastas zonas do País e a exigir medidas adequadas contra os provocadores e reaccionários que atentam contra as liberdades e perturbam a ordem e a tranquilidade em que a campanha eleitoral deve decorrer.

«2 — Um breve balanço das acções violentas e provocatórias já registadas desde o início da campanha eleitoral mostra que o P. C. P. é o Partido mais afectado na sua liberdade de actuação, o grande alvo das forças reaccionárias empenhadas em impedir que a voz e as propostas do P. C. P. cheguem às populações so-

bre as quais se exerce ainda a chantagem dos caciques.

«3 — O P. C. P. saúda a justa firmeza e a grande serenidade e maturidade política com que os militantes comunistas têm vindo a enfrentar os ataques e agressões das forças reaccionárias.

«4 — O P. C. P. condena firmemente todas as atitudes e acções que contrariem a liberdade de actuação dos partidos concorrentes às eleições para a Assembleia da República, e insiste em que boicotes e manifestações de protesto contra realizações de partidos de direita, só a estes podem interessar para justificar os atentados, incomparavelmente mais numerosos e mais graves, contra as forças de esquerda.

«O P. C. P. exorta assim os

seus militantes a que, como até aqui, de forma alguma se deixem arrastar para iniciativas irresponsáveis que só podem favorecer os planos da direita para degradar a situação política e agravar a intranquilidade e a insegurança durante a presente campanha eleitoral.

«5 — No momento actual, a grande tarefa para derrotar a direita e a reacção é ampliar o trabalho de esclarecimento junto das massas populares é fortalecer a grande corrente unitária da esquerda que dia a dia se afirma e construir a maioria de esquerda que dê origem à formação de um Governo de esquerda, capaz de corresponder aos interesses e aspirações do povo trabalhador e assegurar o prosseguimento da revolução portuguesa».

Teatro para miúdos e graúdos

Bilhetes desde 20\$00

"O INDIOZINHO RAIÓ DE LUAR"

"PEDRO E O LOBO"

Todos os sábados às 16 horas

As crianças até 10 anos não pagam

ADOQUE teatro

NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80

PUB

EMPREGADOS DESPE- DIDOS DA COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

Um grupo de ex-empregados da C. D. A. em Lisboa, para revisão do processo de despedimentos efectuados em 30-11-75, convoca todos os trabalhadores envolvidos no citado processo a comparecerem no dia 22 de Abril, 4.ª feira, pelas 15 horas, no Parque Eduardo VII, junto ao Pavilhão dos Desportos, a fim de tomarem conhecimento dos propósitos que o referido grupo pretende levar a cabo e para análise dos objectivos em vista, tendentes à resolução dos despedimentos chamados «Definitivos».

Na NAZARE o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

Macau não constitui

círculo eleitoral

O território de Macau não constitui círculo eleitoral, enquanto os eleitores ali recensados votarão nas listas apresentadas no círculo de Lisboa — estabelece um decreto-lei publicado em suplemento ao «Diário do Governo», 1.ª Série, n.º 66.

SIMCA 1501/VENDE-SE

Um só dono, cuidadoso. Carro em bom estado geral de mecânica. 48 000 km. Telef. 683098

Texto de Lurdes Fêria

A REFORMA AGRÁRIA NA BEIRA BAIXA

Malpica do Tejo: queijo (50\$00) com intermediário (120\$00)



Quem entra no distrito de Castelo Branco, vindo do Alentejo, não sente o sobressalto brusco da mudança. Paisagem igual. Terra seca, de azinheiras plantadas. Olivais espaçados. Esteves e giestas. Mato rasteiro. Latifúndios que se prolongam a perder de vista. Mas adiante, na Cova da Beira (encravada entre as serras da Gardunha e da Estrela, desenham-se nitidos os minifúndios. O distrito de Castelo Branco é um distrito de características variadas. Confrontam-se latifúndios com minifúndios — e zonas de pinheiro. Grandes proprietários e camponeses pobres. Operários agrícolas. Intermediários em barda... Estas condições impuseram limites ao avanço da Reforma Agrária.

A lei de expropriação, depois das alterações sofridas, abrange os concelhos de Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e de Idanha a Nova. O concelho de Penamacor, onde o latifúndio domina, ficou de fora. Mesmo assim há cerca de 100 mil hectares por expropriar. Das seis herdades colectivas existentes, apenas quatro se encontram legalizadas. Reforma Agrária, na Beira Baixa, passa quase despercebida. Marcha lentamente como uma tartaruga. E porquê? Uma das razões é sem dúvida a falta de organização dos trabalhadores rurais. Nem sequer um sindicato possuem. Os trabalhadores rurais beirões não têm ainda a consciência nem a audácia dos operários agrícolas alentejanos. A formação das cooperativas não se deu por ocupação das terras. Os trabalhadores avançaram timidamente ao sabor dos trâmites legais. Constituíram-se herdades colectivas após a autorização concedida pelo Ministério da Agricultura. Com excepção da Quinta da Vargem, honra lhe seja feita. Aqui os trabalhadores não estiveram à espera de licença para avançar. Talvez por isso a Quinta da Vargem esteja na mira dos ataques ferozes da reacção. Sobre os trabalhadores dessa unidade colectiva de produção do concelho da Covilhã, chovem as mais nojentas calúnias.

Quanto às outras unidades colectivas pecam, na generalidade, por uma fraca organização. Algumas delas funcionam em moldes pouco revolucionários. Os trabalhadores não se emanciparam. Viciados pela aceitação passiva do caciquismo deixam-se prender a tutelas nefastas. Agarram-se aos técnicos do Centro da Reforma Agrária de uma forma incorrecta. Não exigem a assistência a quem tem direito. Aguardam servilmente que os ajudem. Olhando os técnicos como se fossem patrões. Esta situação acontece sobretudo

na unidade colectiva da Granja de S. Pedro no concelho de Idanha-a-Nova e em Lenticais, no concelho de Castelo Branco. Em contrapartida há trabalhadores no distrito que manifestaram o seu descontentamento face à política do CRRA. Se a direcção exonerada pelo ministro era apontada como moderada, mas à qual ninguém nega sempre ter defendido a Reforma Agrária, os actuais directores são considerados homens que optaram pela conciliação. Que protegem (até) de uma maneira subtil os grandes proprietários e rendeiros. Os trabalhadores com quem contactámos acusam a direcção do CRRA de ter modificado os anteriores projectos baseando-se na ideia de que o processo tinha avançado numa velocidade demasiado acelerada. Agora, o processo não anda. Emperrou. Nem sequer a lei da expropriação é cumprida. Entretanto grassa o desemprego.

AMEAÇAS

Seguímos a estrada de Monforte da Beira em direcção a Malpica do Tejo, aldeia de velhas tradições comunitárias onde existe uma Moagem Social que conta com 550 associados. Cortámos à esquerda por um caminho de terra batida, cheio de buracos. Cooperativa Agro-Pecuária de Malpica, à vista. Uma área de 1100 hectares, outrora propriedade de Maria Abrunhosa e que tinha como rendeiro Urbano Nunes. Em 7 de Janeiro de 1976 alguns trabalhadores mais ousados e politizados incentivaram a formação da unidade colectiva. Depois de contactados o IRA e as Forças Armadas, vencer a resistência dos trabalhadores, vacilantes pelo medo, não foi tarefa fácil. Dizia-se «os que tentassem ocupar a herdade seriam mortos». Muitos trabalhadores acreditaram. Os boatos espalhados pela reacção tolhiam-lhes os movimentos. Os objectivos desmobilizadores da reacção foram em parte conseguidos.

Ainda hoje dos 21 trabalhadores efectivos da unidade colectiva de Malpica alguns sentem um certo receio. É o caso da senhora Maria, mulher de um membro da Comissão de Trabalhadores. A mulher vive numa constante inquietação. Gerou-se nela a convicção de que algo de terrível está para acontecer. O marido José Maria dos Santos, a quem coube na divisão do trabalho a função de queijeiro, deixou transparecer uma certa dose de optimismo.

Por vontade de minha mulher já tínhamos abalado daqui. Ela tem medo que nos venham matar... Aliás um dia fui a Monforte e encontrei um indivíduo que me disse ter uma G3 para nos matar a todos os da cooperativa. Quando vou a

Monforte o povo rodeia-me. As pessoas fazem-me perguntas. Querem saber se a cooperativa vai bem. Os pobres de Monforte estão com os olhos postos na nossa cooperativa. Já pensaram em organizar uma mas não sabem como. Por outro lado é gente sem capacidade de decisão.

Perguntámos a José Maria qual era a actividade profissional do sujeito que se manifestou tão irritado contra a cooperativa. Que ameaça impunemente matar os trabalhadores.

É negociante de gado e cortiça. Também tem um café... — sublinhou o queijeiro.

Da nossa boca saiu um «Ah»!

QUEIJO

A principal fonte de riqueza da cooperativa vem do gado. Há 1383 ovelhas, das quais 50 pertencem a um pastor que ainda não aderiu à cooperativa. Há 200 cabras, cujo destino está por determinar. Ou ficam

na posse da cooperativa ou vão para o rendeiro. Quem resolve é o Centro da Reforma Agrária. O rendimento imediato da cooperativa coincide com a venda do queijo. Os trabalhadores contudo, debatem-se com problemas de escoamento da produção que oscila entre 10 a 20 quilos diários. Por enquanto estão sujeitos ao intermediário que procede à recolha do queijo de oito em oito dias ao preço de 50 escudos. É evidente que esse mesmo queijo fabricado pelas mãos de José Maria, aparece no mercado a 120 ou a 160 escudos o quilo.

José Maria: um homem apto para toda a espécie de serviço. Ceifou. Mondou. Desbravou mato. Ordenhou. Foi tractorista. Foi guarda da herdade no tempo do patrão. Um homem de mil ofícios. Praticamente nasceu ali. Herdou do pai o lugar de guarda. Quando a herdade se transformou em cooperativa os trabalhadores podiam

ter encontrado em José Maria um inimigo. Ele, todavia, sentiu o apelo da sua condição de classe. Isto prova que José Maria, homem alheio à política, não tinha mentalidade de laia.

A sua explicação é simples:

Tiraram a herdade ao dono. Eu quis ficar aqui com os outros trabalhadores. Não sabia nada. Não temos um sindicato para nos orientar. Dizem muita coisa para nos obrigar a desistir. Ainda outro dia ouvi dizer que a gente só servia para trabalhar. Depois vinham os comunistas e levavam-nos os frutos do nosso trabalho. Comiam-nos as galinhas... Eu respondi alguma coisa há-de ficar — afirma José Maria com um sorriso.

Rodeados por um ambiente hostil, os trabalhadores de Malpica continuam a sua lida. Encaram de frente as dificuldades e preparam-se para a produção: limpam o mato, constroem barragens, lavram a ter-

ra, podam as oliveiras, cuidam das colmeias. Estabeleceram já um plano de culturas. Pensam em semear trigo nos terrenos melhores, centeio e cevada nos médios, e tremocilha nos francamente maus. Para além destas culturas básicas há ainda 50 hectares de feijão, 20 de milho, 4 de melão, 5 de tomate, 4 de melancia e 6 de batata.

LENHA

A cooperativa de Malpica tem oliveiras, sobreiros, pinheiros e azinheiras.

Andámos a limpar as oliveiras, os sobreiros e as azinheiras. Vamos vender a lenha para fazermos algum dinheiro. Também queríamos vender os borregos... mas é difícil.

Uma hipótese, em estudo, é o escoamento através da CRA (Cooperativa Reforma Agrária). Exemplo praticado pelas unidades colectivas de produção do Alentejo.

Isto caminha bem. Viemos para aqui muito tarde. E não temos máquinas. O que nos valeu foi um tractor emprestado pela cooperativa 21 de Fevereiro de Benavila. Para o ano arrancamos o mato todo. Haviamato da altura de uma casa. Até encontrámos porcos espinhos... Para o efeito pedimos ao CRRA uma máquina catrapi-la — continua José Maria.

No quadro dos planos destaca-se a construção de barragens. Para já programaram três. Uma delas está praticamente pronta. Precisamente aquela que dará de beber ao gado. As restantes servirão para o regadio. O CRRA débi ajuda tem prestado. Dinheiro para pagamento de salários e pouco mais. Segundo consta o Centro disporia de uma verba de 1500 contos para a assistência à cooperativa no respeitante à compra de máquinas, sementes, e outros materiais. Até agora as promessas não se concretizaram. Máquinas não foram adquiridas. Os trabalhadores têm-se remediado com dois tractores (de rodas velhas e um outro que foi entregue à cooperativa por um dos aderentes. A barragem está a ser construída por contos dos trabalhadores. Os melhoramentos ficam por fazer. Era necessário reparar a malhada que poderia sustentar mais de 500 porcos. Electricidade não existe na herdade. Os trabalhadores vêem-se às aranhas com a contabilidade, pois quase todos eles são analfabetos.

Enfim, uma série de carencias que exigem solução.

A composição da cooperativa no aspecto humano é bastante heterogénica. Há trabalhadores rurais ex-rendeiros, ex-proprietários industriais. Homens são 18 e mulheres 3.

Apesar de tudo a cooperativa de Malpica do Tejo pode-se considerar uma das que reúnem maiores possibilidades de desenvolvimento.



José Maria dos Santos à porta da queijaria

A GREVE NA SONACOTRA

Trabalhadores imigrados em França lutam por uma habitação digna

• Dois portugueses expulsos

Medidas arbitrárias tomadas pelas autoridades francesas contra trabalhadores imigrantes, atingiram recentemente operários portugueses. A pretexto de queixas por desordem que lhe teriam sido apresentadas, a Polícia actuou de madrugada. Mas a questão é outra, e tem muito a ver com a greve nos «foyers» (residência de trabalhadores) da Sonacotra. Da capital francesa, e especialmente para o «Diário de Lisboa», fazem-nos o ponto da situação: um português e um argelino expulsos do país, outro português em fuga e um último argelino com os seus documentos confiscados.

PARIS, 14 — «Nenhuma medida arbitrária de expulsão será tomada, sem se permitir aos imigrantes que se defendam», afirmava-nos há poucos dias um responsável da Direcção das Populações e Migrações do Ministério do Trabalho francês.

Como já esperávamos, os factos vieram desmentir o «liberal» discurso: cerca das 5 horas e meia de quinta-feira, 8 de Abril, a Polícia acompanhada do gerente de um «foyer» da Sonacotra em Champigny, entrou no quarto de quatro trabalhadores imigrados. Dois deles, Ben Amar — argelino — e José Ferreira — português —, foram detidos e expulsos durante o dia, para os respectivos países. Ao terceiro trabalhador, igualmente argelino, os documentos foram-lhe confiscados mas permitiram que partisse ao trabalho (o patrão aguardava-o à porta). O quarto, trabalhador «procurado» era português, António Barreto, que está neste momento em fuga, diz a Polícia.

Segundo a Prefeitura do departamento de Val-de-Marne, trata-se de uma medida administrativa do Ministério do Interior «em consequência de numerosas queixas por desordem, violências e ameaças contra terceiros, deterioração de material no interior do «foyer», onde reinava, por esta razão, um clima perigoso».

Perguntamos à Embaixada se tinha sido informada pelas autoridades francesas e a resposta foi negativa. O consul de Nogent s/Marne (área do «foyer») estava ao corrente do sucedido e dispunha-se a fazer uma carta perguntando a razão da expulsão. Diligência pouco dinâmica quando se tratava de um trabalhador expulso e outro

o «foyer» Sonacotra, mas com o facto dos imigrados em questão terem actividades contrárias ao Ministério do Interior.

«Trata-se de histórias na faculdade de Vincennes» dir-nos-ia mais tarde. Parece que um dos portugueses seguia cursos nocturnos em Vincennes «Além disso foram encontrados nos quartos deles 10 kg

à civil, pouco discreto.

As medidas de excepção compreendem-se deste modo como «expulsões arbitrárias e sem recurso», sem mesmo serem informadas as autoridades consulares do país dos imigrantes.

O liberalismo de Giscard-Presidente e de Dijoud — ministro dos imigrantes, completa-se com as medidas repressivas de Poniatowski — ministro do Interior, fazendo perigar a segurança de milhares de imigrantes, sujeitos, em permanência, ao arbitrio da Polícia.

A VERDADEIRA RAZÃO

Para além de todas as justificações que venham a ser feitas pelas autoridades, a verdade desta medida repressiva é a greve do aluguer que alastra há diversos meses nos «foyers» Sonacotra.

A luta começou há cerca de ano e meio por uma greve do aluguer nos três «lares» de St. Denis. A partir de Setembro de 75 a greve atingiu 27 «foyers» e hoje engloba perto de 50 em toda a França.

As reivindicações articulam-se em três pontos principais:

1. Baixa do aluguer de 50 por cento, ou seja 140 francos/mês.

Actualmente os trabalhadores pagam 270 francos por um alojamento de 4,5 e 6 m² (o mínimo legal é de 9 m²). Isto equivale a dizer que, com a mesma superfície, um HLM de 5 divisões (casas de renda económica) pode ser transformado em «foyer» para 10 trabalhadores. Sabendo-se que o preço de um HLM-F5 é, em média, de 830 francos/mês, pode-se calcular o lucro que a Sonacotra faz com estes quartos-gaiolas (2700-830 igual 1870 francos por cada 10 trabalhadores).

As dimensões dos quartos têm múltiplas repercussões. Dado que os quartos foram construídos com as medidas legais, ao ser divididos para dois trabalhadores criaram um espaço muito menor, apenas dividido com uma placa de contraplacado. Como muitos dos habitantes trabalham em equipa (isto é, uma semana de tarde, outra à noite e outra de manhã), as horas de chegada e de descanso são desencontradas. Uma placa de contraplacado (e a própria construção) deixa passar todos os barulhos, as discussões criam o resto do ambiente.

2. Reconhecimento dos direitos e das liberdades elementares no interior dos «foyers».

Esta reivindicação é reconhecida como justa em privado por todos os responsáveis do alojamento, incluindo na própria Sonacotra. Assinalamos, por exemplo, o critério para a admissão de gerentes: ser um antigo militar ou «gendarme», ter feito pelo menos uma campanha colonial. Em geral o gerente, o empregado do bar e o porteiro constituem a estrutura policial do «foyer». Num «foyer» da região parisiense, o gerente percorria à noite o «foyer», em uniforme de combate e pistola à cinta. Em Athis-Mons, o director acordava os habitantes às duas horas da manhã, obrigando-os a reunirem-se no átrio do «lar» por

O que é a Sonacotra

A Sonacotra foi fundada em 1957. É um organismo semipúblico cuja principal actividade é construir e gerir os «foyers» para trabalhadores imigrados. Gere actualmente em toda a França, mais de 250 «foyers» que albergam cerca de 66 000 trabalhadores.

A Sonacotra compreende dois sectores principais: o sector hoteleiro («foyers» e «cités» de trânsito já construídos), e o sector imobiliário (compra de terrenos e construção de novos prédios). Este segundo sector é deficitário e a Sonacotra tenta financiá-los através dos benefícios dos «foyers».

A Sonacotra recebe uma importante subvenção do F. A. S. (Fundo de Acção Social). Este Fundo é essencialmente alimentado pela diferença de abono de família pago aos filhos dos imigrantes, segundo os seus filhos se encontrem em França ou no país de origem. Isto significa que a Sonacotra é financiada pelos próprios imigrantes (através do que não recebem como

abono de família), além do aluguer que têm de pagar e dos lucros — como vimos — que proporcionam.

O presidente-director-geral é o sr. Claudius Petit. Certos observadores constatarem desinteligências entre o gabinete Paul Dijoud e o presidente da Sonacotra, razão que leva alguns funcionários próximos de Dijoud a solidarizarem-se — em privado — com a acção desenvolvida nos «foyers».

O director-geral é um prefeito destacado do Ministério do Interior, sr. Henri Laborie.

No «foyer» de Champigny, além dos trabalhadores imigrados, portugueses, argelinos e marroquinos, habitam mais de uma vintena de jovens recrutadas da Polícia nacional, de nacionalidade francesa. Ainda que tenham recebido ordens de «discrição» a sua presença sente-se, disse-nos alguns imigrantes. É pelo menos surpreendente a escolha de os ter alojado num «foyer» Sonacotra, a não ser que se reconheça ao «foyer» o estatuto de casa-

em fuga sem qualquer protecção!

No «foyer» onde fomos recebidos por um guarda-nocturno, que nos disse ser da Polícia, hostilmente acolhidos e convidados a entrar em contacto com a Prefeitura, acabamos por saber que «os acontecimentos que levaram à expulsão não tinham nada a ver com

de panfletos com a foice e o martelo, está a ver o que quero dizer?»

«Mais, — disse-nos quase a concluir, — em Portugal eram procurados por serem desertores!»

Ao partirmos, quase empurrados pelo director do «foyer», a matrícula do carro não escapou aos olhares de um polícia



Miséria e abandono para o filho de um emigrante

causa dos clandestinos. A utilização de cães (pastor-alemão) por alguns gerentes é conhecida.

Os gerentes não têm outra formação que não seja as regras dos métodos repressivos. Tivemos ocasião de participar numa sessão com gerentes da «Sonacotra» e um dos futuros directores, já experimentados, disse-nos: «Sabe, com os portugueses não há problemas, em alguns casos até nos ajudamos. Com os argelinos é que temos de ter punho de ferro. Conheço-os bem porque tive uma companhia de árabes sob as minhas ordens na Argélia francesa».

Com efeito, sempre se procurou dividir os trabalhadores, para assim melhor os submeter. Aliás, o número de portugueses é reduzido, sendo a maioria constituída por trabalhadores árabes, turcos e por vezes jugoslavos. Outros «foyers» são praticamente destinados às populações dos países africanos.

3. Obtenção do estatuto de inquilino e não de residente.

Na situação presente, os residentes não têm nenhuma segurança no plano jurídico. Só o estatuto de inquilino poderia dar-lhes direito na legislação do alojamento.

RESPONDEM COM AMEAÇAS

A estas reivindicações, as autoridades e a direcção da Sonacotra têm respondido com ameaças. «A direcção da Sonacotra intervém junto das Prefeituras da região parisiense que, por sua vez, intervêm junto dos Consulados da Argélia, Tunísia e Marrocos. Pondo em causa certos delegados dos trabalhadores, que constituíram um Comité de Coordenação, as Prefeituras avisam os Consulados da eventualidade de expulsões dos delegados.

Assim, os trabalhadores grevistas são ameaçados da não renovação das autorizações de estadia, desconto directo sobre as indemnizações de desemprego para os que estão sem trabalho (medida ilegal), cortes de água, de electricidade, de gás. Por sua vez a Sonacotra, recusa passar os certificados de residência o que origina a recusa de revalidação dos documentos de trabalho e

de estadis do trabalhador pela autoridade administrativa.

Neste contexto, a entrada em luta de um «foyer» onde existe um certo número de portugueses, no momento em que se estabelecem contactos entre as autoridades portuguesas e francesas com vista à discussão de um novo acordo, preocupa concretamente a administração francesa.

Segundo nos foi dito no Ministério do Trabalho, as medidas de expulsão do José Ferreira e do António Barreto foram tomadas sem qualquer interferência da Secretaria de Estado da Imigração francesa. Por seu lado, na Sonacotra, diziam-nos no sábado à tarde que o José Ferreira não tinha chegado ainda a Portugal. Esta informação é preocupante. Em primeiro lugar porque o Consulado de Nogent sur Marne, único habilitado a intervir, ainda o não tinha feito naquele dia; por outro lado, o recurso a fazer (ainda que seja um pouco ilusório), tem de ser apresentado num prazo de oito dias, sendo necessário para isso que o interessado envie os documentos (ou fotocópia) para França, para que um advogado constitua o dossier.

As organizações sindicais francesas apoiam os trabalhadores em luta. No entanto, um senão criou em Dezembro de 75 uma pequena divisão, quando os delegados do «foyer» de jst. Denis aceitaram negociar em separado. O «Comité de Coordenação da luta dos «Foyers Sonacotra» recusa uma discussão em separado, exigindo uma negociação conjunta, com um representante imigrado de cada «foyer».

O «Comité de Coordenação» recusa também a manipulação que certas organizações políticas ou pequenos grupos tentam impôr e, no início da luta, esta decisão criou reticências por parte dos estados-maiores partidários.

A expulsão dos dois trabalhadores veio alertar a opinião pública, quanto às condições de alojamento e de vida dos trabalhadores imigrados, mas também quanto à sua segurança. Não se vê por enquanto a mobilização das organizações democráticas, preocupadas como estão com o debate de uma crise que continua a servir para justificar estas arbitrariedades.



As dificuldades em conseguir habitação digna têm levado muitos portugueses emigrados a viver em bairros de lata à margem das grandes cidades europeias

Geral

CARTA DE MOSCOVO

A carne mantém o preço de há quinze anos

Por VLADIMIR LOMEIKO

Antigamente, no meu país, um trabalhador, antes de ser contratado, sentava-se à mesa com o futuro patrão. Tal cerimónia era quase um teste. Comia-se muito e depressa. O provérbio que toda a gente repetia era: **Quem come pouco não trabalha muito.** Em Portugal, aliás, também se ouve dizer com frequência: **Quem não serve para comer não serve para trabalhar.**

Ninguém melhor que as cifras pode falar do que comem os soviéticos. Nos últimos anos (ou seja, entre 1965 e 1975) o consumo anual **per capita** dos principais viveres subiu da seguinte maneira: carne — passou de 41 para 57 kg; leite — de 251 para 315 kg; ovos — de 124 para 205 unidades. Também aumentou o consumo de outros produtos alimentícios. No caso do peixe, por exemplo, passou-se de 16,2 para 18,7 kg. De acordo com investigações realizadas nos primeiros anos 70 pela Comissão de Direitos Cívicos da ONU, a ração calórica diária dos soviéticos é mais alta que a de países como

a Inglaterra e a República Federal Alemã.

Que perspectivas temos agora? Segundo os planos aprovados para o período 1976-1980, dentro de cinco anos, os nossos consumos **per capita** elevar-se-ão, na carne, para 60 kg; no leite, para 371 kg; e nos ovos para 235 unidades. Há outro aspecto que as donas de casa sentem bem: o orçamento. Nos últimos anos todos os salários aumentaram e os preços dos viveres mantiveram-se estáveis, com excepção do champagne, do caviar negro e dos salmões.

A carne, por exemplo, custa o mesmo que há 15 anos. Talvez valha a pena referir que um rublo vale cerca de 30\$00 e que um quilo de carne, entre nós, varia segundo a qualidade, entre rublo e meio e dois rublos. Um litro de leite custa 0,28 rublos. E uma dúzia de ovos de 0,90 a 1,10 rublos. As estatísticas mostram que as pessoas compram agora mais alimentos gastando proporcionalmente bastante menos. Em 1940 as despesas de uma família

operária com alimentação absorviam 53,8 por cento do seu orçamento. Em 1960, apenas comprometiam 38,1 por cento, e, em 1970, 34,8 por cento.

Uma quase obsessão por coisas frescas.

Em matéria de alimentação, há pormenores em que somos conservadores. Preferimos os produtos naturais e de boa qualidade. Nas minhas viagens ao Ocidente, parei muitas vezes frente às vistosas montras de certos talhos. Ficava assombrado com a magnífica aparência da vitela. Só depois é que vim a saber que cada francês (e cada cidadão dos países do Mercado Comum) consome quilo e meio por ano de substâncias químicas aplicadas pelos comerciantes aos produtos alimentares para os tornarem mais convidativos. As nossas donas de casa não suportariam semelhante «melhoramento». Vão ao ponto de recusar a carne congelada. São capazes até de se meterem numa bicha só para comprarem um pouco de acém fresco.

Nem sempre há à venda,

nos nossos talhos e supermercados, todas as espécies de carne, mas percorrendo estes estabelecimentos, é raro não se encontrar vaca, vitela, porco, carneiro, galinha, pato, ganso, peru e muitos outros produtos como fiambre, carnes fumadas, mortadelas e variadíssimos enchidos.

Também apreciamos o peixe e o marisco. Gozamos de particular apreço a sardinha, o salmão e o caviar. O arenque, em especial, tem um consumo muito elevado. Graças às várias medidas de protecção adoptadas, as reservas de esturjão aumentaram nos últimos anos. Agora pescam-se por ano 20 mil toneladas deste peixe. Saem do Mar Cáspio 90 por cento de todo o esturjão que se captura no mundo.

Há pessoas que têm especial preferência pelos derivados do leite. Saem dos supermercados carregadas de iogurte, kefir (espécie de iogurte de sabor mais refinado), natas, manteiga, requeijão, etc. O nosso requeijão tem sempre passas, chocolate ou baunilha. Mas os gastrónomos é com o queijo

que perdem a cabeça. Não me é possível enumerar todas as variedades deste produto, pois só em Moscovo são mais de cinquenta.

A partir da farinha conhecemos mais de 650 produtos. Só em pão temos mais de 100 variedades. As nossas padarias são abastecidas três ou quatro vezes por dia para haver sempre pão fresco. Com a mudança de hábitos na alimentação, comemos agora produtos mais ricos em albumina, verduras, fruta e menos pão. Consumimos 33 milhões de toneladas anuais de pão, isto é, cerca de 350 gramas por dia e por pessoa. Es a média é ainda bastante maior do que em muitos países. É por isso que ainda temos que importar trigo, embora sejamos o maior produtor do mundo.

festa, porque têm o hábito de convidar os amigos para uma boa refeição e, havendo um pretexto, a coisa corre sempre bem. Feriados, dias de aniversário na família, mudança de casa, são motivos para grandes almoçadas. Poderia mesmo dizer-se que temos o culto da alegria e da hospitalidade.

Mas, entre nós, comer bem e muito não significa gulodice. Não gostamos de engordar, mas também não consideramos a magreza como o supremo da elegância. Gostamos das pessoas ágeis e vigorosas. Para nós a palavra dieta significa geralmente alimentação especial. Por razões terapêuticas, temos lojas e restaurantes um pouco por toda a parte.

Gostamos de comer e cozinhar. Penso que o segredo da famosa cozinha russa está no carinho com que se preparam os pratos e se guardam a mesa. Isto é quase um ritual na Primavera, durante as sementeiras, e no Outono, depois das colheitas...

GOSTAMOS DE COMER E DE COZINHAR

Os soviéticos não gostam apenas de comer bem. Por tudo e por nada fazem uma

Timor em debate na O.N.U.

Apresentada uma moção para pedir a retirada das tropas indonésias

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 15 (ANOP, RP, R e «DL») — Será hoje submetida ao Conselho de Segurança da ONU uma resolução pedindo ao governo da Indonésia que retire imediatamente e incondicionalmente todas as suas forças de Timor-Leste.

A moção foi redigida por um grupo de Estados, nos quais se incluem alguns não alinhados. Nela se pede também o respeito pela integridade territorial de Timor-Leste e pelo «direito inalienável do seu povo à autodeterminação».

O Conselho de Segurança recomeçou hoje de manhã (16 horas e 30 de Lisboa) o seu debate sobre a questão.

Ontem o embaixador indonésio na ONU, Anwar Sani, afirmou ao Conselho que «voluntários armados» indonésios (recorde-se que a Indonésia nunca reconheceu a sua intervenção em Timor-Leste, alegando sempre que os soldados para ali enviados são «voluntários») tinham principiado a retirar e que a sua evacuação estaria concluída o mais depressa possível. Ao mesmo tempo, porém, Sani declarou que o «povo de Timor-Leste se considera já indonésio e entende que o seu território é parte integrante da Indonésia». Mais disse que a presença indonésia fora pedida pela esmagadora maioria do povo de Timor-Leste para evitar que fosse liquidada por elementos da Fretilin.

Por sua vez um partidário da Fretilin, Ken Fry, deputado trabalhista australiano, rejeitou sugestões de que aquele movimento fosse marxista e salientou que o conflito de Timor devia ser considerado um dos episódios mais sórdidos mais trágicos e mais injustificados da moderna descolonização. Acrescentou que o povo de Timor fora vítima de uma injustiça cruel e flagrante. Mas outro australiano, favorável à In-

donesia, declarou que a Fretilin utilizava constantemente a ameaça de prisão e de execução para manter o povo na ordem.

O embaixador australiano aludiu à inquietação do seu país perante a situação em Timor-Leste e sugeriu nova missão do delegado da ONU, Winspeare Giucciardi, àquele território.

A minuta da resolução hoje apresentada propõe também nova visita de Giucciardi, se tal for entendido necessário.

OS DETIDOS PORTUGUESES

Falando à Imprensa, ontem em Djakarta, o ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio, Adam Malik, declarou, entretanto, que se Portugal desejar discutir o andamento do processo de descolonização em Timor deverá dirigir-se directamente ao governo provisório constituído em Dili em Dezembro último.

Portugal — acrescentou — poderá igualmente discutir com esses Governo a questão das reparações portuguesas em Timor e a libertação dos 23 prisioneiros portugueses ainda ali detidos.

As autoridades de Dili indicaram que a questão dos bens levados pelas autoridades portuguesas ao saírem de Timor, bem como a dos helicópteros e dos navios retirados ao Governo Provisório fazem parte das condições a que se subordinará a libertação desses prisioneiros.

Em S. Pedro do Estoril o «Diário de Lisboa» é vendido por Profírio da Silva Carreira

S.  R.
MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Soure, em todos os úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, SARL, a que se refere o processo 8/56996, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Soure, de uma linha aérea a 30 kV, com 826 metros, do apoio n.º 67 da linha Condeixa-Soure ao posto de transformação de Soure-Junqueira da Câmara Municipal de Soure.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 6 de Abril de 1976.

S.  R.
MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Nova de Famalicão, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, SARL, a que se refere o processo 8/57009, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Nine, concelho de Vila Nova de Famalicão, de uma linha aérea a 15 kV, com 584 metros, do apoio n.º 19 da linha Nine-Arentim (2.º troço) ao P. T. de Nine-Quintães, da Cooperativa Eléctrica de Vale d'Este.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 6 de Abril de 1976.

S.  R.
MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, SARL, a que se refere o processo 8/56167, arquivo 4, para o estabelecimento no lugar de Igreja, freguesia de Cortegaça, concelho de Ovar, de uma linha aérea a 15 kV, com 87 metros, do apoio n.º 37 da linha de Cortegaça da Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal, ao Posto de transformação de Cortegaça-Igreja, pertencente à Câmara Municipal de Ovar.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 25 de Março de 1976.

S.  R.
MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sines, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, SARL, a que se refere o processo 8/55359, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Sines, de uma modificação da linha aérea a 30 kV para o posto de transformação da Câmara Municipal de Sines em Monte Feio (Águas), passando a ter 760 m e a derivar do apoio n.º 118 da linha Santiago-Sines II.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 6 de Abril de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Marrocos e Mauritânia dividem o Sara

RABAT, 14 (R.) — Marrocos e a Mauritânia dividiram entre si o Sara Ocidental, último acto do acordo alcançado em Novembro passado quando a Espanha concordou em ceder o território a estes dois países norte-americanos.

O acordo foi assinado no palácio real na presença do rei Hassan de Marrocos e do presidente da Mauritânia, Moktar Ould Daddah.

O acordo dá à Mauritânia menos de um terço do território de 265 000 quilómetros quadrados, e a Marrocos região economicamente mais valiosa, as vastas minas de fosfatos em Bou Craa.

De imediato desconhece-se se a Mauritânia terá participado nas minas no âmbito de um acordo de cooperação económica assinado na mesma ce-

rimónia pelos ministros dos Negócios estrangeiros, Ahmed Laraki, de Marrocos, e Hamdi Ould Mouknass, da Mauritânia.

A Frente de Libertação Polisário, apoiada pela Argélia, pretende a autodeterminação do Sara Ocidental; que declarou como República independente. A Argélia e alguns outros membros da organização de Unidade Africana reconheceram a frente).

O acordo estabelece formalmente a soberania de Marrocos e da Mauritânia sobre o Sara Ocidental, que se torna parte integral dos dois países.

Prolonga o território marroquino 610 quilómetros para sul, enquanto a fronteira avança 340 quilómetros para norte e os dois países se tornam vizinhos.

A fronteira entre os dois Estados corre agora para leste, a partir de Dakhla (Villa Cisneros), na costa atlântica, por cerca de 120 quilómetros, e depois para sueste, a partir do oásis de Bir Enzaran, por 160 quilómetros.

Dakhla, a única cidade de alguma importância na área da nova fronteira, fica incluída na Mauritânia, e Bir Enzaran torna-se posto fronteiriço marroquino.

Esta semana, o rei Hassan nomeou governadores para três províncias da parte marroquina do Sara.

Duas províncias situam-se no norte, com El Aaiun e Samara como seus centros, e a terceira no sul, ao longo da fronteira mauritânica, com a localidade de Bojador como seu centro.



Uma jovem mãe da localidade dinamarquesa de Sonderborg distraiu-se por momentos a ver uma montra junto de um cais. Foi o tempo suficiente para o vento empurrar o carrinho com o bebé de forma a fazê-lo cair na água. Pessoas que passavam na altura acorreram no entanto prontamente e «pescaram» o carrinho, salvando a criança ameaçada de afogamento

Polícia reforçada para impedir novo Maio de 68

PARIS, 15 (R.) — Grandes reforços da Polícia chegaram a Paris para impedir que manifestações estudantis, marcadas para hoje, se transformem numa repetição da revolta de Maio de 1968.

A União dos Estudantes da Esquerda pediu a realização de manifestações em todas as grandes cidades francesas contra planeadas reformas educacionais do Governo. Aguarda-se que cerca de 50 000 estudantes participem na marcha de Paris, que começa na Praça da Bastilha.

As autoridades receiam que os protestos se possam transformar numa repetição das desordens de 1968 que quase derrubaram o Governo.

A ideia por detrás de reformas preconiza que as

Universidades tenham mais cursos utilitários que satisficam as necessidades de emprego, mas muitos estudantes atacam os planos considerando-os demasiado selectivos e orientados a favor do patronato.

Dirigentes estudantis em Amiens pediram, no último fim-de-semana, uma greve em todas as 75 Universidades da França, que têm uma frequência de cerca de 800 000 alunos.

A paralisação afectou entre 35 a 40 desses estabelecimentos de ensino, anunciando-se que cerca de três quartos dos estudantes boicotaram as aulas.

O auge da campanha é o Dia de Acção de hoje que deverá ajudar a fazer uma ideia acerca do apoio que tem este movimento de protesto.

Eleições gerais em Itália dependentes de conversações

ROMA, 15 — SAbem-se-à hoje se a Itália tem qualquer possibilidade de evitar eleições gerais prematuras.

Essa informação é aguardada, após uma nova série de conversações entre os políticos.

Para hoje estão marcadas reuniões de dirigentes do Partido Democrata Cristão, que ocupa o poder, e dos socialistas.

Ponderarão a alternativa para uma consulta às urnas — qualquer espécie de cooperação para debelar a grave crise económica que a Itália atravessa e outros problemas entre os partidos.

A reunião dos democratas-cristãos rebruchar-se-á sobre uma proposta do secretário do partido, Benigno Zaccagnini,

para que vençam a relutância que têm de tratar com os comunistas, pelo menos, indo tão longe como estabelecer uma troca limitada de ideias.

Os socialistas, na sua reunião, terão de resolver se podem aceitar essa proposta ou qualquer outra decisão tomada pelos democratas-cristãos.

Os socialistas e os comunistas afirmaram que a única alternativa para eleições prematuras é uma plataforma comum entre todos os partidos que fornecesse uma base segura a um Governo até ao fim da actual legislatura, marcada para a próxima Primavera.

Contudo, o regresso inesperado, ontem, do direitoista veterano Amintore Fanfani a uma posição dominante nas fileiras dos democratas-cristãos parece dissipar quaisquer esperanças de um compromisso com a esquerda.

Fanfani foi eleito para o in-

fluente cargo de presidente do conselho nacional ou parlamento dos democratas-cristãos.

Para muitos italianos, os últimos acontecimentos pareciam uma variação de um jogo intrincado em que os principais partidos do país parecem estar empenhados desde que a actual crise surgiu, há duas semanas, por causa de uma polémica sobre o aborto.

O nome desse jogo é assacar a responsabilidade pelas eleições a outro partido.

O partido que peça formalmente a dissolução do Parlamento estaria a sujeitar-se, desde logo, a acusações de irresponsabilidade política por mergulhar o país numa campanha eleitoral numa altura de crise económica sem precedentes.

Sondagens recentes à opinião pública indicam que os comunistas têm boas hipóteses

de ocuparem o poder em consequência da próxima consulta às urnas. No entanto, a última coisa que eles querem é dar a impressão de que estão a fazer uma tentativa para o conseguirem.

Oficial inglês acusado de suborno

LONDRES, 15 (ANOP) — Um tenente-coronel do Exército britânico foi acusado de conspiração em ligação com investigações sobre um caso de suborno.

Responsáveis governamentais afirmaram que este caso pode defenecer num grande escândalo de suborno, para a obtenção de contratos com o Ministério da Defesa britânico.

Detectives que têm estado a investigar os contratos efectuados nos últimos dois anos pelo Ministério da Defesa detiveram o tenente-coronel David Randel, de 40 anos, num aquartelamento do corpo real de transmissões, a 48 quilómetros a sudoeste de Londres.

Randel foi ontem acusado de conspirar, juntamente com outros militares, para receber dinheiro pela adjudicação de um contrato para fornecimento de equipamentos de telecomunicações, entre 1 de Janeiro de 1971 e 31 de Outubro de 1972.

Randel foi libertado sob fiança.

Caleidoscópio

■ NOVA DELHI, 15 (ANOP) — A União Indiana vai enviar um embaixador para Pequim, restabelecendo assim as relações diplomáticas com a China, depois de uma interrupção que se prolongou por 14 anos — anunciou hoje no Parlamento o ministro indiano dos Negócios Estrangeiros, Y.B. Chavan.

■ NEUQUEM (Argentina), 15 (ANOP) — Trinta e sete pessoas morreram ontem na explosão de um aparelho que sobrevoava a Argentina.

O avião transportava 34 operários de uma empresa esatol de petróleo e tinha três tripulantes, encontrando-se em viagem de Rincón de Los Sauces para Cutralco.

■ NEWCASTLE (Inglaterra), 15 (ANOP) — Os médicos lutam para salvar a vida dos quatro sobreviventes dos sextuplos nascidos ontem de manhã num hospital inglês.

As crianças — três rapazes e três raparigas —, prematuros de mais de dois meses, nasceram por cesariana. Poucas horas depois, duas das raparigas morreram devido a compli-

cações respiratórias.

Entretanto, a mãe Christine Price, de 30 anos, cujo estado de saúde causava ontem preocupações, registou algumas melhoras.

■ MOSCOVO, 15 (R) — O julgamento de Andrei Tverdokhlebov, um soviético empenhado na campanha dos direitos humanos, recomeça hoje em Moscovo, após a inesperada detenção ontem do seu amigo Andrei Sakharov, laureado com o Prémio Nobel da Paz.

Sakharov e sua mulher Elena foram detidos temporariamente pela Polícia quando pretendiam assitir a outro julgamento, que se iniciou ontem, na cidade siberiana de Omks.

■ MANILA, 15 (ANOP) — Os três guerrilheiros muçulmanos que desviaram um avião das linhas aéreas filipinas restituíram o restate de 300 mil dólares, além de terem libertado os reféns em troca de asilo político na Líbia — revelou hoje em Manila a filha de um dos reféns, o vice-presidente executivo da companhia filipina, Rafael Igoa.

Combates no Líbano causaram 72 mortos

BEIRUTE, 15 (R.) — Intensificou-se a luta no Líbano, durante a noite, o que representa uma ameaça para iniciativas com vista a uma solução política para a guerra civil, que se trava há um ano.

Milícias rivais dispararam granadas, foguetões metralhadoras através das frentes de batalha de Beirute e noutras áreas, ignorando o cessar-fogo, imposto há 13 dias.

Um posto de rádio de Beirute, apoiando exigências para a demissão do presidente direitoista Suleiman Franjeh, anunciou também luta violenta na região montanhosa a leste da capital e no Norte, nos arrabaldes do porto de Tripoli.

A trégua, declarada pelas forças da esquerda sob pressão da vizinha Síria, não foi abandonada formalmente por qualquer das facções em luta.

Segundo fontes policiais, os combates travados ontem cau-

saram, pelo menos, 72 mortos e muitos feridos.

Contudo, a trégua está rapidamente a perder credibilidade por causa da continuação dos combates entre direitoistas e esquerdistas e da aparente falta de progresso na frente política.

Franjeh, cuja demissão é exigida pela esquerda e pela maioria dos deputados, não assinou ainda uma emenda constitucional permitindo-lhe que resigne do seu cargo antes de expirar o mandato, em Setembro.

A confusa situação é complicada ainda mais pela disputa entre a esquerda libanesa e Damasco, que está empenhada activamente na concretização de um acordo político.

Jornais de Beirute anunciam hoje que Yasser Arafat, o chefe dos guerrilheiros palestinos, deveria visitar hoje Damasco, para tentar sanar a disputa.

trabalhadores
de teatro da
CASA DA COMÉDIA
**OS ENCANTOS
DE MEDEIA**
ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA
(O JUDEU)
enc. norberto barroca

terça a sábado 21,30 h
domingo só às 18 h.



r.s. francisco borja 24
lisboa 607299

ÚLTIMOS DIAS

Sábado às 21.30 h.
Domingo às 18 h.



USE-A 3 VEZES
POR DIA

FOI SÓ UMA PEQUENA FAÍSCA... E A NOITE ARDEU NUM ABRASADOR SUSPENSE!

O maior edifício do mundo está em chamas. Você está lá no 135º andar. Não se pode descer... Não se pode sair...



O CHEFE DOS BOMBEIROS **O ARQUITECTO**

STEVE McQUEEN PAUL NEWMAN WILLIAM HOLDEN FAYE DUNAWAY

A TORRE DO INFERNO

(The Towering Inferno)

FRED ASTAIRE SUSAN BLAKELY RICHARD CHAMBERLAIN JENNIFER JONES O.J. SIMPSON ROBERT VAUGHN ROBERT WAGNER

Produção de IRWIN ALLEN Realização de JOHN GUILLERMIN Argumento de STIRLING SILLIPHANT Música de JOHN WILLIAMS

Baseado nos romances "THE TOWER" de RICHARD MARTIN STERN e "THE GLASS INFERNO" de THOMAS N. SCORTIA

FRANK M. ROBINSON "We May Never Love Like This Again" canção de MAUREEN McGOVERN 20th Century Records

TIVOLI HOJE, às 21.15, ESTREIA **PATHÉ**

Espectáculos

"O Messias" no mosteiro de Alcobaça

O concerto «O Messias», de Haendel, será hoje apresentado no mosteiro de Alcobaça pelas 21.30 h., num espectáculo promovido pela Fundação Gulbenkian e Comissão Municipal de Turismo de Alcobaça.

Considerado uma das mais belas e grandiosas obras do repertório coral-sinfónico de todos os tempos, «O Messias», será interpretado pelo coro e orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro John Eliot Gardiner, e terá como solista Jane Manning (soprano), Helen Walts (contralto), Wynford Evans (tenor) e José Oliveira Lopes (barítono). A entrada é livre.

Cinema de Intervenção terá 80 sessões no Estoril

O Festival de Cinema de Intervenção, denominado «Mostra Internacional de Cinema de Intervenção Portugal 76», terá cerca de 80 sessões, de 1 a 9 de Maio, no antigo Casino do Estoril.

Organizado pelo Centro de Intervenção Cultural (CIC), com o apoio da Junta de Turismo da Costa do Sol, o festival destina-se a reunir e divulgar aquele tipo de cinema e sobretudo incentivar a sua distribuição em Portugal, onde ficarão cópias de muitos dos filmes a ser exibidos.

Este é o primeiro festival do género a ser realizado em Portugal, e inclui filmes de todo o mundo, versando vários temas, designadamente colonialismo, lutas de libertação, lutas operárias, fascismo e repres-

são, emigração. Haverá filmes realizados em África, nos Países Árabes e América Latina e ainda uma série de produções feitas em Portugal após o 25 de Abril.

Pioneiros do cinema de intervenção como Joris Ivens, René Vautier e delegações de vários países, já garantiram a sua participação na «Mostra» do CIC. Para além da projecção de filmes, haverá debates com os seus autores e diversas exposições. Funcionarão duas salas, cada uma com a capacidade de cerca de 400 pessoas.

É esta a primeira realização do CIC que deste modo pretende difundir um tipo de cinema ainda desconhecido em Portugal e que tem um carácter informativo sobre diversos problemas e países.

"Verdade e meia" no Porto

A secção de teatro do grupo «Os Modestos» do Porto vai apresentar, ainda este mês, uma peça baseada num texto de Orlando Neves, intitulada «Verdade e meia».

O espectáculo foi encenado por Oreste Guedes e aborda a «decadente moral burguesa e os problemas da mulher duplamente explorada na sociedade capitalista».

Concertos Populares

Os concertos populares organizados pela Junta de Turismo da Costa do Sol, que têm lugar aos domingos no auditório do Pavilhão de Congressos do Estoril, prosseguem no próximo dia 18 às 17 h., com apresentação do Quarteto de Cordas de Lisboa que interpretará Mozart, Stravinsky e Ravel.

Entretanto, o programa prevê para o domingo 16 de Maio, também pelas 17h. um recital de canto por Isabel Mallaguer-

ra e guitarra por Pineiro Nagy, que interpretarão obras de Frescobaldi, Weiss, Scarlatti, Farkas Brouwer, Villa-Lobos, Falla, Malipiero e Ruiz-Pipó.

Até Novembro, teremos oportunidade de assistir a espectáculos com Olga Pratts, Orquestra Sinfónica Juvenil, Andrew Sweeney, Anabela Chaves, Maria Malafaia, Coral Phydellius, Convívium Musicum, Eduardo Luzena, Fernanda Salama, Adácio Pestana, Artur Moreira, Manuela Gouveia, José Oliveira Lopes e Orquestra Gulbenkian.

O programa inclui obras de Lopes Graça, Brahms, Bomtempo, Cimarosa, Haydn, Beethoven, Marcello, Bach, Vivaldi, Haendel, Britten, Jacobs, Jannequin, Gesualdo, Monteverdi, Lopes Morago, Duarte Lobo, Brahms, Hindemith, Poulenc, Nic-Cumell, Mozart, Schubert, Ravel, Bela Bartok, Poulenc, Luis Costa, Berg, Copland, Bozza, Saint-Saens, Busser, Wugy, Chopin, Falla, Prokofiev e Strauss.

PUB

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Esta Empresa aceita propostas até às 17 horas do dia 30 de Abril, na Secção de Compras, Avenida de Berlim — Olivais, para a compra de Materiais Diversos, que poderão ser vistos nas instalações do Beco do Fogueiro — Campo de Ourique.

Para mais esclarecimentos poderão dirigir-se à Secção de Compras.

Lisboa, 13 de Abril de 1976

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Presidente da Comissão de Fiscalização

Eng.º João Bau

Novo grupo de teatro

estreia em Alenquer

O Grupo Teatro Cooperativa Colóquio, de Alenquer, estreia no próximo dia 18 de Abril, às 21.30h., a peça «A noite de 28 de Setembro» de Richard Demarcy, numa encenação de Ildefonso Valério. Trata-se do primeiro trabalho deste grupo que pretende levar o teatro às aldeias e às fábricas da região. A peça será levada à cena na vila nos dias 24 e 2 de Abril e iniciará, em seguida, uma digressão no concelho.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º Lisboa - 1 Telefones: 770274-763276-770066

MOÇÃO

Os trabalhadores das empresas rodoviárias nacionalizadas, através dos seus Órgãos Representativos, procederam à análise crítica do Projecto de Estatutos da Rodoviária Nacional, Empresa Pública que virá substituir as empresas nacionalizadas do sector. O Projecto é da autoria da Comissão Coordenadora e Instaladora da Rodoviária Nacional (CCIRN) e deveria ter tido a participação activa dos trabalhadores, através de um Grupo de Estudos, que se previa com intervenção a nível de Ante-Projecto, mas que apenas teve com o redactor por parte da CCIRN duas únicas reuniões, cujo conteúdo e resultado não ultrapassaram as generalidades banais e em que se evidenciou a dificuldade da CCIRN em encontrar uma linha de orientação, face à indefinição das políticas globais.

Procederam à análise norteada por uma visão objectiva da situação, quer no contexto político nacional, quer na perspectiva dos seus interesses como trabalhadores, pretendendo defender um equilíbrio entre as várias realidades em cotejo, sem privilegiar nenhuma delas, nem sequer a que mais directamente os podia interessar.

Como resultado fizeram entrega na CCIRN de uma contraproposta que reflete as posições assumidas em Plenário.

Constatam com surpresa e arrependimento a falta de receptividade às suas posições por parte da CCIRN e do Subsecretário do Estado dos Transportes, em reunião conjunta, com a agravante de representar, no que toca à CCIRN, o arrempo da reunião assumida, quando da entrega da contraproposta, que considerou globalmente correcta, excepção feita à composição do Conselho de Gerência.

Face à situação descrita, os trabalhadores das Empresas Rodoviárias Nacionalizadas, através dos seus representantes reunidos em Plenário, aprovaram por ACLAMAÇÃO, a seguinte

MOÇÃO

— Considerando a justiça da sua posição;

— Considerando a existência de, pelo menos, um estatuto de empresa pública já aprovado e publicado (CIMPOR-Cimentos de Portugal, Empresa Pública) que consagra soluções próximas das que defendeu;

Considerando o risco de deixar simplesmente a uma lei de controlo operário, ainda desconhecida, a defesa dos seus interesses.

MANIFESTAM A SUA FIRME DISPOSIÇÃO DE NÃO ABDICAREM DA CONSAGRAÇÃO ESTATUTÁRIA DOS MECANISMOS DE DEFESA E DE INTERVENÇÃO QUE CONSTAM DA SUA CONTRAPOPOSTA DE PROJECTO DE ESTATUTOS, RESERVANDO-SE O DIREITO DE ASSUMIR AS POSIÇÕES QUE VIEREM A CONSIDERAR CONVENIENTES NO CASO DE SEREM MARGINALIZADAS AS SUAS TOMADAS DE POSIÇÃO.

Lisboa, 13 de Abril de 1976.

ADÓQUE
teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80

M. 18 ANOS

VEJA O MAIOR EXITO DO TEATRO MUSICADO

E ESTEJA EM CASA ANTES DA MEIA-NOITE

TARAN-TAN-TAN NÃO ENCHE BARRIGA

AS GARGALHADAS QUE É URGENTE DAR

HOJE ÀS 21.30 HORAS

SÁBADO E DOMINGO ÀS 20.30 H. E 22.30 H.

DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

passaportes

Um serviço a que a STAR responde rapidamente e com eficiência.

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
LISBOA: ALBUQUERQUE, RUA DE S. CARLOS, 111 TEL. 367501
ESTORIL - FARO - PORTO - FUNCHAL

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"A jovem assassinada" de Roger Vadim



Roger Vadim (à esquerda) e Mathieu Carrière num momento de «A jovem assassinada»

Titulo original: La femme fille assassinée
Realização, argumento e diálogos: Roger Vadim (França-Alemanha-Itália-74)
Fotografia: (Eastmancolor) Pierre William Gien
Música: Mike Oldfield
Interpretação: Sirpa Lane (Charlotte), Roger Vadim (Georges), Mathieu Carrière (Eric), Michel Duchaussoy (Sergé), Elizabeth Weiner (Elizabeth), Alexandre Astruc (Guy), etc.
Distribuição em Portugal: Rivus Cinema: Satélite
Classificação: Interdito a menores de 18 anos

Espécie de Casanova público do cinema francês, Roger Vadim teve um dia a sorte de dar com Brigitte Bardot e de a ter lançado no cinema. O seu destino estaria marcado. Cada nova conquista, cada novo filme, Vadim iria fazer a pouco e pouco uma carreira, sempre ligada ao nome de actrizes, e elas foram, além de Bardot, Annette Stroyberg, Catherine Deneuve, Jane Fonda... A última conquista entre lençóis do senhor Vadim chama-se Sirpa Lane e por eis um filme com ela a protagonizar.

Habituação-nos a ver estes anos Vadim caminhar num sentido pouco consentâneo com a ideia que fazemos de um autor cinematográfico. Habituação-nos a assistir a vagas manifestações de estilo pessoal entre uma polidez suspeita e um exibicionismo cada vez mais evidente.

Porém este seu último filme em data é de tal modo escancarado à nossa repugnância que julgamos é de pôr ponto final, em definitivo, na categoria dos espertos negociantes pouco escrupulosos e, na verdade, pouco espertos.

É que em *A Jovem Assassinada* o cabotinismo é tão expressivo, o voyeurismo médio-burguês tão evidente, a masturbação tão narcisista que nenhum alibi poderá salvar Vadim do rápido esconjuro.

Por profissão e por prazer, ver cinema é para nós acto quotidiano. Ver cinema e autores comerciais, também, e, pouco nos repugna assistir a um trabalho aplicado funcionalmente correcto de quem não pode, nem pretende, fazer mais do que rodar honradamente alguns filmes menores. Já nos provoca um certo mal estar no estômago, sinais prenunciadores do vômito, assistir a uma desenfreada tentativa de nos convencer de um rico «mundo interior» de uma indigente «estranheza» e «originalidade» que o senhor Vadim por certo julga ser o mundo dos criadores a que tenta colar-se como lapa à rocha. Então va de repetir piruetas, de

nos acenar ao requintado e ao intelectual, quando no fundo é o completo vazio o que lhe preenche a cabeça e este filme. Talvez, no entanto, seja mais secreto e menos complicado o objectivo de Vadim. Talvez que ele, como bom D. Juan, queira simplesmente exhibir a sua última conquista, filmando-a nua em todos os ângulos e posições e «em acção» para

os mais diversos gostos. Talvez que ele, afinal, queira apenas dizer que o seu armazém de «borrachos» continua bem fornecido. O que, finalmente, é um problema dele que pouco tem a ver com cinema. Sirpa Lane, a tal conquista, por sinal um rosto promissor, tem neste filme um infeliz destino que, no fundo talvez, seja o que mereça.

TV ao almoço: "A gruta das fadas"

A RTP inicia amanhã, à hora do almoço, a transmissão de um novo folhetim dedicado a crianças, com o título «A Gruta das Fadas», e que conta a história de duas crianças e dois animais que se vêem envolvidos numa estranha aventura.

As crianças, Pauline e Julien, o cão Bob, e a cabrinha Belle Zelle são os protagonistas na nova série, realizada na TV francesa por Jean-Charles Dudrumet, segundo uma história de Michèle Angot, e filmada na região do Tarn, no sul da França.

Almas sensíveis

Gente de alma sensível são os turistas. Então os que visitam a costa atlântica da Colômbia. Por isso antes do último carnaval a polícia de uma zona qualquer de água azul e brancas areias, pegou em cinquenta garotos que pediam esmola sujando a paisagem e o merecido descanso de alma dos visitantes, e meteu-os num comboio que se dirigia para Bogotá. Depois... Bem, depois logo se veria. De resto, as grandes cidades já são sujas por natureza. Cinquenta mendigos a mais ou a menos...

Também um grupo, este de velhos, desembarcou no mesmo ano em Bogotá. Viviam numa instituição de caridade que tinha grandes dificuldades monetárias. Que fazer se não dizer aos velhinhos que iam dar um passeio à capital, metê-los num autocarro e, chegados à capital, mandá-los descer numa praça pública e arrancar? O que é preciso é ter ideias e coragem para as realizar. Os proprietários da instituição caridosa eram gente corajosa e imaginativa.

DEUS... E OS HOMENS

Por Domingos Porto

Terceira edição aumentada e actualizada com novos capítulos

ACORES e MADEIRA (Turismo-excursões)
POLÍTICA (Partido unificado)
PREVIDÊNCIA (novas estruturas-reformados, etc.)
RELIGIÃO (T. J. - Novo Mundo) Par.º Recus.

em todas as livrarias do País

Distribuidora Livraria OFIR - R. de St.º Ildefonso, 201 - PORTO - Esc. 60500.

Hoje



«Jane Eyre»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e **Um Mundo para Descobrir** — rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
- 19.25 **«A Flecha Negra»** — série filmada, baseada na conhecida obra literária de Robert Louis Stevenson.
- 19.50 **TV Palco** — actualidades teatrais, por Igrejas e do estrangeiro.
- 20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.00 **Campanha Eleitoral** — Partido Popular Monárquico (P.P.M.); Aliança Operária Camponesa (A.O.C.) e Movimento Reorganizador do Partido do Proletariado (M.R.P.P.).
- 21.35 **«Jane Eyre»** — série baseada no conhecidíssimo romance de Charlotte Bronte, com Sorcha Cusack no papel de Jane e Michael Jayston que interpreta o sr. Rochester.
- 22.35 **Auto da Paixão** — representação popular no Domingo de Ramos, contando a morte de Cristo levada pelos habitantes de uma aldeia de Trás-os-Montes, Vilar de Perdizes, concelho de Montalegre.
- 23.55 **Telejornal** — 3.ª edição
- 00.15 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e série filmada **«A Gruta das Fadas»**
- 20.25 **24.º Concurso Internacional de Música (Munique)** — sessão final, com os premiados.
- 21.50 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
- 22.20 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

- 1.º Período — 13.15: Abertura e Telejornal — 1.ª edição; 13.30: Campanha Eleitoral; 13.40: «Túlipa Negra» — série filmada; 13.55: Logo à Noite — cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto e dos Programas da RTP
- 2.º Período — 19.00: Abertura e «Era Uma Vez... Três» — programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; 19.25: Ver; 19.45: Momento desportivo; 19.55: Momento Desportivo; 20.30: Telejornal — 2.ª edição noticiário Campanha Eleitoral; 21.40: Eurovisão — transmissão de Roma das cerimónias da Via-Sacra; 22.15: O povo e a Música — directamente do Porto, um programa de música popular religiosa, pelos grupos das tecediras de S. Honorato (Vila das Aves) e Etnográfico de Moiré (Arouca); 22.40: Telejornal — 3.ª edição; 23.00: Fecho

Devido à solenidade do dia a RTP não transmitirá as rubricas do II Programa.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João do Deus, 13-B - Rua Macau, 8

PUB

Portugal presente na Semana da Moda Masculina em Colónia

DE 27 A 29 DE AGOSTO DE 1976

No plano de actividades do FFE em matéria de feiras e exposições para 1976 foi incluída uma representação do Comércio Exportador Nacional na Semana da Moda Masculina em Colónia.

Através dos anos a projecção deste certame tornou-se cada vez maior deixando de ter importância somente a nível europeu para passar a ter impacto a nível mundial. Tornou-se entretanto um dos mais importantes certames monográficos do ramo que se realizam no Mundo.

As firmas nacionais interessadas em expor no «stand» de Portugal deverão contactar até dia 30 de Abril à Direcção de Serviços de Feiras e Exposições.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101 — LISBOA

Telefs.: 77 77 72 ou 77 77 68

MARIA VITÓRIA

HOJE

2

sessões

(Não aconselhável às a menores de 18 anos) 20.30 e 22.45

A PLURALREVISTA DO POVO PARA O POVO

FORÇA, FORÇA, CAMARADA ZÉ!

SALVADOR MARIA DULCE

HENRIQUE SANTANA

CARLOS GONÇALVES LURDES LIMA ANTÓNIO SEMEDO LUÍS MÁRIO

Atracção nacional:

CIDÁLIA MOREIRA

Num momento da abertura da revista ZITA DUARTE

6.ª FEIRA SANTA DESCANSO DA COMPANHIA

Aos Sábados:

TEATRO INFANTIL às 16 h. (para todos)

«O PRÍNCIPE DAS ORELHAS DE BURRO» Entradas a 10\$00, 15\$00 e 20\$00 (só!)

Desporto

PROVAS EUROPEIAS DE FUTEBOL

Saint-Etienne em Eindhoven justificou viagem para Glásgua

● Liverpool, Brugges, West Ham e Anderlecht: a coerência

Máquina de bem jogar futebol formada por todo um conjunto de «peças» onde se torna difícil descobrir a crucial para desmontar a mais acessorial (de Beckenbauer a Roth ou de Sepp Maier a Hoeness é quase incoerente apontar-se o «crucial» ou o «acessorial»), aquele Bayern de ontem, bávaro até ao mais fino dos capilares, selavam ao mais íntimo que as unhas do pés possam esconder, é efectivamente uam «senhora» e máscara equipa de futebol. Ou de bem jogar futebol.

Ficou provado, ontem, perante 74.800 espectadores, e uma vez mais. Contra os «merengues», um Real de Madrid de Miljanic e Amancio, Pirri e Santillana, para não lembrarmos Netzer e Breitner, singularmente dois germânicos constantemente vaiados por uma falange (a do Bayern) que em matéria de arruaça e impreensão, «fanatismo» ou inveja nada fica a dever aos latinos e aos sul-americanos (conhecemos mal os africanos e asiáticos).

Naturalmente que para uma equipa que é servida por Muller e Beckenbauer, o primeiro a concretizar e o último a organizar, mesmo quando pela frente doze «anjos de branco vestido» têm arreganho, Breitner, Netzer e Sol, não se torna espinhoso eliminar seja qual for o adversário. E foi o que aconteceu no Estádio Olímpico de Munique, ontem, onde não cabia uma agulha. Bastaram dois golos de Muller, e impecabilidade na actuação de Beckenbauer, esforço e atenção de Hansen e Horsman, boa colo-

cação de Maier e dois lances, dois lances que o «carrasco» dos madrilenos, mais eficaz que os servos de Franco que se encarregaram de três bascos e um FRAP em Agosto último, de nome Muller (não é grave repeti-lo) se aprimorou em cedo liquidar (entre os 9 e os 31 minutos da primeira parte da melancia).

Sob a direcção de Clive Thomas (País de Gales) as equipas formaram: Bayern — Maier; Hansen, Schwarzenbeck, Beckenbauer, «cap.», e Horsmann; Dürnberger, Kappellmann e Roth; Rümmerigge, Müller e Höness.

Suplentes: Robl, Anderssen, Torstenson, Kuenckel e Weiss.

Real — Miguel Angel; Sol, Benito, Pirri e Camacho; Del Bosque, Breitner e Netzer; Amancio, «cap.», Santillana e Guerin.

Suplentes: Garcia Ramon, Sanchez Barrio, Uria, Vitória e Aguilar.

Uma única substituição. No Real Madrid. Aos 16 minutos da segunda parte, Santillana (lesionado) por Sanchez Barrio, que foi para quarto-defesa, passando Pirri para o centro do ataque.

Enquanto isto, em Eindhoven o Saint-Etienne lograva um saboroso empate (0-0) ante o PSV, resultado que para nós não deixa de constituir surpresa. Os locais iniciaram o prelúdio com uma velocidade terrível, dispostos em aniquilar completamente os franceses nos primeiros minutos. Os «stéphanois» é que não foram pelos ajustes, suportaram bem aquela carga de cavalaria, recom-

puseram-se, esquematizaram-se, ocuparam os pontos nevrálgicos do campo e, aos poucos, em rápidos e venenosos contra-ataques, equilibraram as operações, levando o pânico às redes confiadas ao internacional Beveren.

O golo de Jean-Pierre Larqué, um especialista em livres, pairava como ameaça na cidade dos holofotes, naquela impressionante torre «Phillips». Os minutos passavam, os PSV enervavam-se, e, entre os postes, Curkovic garantia a inviolabilidade das suas malhas. A escassa oito minutos do termo da partida, o momento mais emocionante do «match»: Piazzola joga a bola inadvertidamente com as mãos, o inglês Taylor (o árbitro) entende que não há razão para castigo máximo e o encontro prossegue. Depois, seria o fim, a festa francesa na Holanda das tulipas e do Ajax em decadência e do Feyenoord obliterado.

Perante cerca de vinte e cinco mil espectadores, as equipas: PSV Eindhoven — Van Beveren; Krijgh, Van Kraay, Stevens e Deykers; W. Van de Kerkhof, Poortvliet, Van der Kylen e R. Van de Kerkhof; Lubse (aos 74 minutos, Dahlquist) e Edstrom (aos 46 minutos, Deacy).

Saint-Etienne — Curkovic; Janvion, Farizon, Piazza e Lopez; Bathenay, Rocheteem (aos 46 minutos Sarraamagna), Larqué e H. Revelli; Synaeghel e P. Revelli (aos 77 minutos, Santini).

ANDERLECH E WEST HAM

Para além do Bayern e do Saint-Etienne, mas na Taça das Taças (e sem esquecer o Brugges e o Liverpool, na Taça UEFA), igualmente o Anderlecht e o West Ham se classificaram para a final (Taça das

Taças).

Os belgas confirmaram no Parc Astrid, através de Van Der Elst e do internacional holandês Rasenbrinck, o triunfo (3-0) alcançado no terreno do adversário, na circunstância o Sachesering, da RDA. Um golo em cada parte e boas exhibições de Ruiter, Thissen, Coek, Rasenbrinck, Ressel e Van Der Elst chegaram para eliminar os «sachs». Arbitrou o conhecido espanhol Sanchez-Ibanez.

No outro encontro, o mais emocionante, o Liverpool, que perdera em Francfort por 2-1, derrotou ontem, na sua cidade, os germânicos por 3-1, com um golo à maior (autor: Trevor Brooking) que lhe valeu estar na final marcada para Bruxelas (estádio do Heysel). Além de Trevor Brooking (dois golos) estiveram ainda em acção no capítulo da finalização, Robson e Beverungen. Paddon, Jennings, T. Taylor e Brooking, nos ingleses, e Reichel, Holzeiben (internacional), Grabowsky e Korbel os «mais» do jogo.

Embora concedendo no seu campo um empate (1-1), o Liverpool, que inaugurou a contenda que o opunha ao Barcelona através de Smith (51 minutos), para os espanhóis empataram no minuto seguinte por Rexach, recuou ao match da Catalunha, onde ganhou por 1-0 há duas semanas, para afastar a equipa de Cruiff. No outro encontro da mesma prova (Taça UEFA), como vaticinaramos ontem, o Brugges superou (1-0) o Hamburgo com quem havia empatado (1-1) há duas semanas. O defesa germânico Kaltz encarregou-se de «afundar» a sua equipa, fazendo o que Le Fevre, Lambert e Van Gool não haviam conseguido ontem.

JÚLIO RODRIGUES

COM DESTINO A FRANÇA

Juvenis e iniciados no mesmo avião (hoje)

As selecções nacionais de juvenis e iniciados partiram esta manhã para França, viajando no mesmo avião a caminho de Paris. Após desembarcarem na capital francesa são distintos os dois destinos das duas formações: os iniciados seguirão para Montagu, nas proximidades de Nantes, e os juvenis rumam para Saint-Malo, no Norte da Bretanha pequena cidade de 44 mil habitantes que sob o estuário de Rance ainda pensa, um dia (como o País Basco e a Catalunha) na autodeterminação.

Concentrados no Hotel Touring, do Estoril, desde o princípio da tarde da passada segunda-feira, treinaram-se no Jamor e na Luz. Houve treinos individuais e de conjunto (juvenis contra iniciados) e o Departamento de Futebol Juvenil contou, também, com a colaboração do árbitro Adelino Antunes, que falou aos nossos jovens futebolistas sobre a missão do árbitro e as obrigações dos jogadores ante o «juiz» de campo.

Três juvenis estiveram ausentes: Xico Silva (Setúbal), Freire (Sporting) e Diamantino

(Setúbal) que, integrados no lote dos juniores que, ontem à tarde, dekrontaram os suíços, só esta manhã se juntarão no aeroporto aos seus colegas.

A caravana que segue para Saint-Malo (juvenis) é chefiada pelo coronel Carrilho do Rosário, e, para além dos jogadores que formarão a nossa equipa viajam ainda o dr. David Sequerra, coordenador-adjunto, Manuel Ferreira, preparador físico, Manuel Rolo, funcionário da F. P. F., dr. Camacho Vieira, médico, e João Silva, massagista. Vai participar no 11.º Torneio Internacional que se realiza naquela cidade, onde se estreou o ano passado, obtendo um honroso quinto lugar.

Os iniciados, a partir de hoje, estarão em Montagu, estreado-se a esse nível em provas europeias como selecção nacional. A caravana é chefiada pelo eng.º Helder Rocha e, para além dos jogadores, viajam o treinador, professor José Moniz, o médico Manuel Pinho, os funcionários da F. P. F. Dulberto da Glória e Temo Barreira, além do massagista Belo.

PORTUGAL

EUROPEU DE RÁGUEBI

Já está em Albi (França), onde participa no Torneio Europeu de Juniores de Raguebi (Série B), a selecção portuguesa daquela categoria. Hoje, o nosso seleccionado, em Chartres, efectuará contra a Polónia o seu primeiro encontro, e na sexta-feira defrontará a Suíça. Domingo, continuando a cumprir o calendário que lhe foi destinado, competiremos com a Jugoslávia.

A representação nacional, como em devido tempo informámos, é constituída pelo eng. Pedro Lynce, seleccionador e chefe da caravana, César Pegado, dirigente, e pelos jogadores: Paulo Reis, Saraiva Lima, Consciência, Duarte Lynce, Albergaria, Saramago, Pimentel, Carlos e Ramada Curto, todos do Agronomia; J. Megre, Pinto de Magalhães e Macieira, C.D.U.L.; Gramacho e Lencastre, C.D.U.P.; Gaspar, do Belenenses; Helder e Claro, do Técnico; Luís Carlos, da Académica; e Gonçalves, do Benfica.

Embora não seja apurada a

forma em que se encontram os nossos melhores raguebistas, responsáveis e adeptos aguardam uma prometedora presença de Portugal por terras de França.

ATLETISMO

Vasco Pereira e Armando Aldegalega serão os atletas portugueses presentes na «Maratona de Amsterdão», a efectuar na Holanda, no dia 8 de Maio próximo. Para a corrida de estrada «Les foules briochines» (em Saint Brienc), prevista para 11 de Abril, a Federação indicou Anacleto Pinto, José Simões e José Sena como representantes portugueses. Cá por casa, teremos a «Taça de Portugal», para lançadores, a 28/29 do corrente e nos dias 17 e 18 de Abril.

REMAR

Para tentar vergar a maré que tenta submergir o ciclismo, foi constituído oficialmente um «Grupo de apoio ao Movimento Nacional do Ciclismo», que é integrado pelo jornalista Guita Júnior, pelo dr. Barreiros de Magalhães e ainda, por Fernando Portela. Gustavo Bessa Gomes, Aristides Martins e Aristides de Almeida.



Foi assim, quando eram decorridos nove minutos, que Muller, com o pé esquerdo (de cujo uso não é especialista) abriu o caminho à vitória do Bayern, que pela terceira vez consecutiva alcança a final dos Campeões Europeus. Para vencer uma vez mais a prova?

TORNEIO DA U.E. F.A. (JUNIORES)

“Relógio” suíço elimina Portugal

Não estava nas previsões de ninguém. Mas quem ontem se deslocou ao Estádio do Mar (Matosinhos) admitirá que lá escândalo terá sido, escândalo é que não foi. Helvéticos como «ponteiros» em ordem e senhores de muita cabeceira, bem organizados na defesa (do de Rappan esteve na retaguarda suíça) e operacionais no meio do terreno, sobrepujaram-se nos momentos capitais aos juniores portugueses afastando-os do caminho da final neste Torneio Europeu (U.E.F.A.) de Juniores.

Dez mil almas viram como aquilo foi, e ficaram estarecidos quando Luthi, aos 33 minutos da parte final da «melancia», repôs tudo como dantes (com retroactivos que iam até Berna, onde igualáramos a zero bolas). Antes, 11 minutos antes, Portugal inaugurara o marcador através da marcação de um livre, que Rodrigues Dias cobrou e o guardaio helvético não segurou. Ai muita gente, já com as unhas roídas, respirou fundo e julgou que a questão estava decidida. Puro engano. Merecida punição para quem tão mal jogou (ou sobranceiramente evoluiu).

Ao intervalo não havia golos. Os portugueses, menos dotados fisicamente, fizeram da rapidez a sua arma. E, tecnicamente superiores, era previsível que «rebastassem» com os frios «relojeiros» suíços. Mas não, aqueles toscos hel-

véticos sustiveram todas as cargas, marcaram melhor Oliveira e Virgílio, recorreram ao contra-ataque e, também possuidores de outro gabarito físico, equilibraram a «fogueira», não desmoralizaram quando sofreram um golo, chegaram ao empate, retiveram as últimas arremetidas dos portugueses e viajam para a sua terra com o apuramento no «papo».

Cerca de 147 contos de receita, arbitragem de John Untig (inglês) coadjuvado por Guilherme Alves e Mário Borges, e as equipas assim formadas:

PORTUGAL — Madureira (Leixões); Rodrigues Dias (Sporting); Francisco Silva (Vitória de Setúbal); Virgílio (Sporting) e José Manuel (Varzim); José Luis (Benfica); Brandão (F. C. Porto), «capitão» e Chalana (Benfica); Jorge Oliveira (Vitória de Guimarães), Freire (Sporting) e Folha (Leixões).

SUIÇA — Liniger (C. S. Chênôis); Adrey (F. C. Minerva); Bucher (F. C. Basel), «capitão»; Weber (F. C. Aarberg) e Kaufmann (F. C. Luzern); Bapst (F. C. Bulle); Bregy (F. C. Raron) e Henry (Vevey Sports); Elia (F. C. Lugano), Luthi (F. C. Biel) e Zwygart (La Chaux de Fonds).

Marcaram os golos: Liniger, aos 22 minutos, na sua própria baliza, e Luthi, quando iam decorridos 33 minutos da segunda parte.

RÁGUEBI INTERNACIONAL

Vitória de Portugal sobre a Polónia (42-0)

ALBI, 14. (Especial para «DL») — Portugal encetou auspiciosamente esta sua participação no Torneio da Europa sob a égide da FIRA derrotando sensacionalmente os polacos, em raguebi para juniores. Vitória copiosa e amplamente merecida, amoldando-se os números à forma como o embate decorreu, com todo o respeito pela diferença potencial que clivou os dois conjuntos.

Iniciando o encontro com determinação férrea, Portugal obrigou os polacos a refugiarem-se no seu compartimento mais atrasado. Ai sobressaiu a débil tessitura de jogo da equipa adversária, e com os nossos raguebistas sempre na dianteira será difícil dizer qual o melhor sector. As linhas atrasadas nem em evidência estiveram, porque muito pouco foi o jogo que lhe chegou. O «melão» primou por não querer apoquentar aqueles sectores, o que não aconteceu, positiva-

mente, para os «retardados» polacos.

Entretanto, recorde-se aqui a forma fria como fomos recebidos nesta cidade, e, igualmente o facto de a Suíça, ausente à última hora, nos obrigar a efectuar, domingo, em jeito de compensação, o encontro apazado contra os jugoslavos. Extra-torneio, amanhã, disputaremos um jogo com os poderosos juniores franceses do Darn. E, para quem quiser saber, podemos adiantar, que ficamos hospedados no seminário franciscano da cidade.

A equipa portuguesa (contra a Polónia, claro) alinhou e marcou: Megre (2 + 2) Saraiva Lima (4) Gramacho (4 + 2) Consciência (4 + 4) Helder Duarte Lince, Pinto Magalhães Pimentel Bernardo (4) Ricardo (4), Claro (4), Luís Carlos (4); Macieira (4) Pedro Gaspar e Diogo.

O resultado na primeira parte era já de 12-0.

Geral

"19 PONTO ZERO-ZERO" SAIU DO AR MAS VOLTA (agora em semanário)

Depois de ser ouvido durante muito tempo, o «19 Ponto Zero Zero», noticiário das 19 horas que era transmitido pela Rádio Renascença, vai voltar a informar, agora sob a forma de um semanário que estará nas ruas a partir do dia 1 de Maio.

Substituído após a devolução da Rádio Renascença à entidade patronal, o «19 Ponto Zero Zero» surgirá impresso, produzido fundamentalmente pelas mesmas pessoas que o apresentavam ao microfone: os profissionais expulsos da R.R. no dia 29 de Dezembro do ano passado pela P.S.P., novamente juntos, desta vez na «Copinfor — Até à Vitória Final», uma cooperativa popular de informação, projecto que já existia e que foi dinamizado a partir de Janeiro deste ano.

Tanto a Copinfor como o seu produto principal, o novo semanário, surgem após a res-

posta positiva que os elementos expulsos da Rádio Renascença receberam nos inquéritos feitos junto às Comissões de Moradores e Trabalhadores que foram contactadas. Além da resposta afirmativa, as CTs e CMs também se envolveram no projecto, sendo as principais fornecedoras de material informativo para o novo jornal.

Depois do lançamento do «19 Ponto Zero Zero» no próximo dia 1 de Maio, o jornal, com 12 páginas, na sua primeira fase, estará nas bancas todas as quartas-feiras, seguindo a linha que vinha sendo mantida pela Rádio Renascença antes da destruição dos seus emissores da Buraca,

DUAS ALDEIAS AMEAÇAM

"O comboio vai parar"

«O comboio vai parar a partir de amanhã» — ameaçam os habitantes das povoações de Casinhos e Oronhe, no concelho de Águeda. E que pretendem? Nada mais nada menos do que uma protecção para a passagem de nível.

E apelaram para as mais diversas entidades: C. P., governador civil, Câmara Municipal

de Águeda. Até agora, o mais profundo silêncio. As populações reuniram-se. Discutiram em plenário. Ao ar livre é bom que se diga, já que foi proibida a utilização de uma sala de aulas da escola, pelo governador civil. E decidiram dar um prazo, que expira hoje. Se não fizerem a guarnição para a passagem de nível... o comboio não passa amanhã.

Apoio à Reforma Agrária

Uma campanha de apoio à Reforma Agrária a iniciar na próxima semana foi anunciada num encontro de colaboradores e activistas da CRARA.

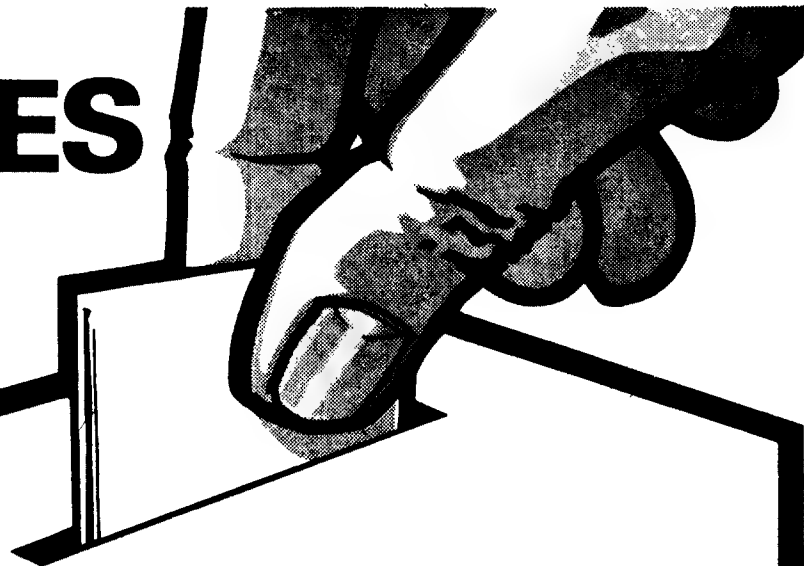
Os promotores da iniciativa lançaram um apelo aos trabalhadores para se unirem contra a reacção em torno dos seguintes pontos: criação de um fundo monetário de apoio à Reforma Agrária, com estatuto próprio e a ser gerido pelos sindicatos de trabalhadores agrícolas; activação e organização de jornadas de trabalho voluntário nos campos; organização de jornadas de trabalho

voluntários nos campos; organização de zonas de consumo colectivo em cada fábrika, escritório, escola, bairro, aldeia, etc; criação de comissões de apoio à Reforma Agrária em todos os locais e mobilização dos trabalhadores portugueses emigrados para apoiarem a Reforma Agrária.

No próximo fim-de-semana proceder-se-á à entrega de alfaias agrícolas, compradas com o produto de quotizações entre trabalhadores, a seis unidades colectivas de produção.

ELEIÇÕES

76



CADA UM DE NÓS UM VOTO

Vamos escolher e votar naqueles que, durante 4 anos, serão os representantes do Povo Português na Assembleia da República.

Embora não seja obrigatório, o voto constitui um direito e um dever cívico. E deve ser exercido directamente por cada cidadão. Somente em dois casos, ele pode ser exercido por intermédio de outra pessoa:

1. Os eleitores ligados a certas funções públicas (membros das forças armadas ou militarizadas, trabalhadores das repartições civis do Estado, das autarquias locais, dos estabelecimentos hospitalares, das empresas públicas ou concessionárias de serviços públicos).
2. Os eleitores que exerçam a profissão de embarcados.

Em ambos os casos, comprovando a impossibilidade de se deslocarem por razões de trabalho, estes eleitores devem nomear os seus representantes legais.

Os cegos e quaisquer outras pessoas afectadas por doença ou deficiência física podem, com a autorização da mesa, exercer o seu direito de voto acompanhadas de uma pessoa da sua confiança.

O segredo do voto é assegurado por lei. Ninguém pode obrigar uma pessoa a revelá-lo. Dentro das Assembleias de Voto, ou nas suas proximidades (até uma distância de 500 m.). Não podemos revelar qual foi ou será a nossa opção. Também não devemos levar para as Assembleias de Voto seja o que for que se identifique com qualquer partido.

O BOLETIM DE VOTO

No dia das eleições, cada eleitor receberá um boletim de voto. No boletim estão impressos os nomes, as siglas e os símbolos dos partidos que concorrem às eleições.

Em cada círculo eleitoral, o boletim de voto apenas contém o número de partidos que aí concorrem. A sua ordem de apresentação foi escolhida por sorteio.

A frente do nome de cada partido, encontra-se um quadrado. Na câmara de Voto, iremos

colocar uma cruz no quadrado que corresponde ao partido que escolhemos.

Voto em branco é o que se apresentar sem qualquer tipo de marcação.

Voto nulo é aquele que se apresentar com mais que uma marcação, com uma cruz no quadrado de um partido que tenha desistido das eleições ou ainda que contenha riscos, palavras ou rasuras.

Vote com a maior clareza possível. Com a maior serenidade.

O TEU VOTO É A TUA VONTADE

COMISSÃO NACIONAL DAS ELEIÇÕES

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNOSTICOS DOS ORGAOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 33, DE 18 DE ABRIL DE 1976

Badaladas — 21x 121 x12 1212; Cardeal Saraiva — 11x 121 x21 11x1; Cavalcada do Ritmo — 111 121 1x1 x11x; Barlavento — 1x1 2x1 1x2 xx1x; Correio de Coimbra — 111 x21 1x1 x21x; Correio do Vouga — 1x1 111 121 xx11; Diário de Lisboa — 1x1 xx1 121 xx1x; Eu Sei Tudo — 1xx 121 121 x1xx; Folha do Domingo — 11x x21 x21 x111; Linhas de Elvas — 11x x1x 12x 111x; Jornal da Lixa — 1x1 1x1 121 11x1; Jornal de Sintra — 1x1 121 x21 x111; Manchete Desportiva — 111 1x1 121 x111; Notícias de Felgueiras — 1x1 xx1 xx1 x1x1; Notícias de Gouveia — 121 2x1 121 x11x; Notícias de Guimarães — x11 x11 12x x1xx; Penalti — 1x1 111 2x1 111x; Presença Coimbra — 1x1 2x1 111 x111; Reconquista — 111 x11 1x1 1111; Renovação — 111 121 121 xx12; Encontro Musical — 111 1x1 121 x111;

A Voz das Beiras — 1x2 111 xx2 2x11; O Distrito de Setúbal — 12x 12x 12x 2212; O Comércio de Leixões — 111 12x 121 x111; O Concelho de Estarreja — 1x1 2xx 1x1 x111; Ecos de Cacia — 1x1 x21 12x x121; Estrela da Manhã — 1x1 x11 121 xx1x; O Jornal de Felgueiras — 1x1 xx1 x21 x11x; Jornal de Notícias — 11x 22x 1x1 xx1x; O Mensageiro — 1xx 11x 12x xx2x; Litoral — 111 x11 121 x11x; Maria da Fonte — 1x1 221 121 1112; Mundo Desportivo — 111 111 12x x1x1; O Norte Desportivo — 111 xx1 121 xx11; Notícias de Chaves — 1x1 x2x 12x xx12; Póvoa de Lanhoso — x11 x11 12x x1xx; Programa Sem Nome — 111 12x 1x1 1112; Quadrante Desportivo — 121 2x1 12x x1x1; Quadrante Norte — 12x x21 121 x111; Rádio Alitude — 111 1x1 121 x111; Resenha

Desportiva — 1x1 1x2 121 1111; A Voz do Domingo — 111 x2x 1x1 xx11; Voz de Lamego — 1x1 121 121 x211; Notícias de Évora — 111 x11 1x1 xx1x; A Voz do Casa Pia — 111 1x1 121 x11x; Alvo Desportivo — 11x xx2 2xx 111x; Auto Rádio — 211 221 xxx x12x; Boletim Desportivo — 11x 1x1 111 2111; Estúdio 64 — x11 22x 121 11x2; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Miscelânea Musical — 112 21x 12x 1121; Montra do Êxito — 1x1 121 111 x11x; Música e Desporto — 1x2 1x1 2x1 x2x1; Placard Desportivo — 1x1 xx2 xx1 x11x; O Primeiro de Janeiro — 1x1 x11 1x1 11x1; Programa da Manhã — 1x1 22x x21 1211; Rádio Alvo — 1x1 22x x21 1121; Panorama — 1x1 x21 121 11xx; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Rádio Sports — 111 121 1xx x111; Só Rádio — xx1 1x2 12x 1x21.

	R E S U M O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. SEVILHA-HÉRCULES	55	4	2	10	1	1	
2. OVIEDO-BÉTIS	30	27	4	6	5	1	
3. SANTANDER-LAS PALMAS	47	11	3	9	2	1	
4. GRANADA-ESPANHOL	26	2	12	5	5	2	
5. A. BILBAU-REAL MADRID	17	19	25	3	4	5	
6. SALAMANCA-SARAGOÇA	43	14	4	8	3	1	
7. ELCHE-GIJÓN	47	11	3	9	2	1	
8. ASCOLI-INTER	6	18	37	1	4	7	
9. CAGLIARI-VERONA	44	14	3	8	3	1	
10. NÁPOLES-JUVENTUS	19	39	3	4	7	1	
11. ROMA-BOLONHA	43	13	5	8	3	1	
12. SAMPDÓRIA-PERÚCIA	42	12	7	9	2	1	
13. TORINO-FIORENTINA	32	22	7	6	5	1	

a) Nos termos do Art.º 102.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será:
111 121 121 X111

Geral

MEDICINA/PORTO

Greve aos testes

PORTO, 15 — Em reunião de curso os alunos do primeiro ano de Medicina do Porto decidiram fazer greve aos testes

de avaliação em virtude de ainda não lhes ter sido dada garantia de continuidade dos estudos para o ano.

«A greve não implica uma recusa de sermos avaliados — consideram os estudantes. Pelo contrário queremos sê-lo mas apenas quando existirem condições reais da criação de paramédicos para combater as carências sanitárias existentes no País.»

Adiantam ainda aqueles estudantes que não foi feito estudo para saber quais as parâmetros mais necessárias às populações.

PEANUTS



TENHO UM PÉ A DORMIR...



OS PÉS NÃO DEVERIAM ADORMECER...



DEVERIAM ESTAR ACORDADOS PARA O CASO DE PRECISARMOS DE IR DEPRESSA A QUALQUER LADO!



marrocos

TANGER
FIM DE SEMANA desde 2.390\$
UMA SEMANA

CIDADES IMPERIAIS

UMA SEMANA

PARTIDAS SEMANAIS AOS SÁBADOS E SEGUNDAS-FEIRAS DE ABRIL A DEZEMBRO
• Aviação da Royal Air Maroc
• Bens hotéis, quartos e banho
• Alojamento e pequeno almoço
• 1/2 pensão, ou pensão completa
• Transporte aéreo/hotel/aeroporto
• Qualidade e economia



RESERVE JÁ!

VIAGENS RAWES

Lisboa-Correspondente: A. B. Bernardino Costa 47
Expediente: Trav. do Corpo Santo 15. 1.º, 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar 72 Tel. 231950

BARES • BOITES

TEREUSANTES
1976

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859/368197. Rosy Strip-tease
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264586/264621/264946

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era moderado de Norte

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA Máxima 23,5°
PENHAS DA SAÚDE Mínima 1,7°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento moderado de Norte por vezes fraco nas terras altas e Litoral Oeste; possibilidade de aguaceiros durante a tarde de amanhã nas regiões fronteiriças do Norte

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 11°
P. DOURADAS
COIMBRA 10°
PORTALEGRE 8°
LISBOA 12°
FARO 15°
FUNCHAL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
4.34 4,4 m	10.15 0,5 m
16.57 4,4 m	22.36 0,5 m
Dia 16	
5.21 4,3 m	10.58 0,6 m
17.42 4,3 m	23.21 0,6 m
Dia 17	
6.08 4,2 m	11.41 0,8 m
18.29 4,2 m	

AMANHÃ
NASCE ÀS 6.59
OCASO ÀS 20.14
DIA-21 DIA 29 DIA 7 DIA 13

O MAIOR REGRESSO !!!

Ele aí está! O "Inspector Clouseau" nunca repete o mesmo erro... Cada vez é um erro novo! E uma nova gargalhada!

PETER SELLERS
CHRISTOPHER PLUMMER
CATHERINE SCHELL
HERBERT LOM



ESTREIA

SÁBADO DE ALELUIA

Às 15,15 - 18,15 e 21,15

a sensacional comédia de BLAKE EDWARDS



PUB

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL COMUNICADO

Informamos os nossos associados que em conformidade com o determinado no Decreto-Lei n.º 274-A/76, publicado no «Diário da República» — i Série, de 12 de Abril de 1976, é considerado feriado obrigatório a próxima Sexta-Feira Santa, dia 16 do corrente.

Lisboa, 13 de Abril de 1976

A COMISSÃO DIRECTIVA
José Eduardo Borges

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE SETUBAL

Camaradas,

A Direcção informa todos os trabalhadores do comércio do Distrito de Setúbal e trabalhadores dos armazéns de mercearia, adegas, águas e refrigerantes dos distritos de Évora, Beja e Faro que o dia 16/4/76, sexta-feira, é feriado obrigatório pela contratação colectiva em vigor para os respectivos sectores.

A DIRECÇÃO

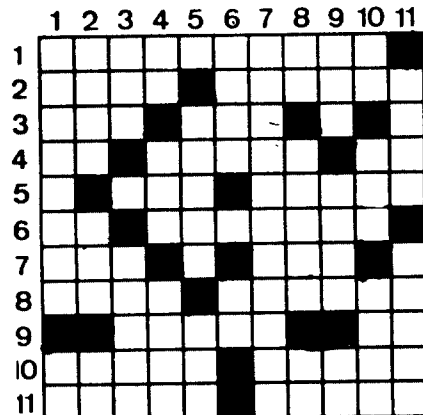
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11 347

HORIZONTAIS:

- Cidade de França.
- Afiançam.
- Torno seco. Letra grega.
- Prefixo de negação. Casa onde se guarda o vinho e outras bebidas. (sq.)
- Três vogais iguais. Prender com elos. Actínio (sq.)
- Trigueira. Colocar.
- Artéria. Executar.
- Dêmos. Limpe com vassoura.
- Queimavam. Vagueie.
- Ave pernalta do Brasil. Isolado. Óleo de sardinha (Prov. minh.).
- Rã (pop). Vê.
- Aterrar.



VERTICAIS:

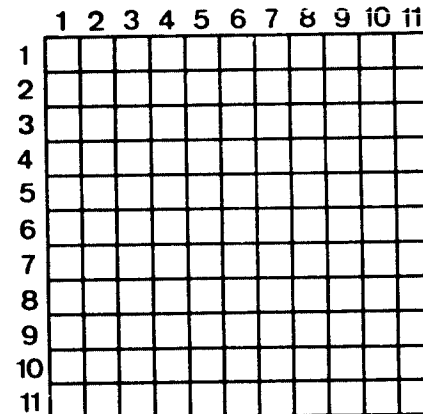
- Vendem a crédito. Assasinar.
- Recusa. Indignar.
- Artigo indefinido. Desviar de um lugar.
- Camareira. Pronome pessoal. Artigo definido.
- Disponhas.
- Espécie de rã. Aguço.
- Brinca. Frâncio (sq). Preposição.
- Lançares o arpejo a.
- Nota musical. Rezara.
- Inflamara. Montão.
- Designassem.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7507

HORIZONTAIS:

- Sacudiremos.
- Sofreguidão. Designa.
- Para harilamento. Mitologia.
- Ruim. Gemera. Preposição.
- Grande. Povo da antiga Germânia, que habita as margens do Reno, nas paragens de Colónia.
- Doutor. Gurnecera de arames.
- Suspiros. Fruto da ateira.
- Ecoas. Mudança de nome.
- Moei os remos. Prefixo que designa afastamento.
- Cidade do Irão. Entre ou penetra em.
- Disfarces. Excepto.



VERTICAIS:

- Notáveis. Actínio (sq.).
- Esfera. Curso de água natural e abundante. Boro (sq.).
- Estimo. Curar.
- Neon (sq). Pedra de altar. Secura.
- Dera mios. Espaço de trinta dias.
- Nome de peixe. Centiare.
- Adubariam (terras).
- Manuscrito. Abaxei. Preposição.
- Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Tempo do verbo ir. Prefixo de negação.
- Estanho (sq). Faz doação de. Bosque.
- Passaros. Percebes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 346

HORIZONTAIS:

- Lascaria. EM.
- Eras. Mio.
- Nio. Pastor.
- Há. Dá. Aarão.
- Cortica.
- Ri. Sarro.
- Amal. Or.
- Celestiais.
- Ara. Sras.
- Baraças.
- Os. DEZEMBRO.

VERTICAIS:

- LENHA. Acabo.
- Ária. E. Eras.
- São. Alar.
- Cs. DORME. Ad.
- Páris. Ce.
- Ria. It. Az.
- Sais. Se.
- Tacadas.
- Morar. Bari.
- Eira. Rosa.
- Mo. Olor. São.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7506

HORIZONTAIS:

- Trigo. Carga.
- Rimo. Sais.
- Aso. Cais. Ms.
- Cl. Magros.
- Sam. Má. Luta.
- Dosa. Vaga.
- Colara. Vapa.
- Amargaram.
- Mir. Óram. De.
- Atomo.
- Quili. Asas.

VERTICAIS:

- Trais. Cem.
- Risco. Itu.
- Imo. Molar.
- Gó. Sam. ML.
- Camarão.
- Saga. Arrá.
- Ir. Gata.
- Asso.ávamos.
- Ra. Sugar. Ma.
- Gim. Tapados.
- Assoa. Ame.

PROVERBIO: EM DEZEMBRO: LENHA E DORME

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Aviz, Av. de Roma, 56-B/C
(T.715370)

AREEIRO
S. Jorge, L. do Leão, 3-A/B
(T.534027)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, R. Alexandre
Herculano, 28-30 (T.40536)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Ascenso, P. Norte, 11-A
(T.311216)

BENFICA
Vilex, E. de Benfca, 373-B
(T.780548)

BOA HORA
Sepol, C. da Boa Hora, 94-A
(T.631958)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R. Infancia, 16, 98-B
(T.688807)

CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Av. Júlio
Dinis, 10, lojas 18 e 19
(T.771661)

GRAÇA
Rosa e Viegas, R. de S. Vicente,
31 (T.864351)

LUMIAR
Central, R. do Lumiar, 77
(T.790480)

PENA
Silmar, R. de S. Lázaro, 128
(T.42829)

SANTA CATARINA
Modelar, L. Dr. Antonio de
Sousa Macedo, 7-A (Poço
Novo) (T.603896)

SABREGAS
Grijó, R. do Grilo, 25
(T.385264)

TURNO C-2

TODA A NOITE

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B
(T.712682)

ANJOS
Confiança, Av. Almirante
Reis, 46-B (T.821653)

AREEIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B
(T.801478); Nova Lisboa,
R. Guilhermina Suggia, 12
(T.727721)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, P. Duque Salda-
nha, 14 (T.41845)

BAIXA
Barral, R. Augusta, 225
(T.361534/5)

BELEM
Remisio, R. dos Jerónimos,
14-C (T.631699)

BENFICA
Benfica, E. de Benfca, 678-E
(T.702532)

CAMPOLIDE
Central, R. General Taborda,
17 (T.680304)

MADRAGOA
Nunes Simões, R. do Que-
lhas, 1 (T.661275)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira,

140-B/C (T.720703/728395)

OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, R. Cida-
de de Benguela, lote 300
(T.311091)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Av. Ressano
Garcia, 7-A (T.571451)

SETE RIOS
Laranjeiras, R. Filipe da Ma-
ta, 160-162 (T.761035)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Gran-
jo, 2 (T.2113953)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pin-
to, 184 (T.2432034). Até às
22 horas

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos
Reis, 98 (T.2430090). Toda a
noite

NOVA OEIRAS
Leal, Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central, Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sa-
boia, 29-B (T.260085). Até
às 22 horas

PARADE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-
C (T.2471785)

AMOREIRA
Amoreira, Até às 22 horas

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque,
3 (T.260191). Toda a noite

CASCAIS
Cascais, R. Conde de Monte
Real, B. das Caixas
(T.282407). Até às 22 horas;
Misericórdia, R. Regimento
19, 41 (T.280141). Toda a
noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, 9-B
(T.932756); Central, Av. Car-
doso Lopes, 25 (T.932210);
Igreja, P. da Igreja, 22-A
(T.937740); Jardim, Av. Con-
de de Oeiras, 120 (T.938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do
Amaral, 2-A (T.970461)

QUELUZ
Queluz, Av. Miguel Bombar-
da, 123-A (T.951841)

CACÉM
Guerra Rico, Aguaiava

MEM MARTINS
Miranda Garcia, E. de Mem
Martins, 173-B (T.2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Misericórdia, (T.2930391) Vila

COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos San-
tos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa,
8 (T.204250)

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Lei-
ão, 8-B (T.2750242)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional,
244-A (T.2040141)

BARREIRO
Pimenta, R. Cons. Joaquim
António de Aguiar, 259
(T.2073012)

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
Silva Rocha, P. da Repúbli-
ca, 16 (T.239029)

MONTUJO
Montepio, R. Almirante Reis,
93 (T.2310035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis,
21 (T.2233028)

SETÚBAL
Marques, R. Arronches Jun-
queiro (T.22783); Bonfim,
Av. Rodrigues Manito, 12
(T.24558)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51
(T.2218580)

PORTO

TURNO 21

ATÉ ÀS 22 HORAS

Campos, R. Padre Luis Ca-
bral, 943, Foz. Alves Morei-
ra, Av. Rodrigues de Frei-
tas, 167. Clerigos, R. dos
Clerigos 36. Cruz, R. de Cos-
ta Cabral, 1082. Monte dos
Burgos, R. do Monte dos Bur-
gos, 802. Aliança, R. da Con-
ceição, 2. Guarani, R. Pedro
Hispano, 367. Menezes de
Lima, P. Dr. Pedro Teotónio
Pereira, 227

TODA A NOITE
Lidador, R. do Lidador, 171
Estácio, R. Sa da Bandeira,
120. Botelho, R. da Alegria,
863. Maia, R. do Campo Ale-
gre, 192

COIMBRA

Baptista, P. da República, 9
(T.23747); Estádio, R. do Bra-
sil, 348 (T.24410); Miranda,
P. do Comércio, 41 (T.23261)

cinemas

CASTIL
T.530194 Estreia às 21.15
Int. a men. 18 anos
Catherine Deneuve, Bernadette
Lafont
NOITADAS DE PARIS
(Zig Zag)

IMPERIO
T.555134 15.15-18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Marcello Mastroianni/
Catherine Deneuve
**«O ACONTECIMENTO MAIS
IMPORTANTE DESDE QUE O
HOMEM CHEGOU À LUA»**
2ª Semana

POLITEAMA
T.326305 Hoje às 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
Em continuação de estreia
DECAMERON N.º 2
Sexualmente é uma grande audá-
cia

VOX
T.720808 4.15-16.30-19.00 e 21.15
4ª Semana
DECAMERON N.º 2
Os Contos Eroticos de Boccaccio

ROMA
T.727778 15.30, 18.30 e 21.15
Para todos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
c/ Bud Spencer-Terence Hill

CARLOS MANUEL SINTRA
T.2930394 Às 21 horas
Não acons. a menores de 18 anos
67 DIAS

BIBLIOTECA NACIONAL
18.30, 21.30
Preço 10\$00
O COMBÓIO APITOU 3 VEZES
High Noon
(Fred Zinnemann - 1952)
c/ Gay Cooper, Thomas Mitchell,
Lloyd Bridges, Katy Jurado, Grace
Kelly

LIDO
Não acons. a men 13 anos 21.15
UM VIOLINO NO TELHADO
15.30, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
O SARGENTO ROMPIGLION

1.º Programa
15.00: Pánel da tarde; 17.30: Trans-
missão da Sé Catedral do Porto da
Pontificação da Comemoração da Ceia
do Senhor; 19.00: Campanha eleitoral;
20.30: Orquestras; 21.00: Pánel da noite;
23.30: Programa desportivo; 00.00:
Último jornal; 00.30: Retrospectiva;
01.00: Saída e encerramento dos Re-
gionais do Porto, Norte 1, Coimbra,
Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta
Delgada e Horta — música na noite;
02.00: Música na noite.

2.º Programa
16.00: Que quer ouvir?; 17.00: Mú-
sica sinfónica; 18.00: Música de piano,
de Grieg; 18.30: Um poema sinfónico;
19.00: O canto e os seus intérpretes,
por Maria Helena de Freitas; 20.00:
Música sinfónica; 21.00: Música sacra,
de Rossini; 22.00: Concerto de câma-
ra; 23.00: Mudança do MF 2 de Mono
para Estéreo — música de câmara;
23.40: Intercâmbio musical; 01.00: Fe-
cho.

3.º Programa
16.00: Emissão nacional — ela por
elas — casos ao acaso, de Orlando
Dias Agudo (repetição); 16.30: Vamos
ao médico, com dr. José Matilde (re-
petição); 18.00: Emissão nacional —
contacto — teatro trágico, dos Pa-
driantes de Lisboa; 20.15: Folhetim: «A
Queda de um Anjo» (repetição); 21.00:
Música, so musica; 21.30: Quando o
telefone toca; 23.00: A música e as
vozes.

4.º Programa
16.00: Música variada; 17.00:
Canções; 18.00: Apenas música; 19.00:
Em órbita; 20.00: Orquestras; 21.00:
Concerto; 22.00: Jazz; 24.00: Prisma;
02.00: Fecho

CALEIDOSCÓPIO
T.795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Para todos
UM DIA NAS CORRIDAS
Com fabulosos, os únicos, IRMÃOS
MARX um filme de Sam Wood

EDEN
T.320768 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Para todos maiores de 6 anos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Um filme de Franco Rossi
Bud Spencer-Terence Hill
O Espectáculo do ano!
2ª semana

ODEON
T.326283 15.15 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
2ª Semana de sensação
lotações esgotadas
**AS NOITES LOUCAS
DO HOTEL LUI MEL**
c/ Isabella Biagini e
Ninello Davoli
Segredos sexuais revelados por um
huraco escondido

APOLO 70
T.763319 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
**A HISTÓRIA DE FERNÃO
CAPELO GAVOTA**
16ª semana
Hoje às 24 H. Grupo D. M. 18 anos
A CASA SINISTRA

CASINO ESTORIL
T.264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OS COMPLEXOS DE GORTINOY

S. JORGE
1153/4 15.15-18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
«O LADRÃO DE PARIS»
Amanhã às 15.15 e 21.15 (10 anos)
**A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS
OS TEMPOS**

RESTELO
T.610375 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
A CASA DOS DIAMANTES

AVIS
15.30-18.30-21.15
Não acons. a menores de 13 anos
2 Raparigas Num Pijama
um filme de Jean Girault
2ª Semana

ESTÚDIO
15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A INGLESA ROMANTICA
um filme de Joseph Losey
7ª semana

ESTÚDIO 444
T.779095 14.30-16.45-19 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA
2ª semana
c/ Darlene Glória

MUNDIAL
T.538743 15.15, 18.30, 21.15
Para todos
AMARAM-SE UM SÓ VERÃO
Uma história de amor e ternura
que nunca será esquecida

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**NÃO CHORES COM A BOCA
CHEIA**

UNIVERSAL
T.774402 15.00, 19.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
às 15 h. 19 h., 21 h.
(N. acons. men. 13 anos)
CHINA VIZINHA
As 17 h., 23 h.
(N. acons. men. 13 anos)
DEUS, PÁTRIA, AUTORIDADE

CONDES
T.322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A CORRIDA DOS MALUCOS
Pierre Richard-Jane Birkin
um filme louco, louco, louco...

BERNA
T.776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Um filme de Franco Rossi
Bud Spencer Terence Hill

LONDRES
T.801313 14.45, 18.00 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
**CENAS DA VIDA
CONJUGAL**
com Liv Ullmann e Bibi Anderson

ROXY
T.48560 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
JOGOS PARA CASAS INFIEIS
com Pierre Rousseau e Daniel
Veaminik

TIVOLI
T.570596 Hoje estreia às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O maior espectáculo jamais filmado
A TORRE DO INFERNO
c/ Steve McQueen, Paul Newman,
William Holden, Faye Dunaway
Atenção: O filme começa à hora do
espectáculo

ALVALADE
T.897480 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A CORRIDA DOS MALUCOS
c/ Pierre Richard-Jane Birkin
Um filme de Claude Zidi

PATHE
T.821933 Hoje estreia às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O maior espectáculo jamais fil-
mado!
A TORRE DO INFERNO
c/ Steve McQueen, Paul Newman,
William Holden, Faye Dunaway
Atenção: o filme começa à hora do
espectáculo

NIMAS
T.574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Para todos
um filme de Rene Lalorex
O PLANETA SELVAGEM
6 Grandes prémios internacionais

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Família Até Certo Ponto!»

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Força, Força Camarada Zé!»

ADOQUE
21.30 (18 anos)
«Taran-Tan-Tan não enche bar-
riga»

ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Afinal como é»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Ah Kiu»

CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»

VILLARET
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Godspell»

CASA DA COMÉDIA
21.30 (13 anos)
«Os Encantos de Medeia»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«A Jovem Assassina»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Anna, Aquele Particular Prazer»

S. LUIS
21.30 (13 anos)
«O Centro do Mundo»

CINE BOLSO
21.30 (13 anos)
«A caça ao canudo»

EUROPA
21.15 (18 anos)
«Tommy»

PARIS
21.15 (10 anos)
«A Túnica»

JARDIM
21.00 (6 anos)
«O Divino Mestre»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«A Bíblia»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«A Colera do Vento»

IDEAL
21.00 (10 anos)
«Os Três Mosqueteiros»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Futz»

PARADE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Tal Mãe Tal Filha»

ESTORIL
Palácio
21.15 (10 anos)
«Spartacus»

CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«Com Jeito Vai... Na Far-
ra»

LINHA DE SINTRA

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.00 (13 anos)
«Entre Dois Destinos»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Festival Joe Cocker»

ALMADA
Academia
21.15 (6 anos)
«Os Malucos Vão à Guerra»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Com a Minha Mulher Não»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«A Cargada Brigada Ligeira»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Sciwey na II Guerra Mun-
dial»

PORTO/Cinemas

VLAIE FORMOSOS
21.15 (13 anos)
«Um Dia de Sol»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Estado de emergência»

ESTÚDIO FOCO

21.15 (10 anos)
«A Bíblia»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Matulona»

ÁGUA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os dois missionários»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Inspector Martelada»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Os dois missionários»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«24 Horas de Amor»

BATALHA
21.15 (6 anos)
«O Regresso da Pantera Cór
de Rosa»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Cenas da Vida Conjugal»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«A Inglesa Romântica»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«A Torre do Inferno»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Prazeres colectivos»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (6 anos)
«Robin dos Bosques»

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

S. TEOTÓNIO
21.15 (14 anos)
«O 7 O Homem da Pistola
Dourada»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Casamento em Branco»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 165, 1.º, 2.º
TELEF. 64551/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SOBRADO, 41
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Vasco Lourenço ao "Baluarte"

"As F.A. não poderão mais trair-se e trair o Povo Português"

«Penso que, de facto, as Forças Armadas não poderão mais trair-se e trair o povo português, como instituição nacional que são» — declara o brigadeiro Vasco Lourenço em entrevista concedida à revista da R. M. L., «Baluarte».

Perguntado sobre as atribuições do C. R. consignadas na nova Plataforma de Acordo Constitucional, Vasco Lourenço respondeu: «O Conselho da Revolução teve a preocupação principal de ficar garantido o cumprimento efectivo da Constituinte portuguesa. Só assim ele cumpre a sua missão resultante da sua legitimidade revolucionária, e que o obriga a defender a consumação dos objectivos consignados no Programa do M. F. A.»

Também no mesmo número do «Baluarte», o tenente-cônego Firmino Miguel reflecte so-

bre a Lei Constitucional de 11 de Dezembro de 1975. Escreve a dado passo: «Inequivocamente a revolução portuguesa visa estabelecer uma sociedade democrática e socialista, isto é, uma sociedade construída de acordo com as opções democráticas e socialistas limitadamente definidas nos preceitos dos nossos futuros textos constitucionais.»

Referindo-se ao Conselho da Revolução, afirma Firmino Miguel: «É através do Conselho da Revolução, de quem depende por intermédio do C. E. M. G. F. A., que as Forças Armadas vão procurar a definição dos objectivos intermédios e transitórios e as tarefas adequadas, que lhes permitam a concretização efectiva da sua função de garante da condução do País para a democracia e o socialismo.»

Comício do C.D.S. em Beja

Militares e forças de esquerda apelam à serenidade

• Situação calma na cidade

Mantinha-se calma, até hoje de manhã, a situação na cidade de Beja onde graves incidentes ocorridos anteontem provocaram um morto e mais de uma dezena de feridos. Mas a tensão na cidade, patrulhada pela P.S.P. e G.N.R., fazia-se ainda sentir entre grupos de populares, a poucas horas do início do comício do C.D.S., marcado para as 17 horas com a presença de Amaro da Costa e Galvão de Melo.

Face à hipótese de novos incidentes, as autoridades estabeleceram, durante a tarde de hoje, um forte dispositivo de segurança. A coordenação está a cargo de um comando conjunto, constituído pelos comandantes do Regimento de Artilharia de Beja e da G.N.R. e P.S.P. locais. Competirá, no entanto, primordialmente, às duas últimas assegurar a realização do comício e manter a ordem, estando previsto que o eventual recurso a forças do R.A. se faça só em última instância.

Em Évora, um informador da Região Militar do Sul assegurou esta manhã ao «DL» a determinação de garantir a realização do comício do C.D.S. e de manter a ordem por todos os meios ao seu alcance.

Em Lisboa, a direcção do C.D.S. manteve a decisão de realizar aquela reunião política, independentemente do sucedido no sábado, após idêntica iniciativa do P.P.D.

Ainda a este propósito, há a destacar posições assumidas pelo P.S. e pelo P.C.P., face aos últimos acontecimentos, as quais se aplicam, igualmente, à realização do comício desta tarde.

Para o P.S., em comunicado da sua secção de Beja, «o boicote de partidos da direita, que

não têm representatividade na região, só os faz realçar». Por sua vez, o P.C.P., em comunicado difundido pela S.I.P., faz notar que, embora «os partidos reacçãoários se queixem de que as suas sessões e os seus comícios são boicotados no Sul, nós sabemos perfeitamente que esse boicote é engendrado pelas próprias forças da direita, em colaboração com grupelhos provocadores que fazem o seu jogo — M.R.P.P., A.O.C., P.C.de P. (m.-l), etc. — com o fim exclusivo de lançar trabalhadores contra trabalhadores, de atirar os militares e as forças militarizadas contra o povo, dividir os próprios militares, enfim, criar uma situação que não permita a realização de eleições».

Os apelos à calma e à serenidade feitos pelo P.S. e P.C.P. correm em paralelo com uma acção do Governo Civil de Beja, que alertou para panfletos, identificados e anónimos, que instigam cidadãos a reunir-se em acções tendentes a perturbar o exercício do direito de reunião.

Os acontecimentos dos últimos dias, onde aparece como comprovada a participação de grupos descritos como «ultra-eserdistas e pseudo-revolucionários», tendem a reforçar as posições defendidas pelo P.S. e pelo P.C.P., apontando para o seu aproveitamento pelas forças da direita, quer com vista ao reforço de factores desestabilizadores, que com a publicidade daí resultante para as formações políticas visadas.

Entretanto, esta manhã, não se sabia ao certo ainda quando se realizaria o funeral de Manuel Pratas Palminha, morto nas confrontações de anteontem com forças da P.S.P., uma vez que a autópsia do cadáver,

marcada em princípio para meio da manhã, se encontrava atazada. Punha-se a hipótese de ao atroz (a autópsia é decidida pelo Tribunal e não pelas autoridades médicas) não ser alheia a tentativa de evitar que dois acontecimentos muito próximos — o comício e o funeral — podessem agravar a tensão existente.

Quanto aos indivíduos detidos na sequência dos acontecimentos de sábado passado — João Maria Cavaco, José Alberto e Alfredo Pelica — continuam sob prisão a aguardar julgamento, devendo ter sido hoje ouvidos em tribunal para organização do respectivo processo. Os três detidos, em comunicado ontem distribuído à imprensa e à população de Beja, anunciam ter entrado em greve de fome por acharem injusta a sua detenção. O comunicado denuncia ainda que, enquanto os três permanecem detidos, elementos do P.P.D., envolvidos nos incidentes de sábado, se encontram em liberdade. Diz o comunicado, na passagem referente a este ponto:

«Para conhecimento de todos vós informamos que, quando nós estávamos no Comando da P.S.P., disseram-nos que o «sr.» Castro e Sousa, por ter puxado de uma pistola para o povo, se encontrava preso, mas nós, ao darmos entrada na prisão, verificámos que esse «sr.», assim como outro a quem a P.S.P. tinha tirado a pistola, não se encontravam de facto detidos.»

Delegação à Jugoslávia

BELGRADO, 14 — (ANOP) — A delegação cultural portuguesa, que se encontra de visita à Jugoslávia, foi hoje recebida em Belgrado pelo director-geral-adjunto do Instituto Federal da Cooperação Científica, Cultural, de Educação e Técnica, Oto Denes, anuncia a agência Tanjug.

Açores

Continuação da pág. 1
da Revolução que se deverá realizar na próxima quinta-feira. «Completa harmonia entre o projecto de estatutos e o texto da Constituição» — declarou o ex-deputado independente, Mota Pinto Recordamos que o primeiro projecto, o formulado pela Junta Governativa, foi acusado de favorecer os movimentos separatistas. Uma das pessoas que participou na sua elaboração, foi o dr. Bonjardino, que, sobre esse tipo de acusações, disse esta manhã: «Essas acusações são de pessoas que têm medo e o medo é o meu conselheiro», referindo-se depois ao «espírito de independência que se tem afirmado nos Açores».

Delegado demite-se

Continuação da pág. 1
noutras circunstâncias não reagitei) que se impunham para fazer regressar ao trabalho os 17 «saneados». Em círculos sindicais julga-se que este pedido de demissão daquele delegado (militante do P.S.), poderá causar outras demissões falando-se mesmo doutros membros do Governo afectos ao P.S.).

25 de Novembro

C.R. pode resolver problema dos detidos antes das eleições

«É provável que no próximo Conselho da Revolução (o último a efectuar antes das eleições para a Assembleia da República) seja definitivamente resolvida a situação dos militares e civis que ainda se encontram detidos em Caxias e no Presídio Militar de Santarém» — afirmou-nos, esta manhã, um elemento de toda a confiança da Associação de Familiares dos Militares Revolucionários Presos.

Convém que se recorde que esses militares e civis já se encontram detidos há vinte semanas em consequência dos

acontecimentos do dia 25 de Novembro.

Nomes dos militares e civis a que nos vimos referindo:

Majores Carlos Campos de Andrade, Mário Tomé e Cuco Rosa; 1.ºs sargentos da Força Aérea Álvaro Neves, Manuel Rebocho, Victor Luís Pedro Rasgado, Carmo Vicente (a necessitar de internamento num hospital psiquiátrico) e Jesus Serigado; e Eduardo Rosa Milheiro, Manuel Faustino Pinto, Armando Jesus Cabrita, Mário Santos Gonçalves e Jorge Paulo Baptista Pinto.

Conselho de Ministros

Continuação da pág. 1

Comércio Interno e do Ministério da Agricultura e Pescas, é criada a Comissão Instaladora do Instituto Nacional do Frio que tem por incumbência «praticar os actos necessários à criação, no prazo de um ano, do Instituto Nacional do Frio, que deverá centralizar, coordenar e dinamizar todas as actividades ligadas ao sector do frio».

Do Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção, um projecto de decreto-lei autoriza o Fundo da Habitação a constituir um programa especial para a reparação de fogos ou imóveis em degradação, visando assim apoiar um programa de subsídios a obras de reparação e conservação do património habitacional nacional público e privado, urbano e rural. A este Ministério e ao da Administração Interna e Obras Públicas, foi aprovado o plano de dotações destinadas a subsídios e compartici-

pações às autarquias locais para obras, melhoramentos e equipamentos.

Foram ainda aprovados impostos sobre os automóveis ligeiros de passageiros procedentes de depósitos francos e aprovado um diploma que torna obrigatório o seguro automóvel.

Noutros projectos de decreto-lei, emanados pelos Ministérios respectivos, é fixada, nomeadamente, os termos de classificação dos vinhos de colheita de 75 da região do Douro, o programa de construção das novas instalações para escolas preparatórias e secundárias, o aumento para 130 mil moedas de uma pataca para o território de Macau e a cunhagem de moeda de prata comemorativa do 25 de Abril de 1974.

O Conselho de Ministros reuniu para a sua próxima reunião uma tomada de decisão sobre os problemas laborais da Editorial República.

Militante do M.R.P.P. preso quando vendia uma "G-3"

Numa esplanada da Avenida da Liberdade, foi anteontem detido Olímpio Manuel Ferreira Mateus, quando recebia a importância de cinco mil escudos, proveniente da venda, na véspera, de uma metralhadora «G-3». O detido é militante do MRRP e já noutras ocasiões fora preso, ao ser encontrado em unidades navais, envergando, indevidamente, uniforme da Marinha.

A detenção, efectuada pela PSP foi consequência de uma «ratoeira» armada pelo comprador e por um companheiro deste, ambos sargentos da Força Aérea.

O Mateus, solteiro, de 21 anos, acabaria por confessar que tinha roubado, há tempos, uma farda da marinha (em data que não se lembra) e, assim fardado, entrara na casa da guarda da Escola da Armada, no Alfeite, roubando ali a «G-3» que trouxe para Lisboa, na in-

tenção de a vender.

Entretanto, e segundo a PSP em processo agora elaborado, «tudo leva a crer que o infractor se introduza nas Unidades com o fim de ali se inteirar da situação e outros pormenores, para depois fornecer elementos ao partido político ou outros».

Além dos cinco contos, que acabou de receber, apreendido um título de propriedade da viatura DA-66-46, pertencente a António Conceição Marreiros, cabo condutor da Armada em serviço no Hospital da Marinha. (Documento furtado de um armário do Hospital).

Ainda de acordo com a PSP, o referido Mateus fazia-se passar por estudante da Faculdade de Medicina de Lisboa, usando fraudulentamente um cartão, onde colocara a sua própria fotografia mas que, na verdade, pertencia a António Manuel da Silva Pereira.

C.R. reúne no dia 21

O Conselho da Revolução reúne no próximo dia 21, quarta-feira, no Estado-Maior-General das Forças Armadas, com a seguinte agenda de trabalhos: «Estatuto de Autonomia Política-Administrativa dos Açores», «Descolonização de Timor», «Apreciação da Si-

tuação Política» e «Serviço Cívico Estudantil».

Círculos próximos do C. R. admitem que no ponto sobre «Apreciação da Situação Política» venha a ser analisada a entrevista do ex-general Spínola, «Descolonização de Timor», «Apreciação da Si-

MAIOMBE: CARTAS NA MESA

Ainda a propósito do singular envio de cartas do E. L. P. a trabalhadores da Maiombe, a que ontem fizemos referência — um pormenor não desprezível: foi participado o caso (com a devida matéria probatória) à Região Militar de Lisboa. Outro ainda: a carta destinada a Manuel Barreto Cortes Nogueira Ramos foi aberta na presença dos jornalistas convocados para a conferência de Imprensa.

ANTES TARDE...

Os chamados círculos bem informados dão como certo o reconhecimento da República Popular de Angola por parte dos Estados Unidos dentro dos próximos dias. Assim, depois de proibir a Gulf Oil de pagar as suas obrigações devidas pela exploração do petróleo de Cabinda, de apoiar moral, financeira e logisticamente a U.P.A./F.N.L.A. de Holden e a U.N.I.T.A. de Savimbi, de exercer pressões junto de membros da O.U.A. e «outros aliados», de estimular a contratação de mercenários, os srs. Ford e Kissinger rendem-se às realidades. Atrás do reconhecimento norte-americano, fatalmente virão outros como o do Canadá, Zaire, Zâmbia e países latino-americanos, submetidos política e economicamente ao «grande irmão do Norte».

CUBANO COM ESTUDOS DE MAIS

O «Chaimite» que no meio da imprensa humorística ou não, surgida nos últimos meses, tem constituído uma notável excepção, não só forma como trata as matérias abordadas como pelas excelentes fontes de informação que revela possuir, publica hoje uma curiosa notícia sob o título: «Refugiado cubano: «O Dia» estraga tudo».

Com a devida vénia vamos transcrevê-la:

«Cais do Sodré — Segundo declarações prestadas por um «homem do leme» desta praça, foi o conhecido jornal (tardiamente) matutino «O Dia» que estragou o «arranjinho» tão laboriosamente montado com o soldado cubano fugido de Luanda, num avião da TAP, e ao qual deveria ter sido concedido asilo político... como prova de que nas hostes dos amigos angolanos do dr. Cunhal a liberdade até obrigava a fugir!

«Com efeito, o jornal do «se bem me lembro» prof. Vitorino Amnésio, perdão Nemésio, disse logo, no dia a seguir, que «tinha telefonado para um cunhado de Alvaral, que vivia em Miami» com a família. Ora foi aqui que os militares (a quem os reações pensam que têm na mão...) começaram a desconfiar.

«Como é que «O Dia» sabia a morada do homem?

— Cubano de Miami, onde é que eu já li isso?! — alguém terá cogitado. Daí a descobrir-se que o rapaz tinha «estudos de mais para ser só soldado» foi um passo. E por causa daquele mau passo, a «jogada» — tão oportuna — tem feito marcha atrás».

O OUTRO
ABRIL

As fracturas

O fluir rápido e contínuo dos acontecimentos, naquele ano decorrido entre os dois Abris, com as correlações de forças políticas e sociais em contínua gestação e transformação, tornando febril e precária a tarefa de criar e experimentar novas instituições, com meio século de fascismo atrás e, ainda mais atrás, uma confusa República de que apenas se recordam os seus 44 governos e 24 levantamentos militares, nada que pudessem servir de ponto de referência, ou sequer de tradição, na construção da nova sociedade — tudo isso tornou inevitáveis profundas fracturas entre as forças democráticas militares e civis.

Ao invés de se tentarem impedir, através de pacientes e atentas mediações, os desequilíbrios das forças democráticas, reforçando o que era absolutamente inédito na experiência portuguesa (uma relação unitária e dialéctica entre partidos políticos democráticos e MFA), agravaram-se constantemente divisões e divergências. Nem sequer o último grande aviso dos revanchistas — o golpe falhado de 11 de Março, alertou a esquerda para a necessidade imperiosa de recompor os equilíbrios rudemente abalados num ano de intermináveis polémicas.

Tínhamos assim, nas vésperas das eleições de 75, de um lado uma reacção unida, organizada, ameaçadora, ainda capaz, apesar das derrotas sofridas nas suas duas tentativas golpistas, de se erguer e atacar; do outro lado, uma esquerda desarticulada, ziguezagueante, cedendo permanentemente à tentação dos oportunismos «esquerdistas» e de direita, incapaz de divergir unida.

É preciso dizer que quando o fascismo caiu, Portugal era um deserto político, se excluirmos a heróica minoria comunista, única força política que podia reclamar-se, nos 50 anos que durou a ditadura, de uma continuidade de luta e organização, e se excluirmos também o PS, ainda muito jovem e desorganizado quando eclodiu o 25 de Abril. Por isso mesmo, é ainda mais de realçar o facto de ter sido possível, numa situação tão instável e difícil como a nossa, derrubar um regime fascista com meio século de experiência do poder e liquidar um império colonial pluricentenário. Este fenómeno testemunha bem a vivacidade dos sentimentos antifascistas do nosso povo, sobretudo se pensarmos que num País tão rico como a França, com uma tradição democrática muito antiga, a questão argelina abalou e subverteu as instituições da 4.ª República francesa.

A 26 de Abril, exceptuando comunistas, socialistas e o movimento unitário CDE, os outros partidos não passavam de siglas, assistindo-se à proliferação pululante de formações políticas improvisadas, sinal certo de um amplo despertar democrático, mas também seguro indicador da fragilidade da textura política e da incerteza das associações e reagrupamentos partidários. O que depois se passou veio a confirmar amplamente o carácter embrionário da nossa democracia, sempre mal condicionada pela tumultuosa indeterminação, por parte das forças progressistas, de objectivos políticos e sociais precisos.

E S

MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS AO "DL":

"Os 250 mil votos do MDP vão tombar na esquerda"

Na tentativa de darmos ao público leitor as várias posições dos partidos políticos empenhados na campanha eleitoral temos vindo a fazer entrevistas e inquéritos aos seus responsáveis. Mas, para além de partidos concorrentes à Assembleia da República, não podemos esquecer movimentos que pela sua importância política quer actualmente quer no passado têm uma palavra a dizer sobre as eleições e sobre elas poderão reflectir. Assim à semelhança do que fizemos já com o MSD (Movimento Social-Democrata criado pelos deputados dissidentes do PPD), publicamos hoje uma entrevista com Felicidade Alves e o arquitecto Mário Casquilho, membros da Comissão Nacional do MDP, eleitos no II Congresso deste Partido. Mário Casquilho e Felicidade Alves, ex-padre que representou durante o tempo do fascismo uma franja progressista da Igreja então comprometida com o regime, definem as linhas básicas da actuação do MDP durante a campanha eleitoral: concentrar mais votos na esquerda, defender a Constituição, caminhar para uma pedagogia política mais que uma maratona de promessas e convicções eleitorais e eleitoralistas.

«DL» — Pensa que o facto do MDP não concorrer às eleições para a Assembleia Legislativa, vai, na realidade, favorecer a esquerda, no domínio das percentagens eleitorais?

Felicidade Alves —

Penso efectivamente que o facto de o MDP não concorrer às eleições encaminha os filiados e simpatizantes do nosso movimento para darem o seu voto noutros partidos. Sendo improvável a abstenção de voto neste extracto de eleitores intensamente politizados, eles irão mesmo às urnas. Conscientes como estamos do que representaria, como destruição das conquistas revolucionárias já obtidas, um voto nos partidos reaccionários da direita, é evidente que a grande massa dos quase 250 000 votos que em Abril de 1975 optaram pelo MDP irão tombar na esquerda. O facto de ser preocupação de todo o movimento não lançar votos «improdutivos» (em relação ao objectivo primordial destas eleições, que é eleger deputados para a Assembleia da República), levará os nossos activistas e simpatizantes a concentrar os seus votos nos grandes partidos de esquerda. Tal atitude não representa um juízo negativo acerca da autenticidade socialista e revolucionária de algumas



Mário Casquilho: «Evitar o regresso do fascismo para defesa da Constituição»



Felicidade Alves: «Concentrar os votos nos grandes partidos de esquerda...»

das pequenas formações de esquerda assim como do valiosíssimo contributo pedagógico que eles dão — ou poderão dar — quer no período eleitoral, quer no amplo período após as eleições, mas somente que não achamos sensato deitar votos nas urnas como se deitássemos água num cesto de vime.

DEFENDER
A CONSTITUIÇÃO

«DL» — Qual vai ser o comportamento do

MDP durante a campanha eleitoral?

Mário Casquilho — Bom, o comportamento do Movimento Democrático Português nesta fase imediata da sua actividade, concretamente durante a campanha eleitoral para a Assembleia da República, decorre das considerações feitas pelo Felicidade Alves.

Terá de ser uma intervenção fundamentalmente pedagógica, se assim podemos dizer.

Não se trata de dar lições a ninguém! Mas sim de tentar pôr as pessoas perante os seus problemas — políticos, económicos e culturais, etc. — e, por outro, mostrar-lhes que esses problemas só poderão ser encaminhados no sentido da sua resolução se vingar, nas próximas eleições, uma maioria de esquerda, isto é, se vingar a democracia.

Na nossa opinião, há uma frente de batalha, neste momento, que é de importância decisiva para a defesa da democracia e para evitar o regresso do fascismo: é a defesa da Constituição. Não quer dizer que não haja outras frentes de batalha do nosso Povo! Mas a defesa da Constituição, no que ela tem de progressista e avançado, afigura-se-nos uma tarefa fundamental. E a Constituição tem de ser defendida cá fora, na actuação diária e permanente dos portugueses e também lá dentro, na Assembleia que vai ser eleita em 25 de Abril. Uma maioria de direita na Assembleia, que por sua vez daria lugar a um governo de direita, fatalmente levaria a uma situação de impasse político com desfecho numa solução de força direitista depois de passar pela interpretação direitista, reaccionária, de todas as disposições constitucionais que, pela sua ambiguidade ou pouca clareza, permitem leituras diferentes conforme os interesses de quem detiver o poder. Daí que, para nós, defender a necessidade de votar na esquerda é, também, defender a Constituição. Defender a Constituição é, também, votar na esquerda.

DEFESA DAS CONQUISTAS
DA REVOLUÇÃO

«DL» — Qual o papel que o MDP poderá e vai tentar desempenhar

Continua na pág. III



PROGRAMA DA L.C.I. (resumo)

No seu manifesto eleitoral, a Liga Comunista Internacionalista (L.C.I.), depois de se referir às actividades das classes trabalhadoras desde 25 de Abril, a nível de empresas, fábricas, bancos e outros postos de trabalho e à sua acção nas ruas afirma:

«Era uma nova autoridade que na rua, nos campos, nas empresas e as fábricas aparecia. Contra a autoridade secular dos grandes agrários, a autoridade todo-poderosa dos industriais, a autoridade policial na rua, contra todo esse velho mundo de repressão e exploração uma outra autoridade despontava: a dos trabalhadores! Uma nova autoridade que repousava a sua força nas armas da unidade e de organização, nos sindicatos, nas comissões de trabalhadores e comissões de moradores.»

Considera-se seguir que seria necessário prosseguir o trabalho encaetado pelas classes trabalhadoras, para concluir a sua análise com as seguintes palavras:

«O caminho que estava traçado... mas não foi por este que enveredaram aqueles em quem a maioria dos trabalhadores tinha confiado.

As direcções social-democrata e estalinista do PS e do PCP — reformistas até à medula — preferiram a conciliação e colaboração com a burguesia. Apostando neste ou naquele general, aliando-se com este ou aquele partido burguês, as direcções dos partidos reformistas foram fiéis intérpretes do papel que a burguesia queria que eles desempenhassem: gerentes da situação até que os verdadeiros patrões pudessem governar directamente.»

O documento tece considerações sobre a «ofensiva burguesa» e «opressão em liberdade», apontando diversos casos como exemplos do que considera «medidas para amordaçar os trabalhadores» refere o pacto CR/Partidos «como um dos elementos-chave desta ofensiva» e afirma que as eleições são «uma falsa capa de democracia», podendo ler-se:

«As actuais eleições não são, pois, mais, que uma falsa capa democrática que encobre a tentativa de consolidação de um regime autoritário ao inteiro serviço da burguesia. Esta espera obter duma forma «legal» para evitar os custos e os riscos de um novo golpe, como no 28 de Setembro e no 11 de Março.

É claro que se o não conseguir pacificamente, utilizará os meios mais violentos para esmagar em sangue as conquistas e as organizações sindicais e políticas dos operários, dos camponeses e de todos os trabalhadores. A trágica experiência chilena demonstra-o.

Mas confiantes nos trunfos que lhes são dados pela cumplicidade das forças políticas reformistas, as forças políticas ao serviço do capital esperam vir a fazer destas eleições a demonstração de força que lhes permita consolidar o seu poder. **Cabe aos trabalhadores tomar essa tribuna para dizerem alto e a om som que estão dispostos derrotar essas tentativas, para dizerem alto e a bom som que a sua verdadeira luta é nas empresas, nos campos, nos bairros que se trava, que querem avançar com ela, que querem ir mais longe.»**

A NOSSA ARMA É A UNIDADE DOS TRABALHADORES

«É possível e necessário construir a unidade de combate de todos os trabalhadores. E só o reforço da unidade das fileiras operárias poderá dar nova confiança aos trabalhadores, quebrar as hesitações e impor às forças burguesas uma primeira derrota que permita avançar de novo» — refere o manifesto da LCI no início do segundo capítulo, onde o PS e o PCP são acusados de, «cada um a sua maneira, boicotarem e dividirem a luta». São indicados, nesse capítulo, onze pontos do programa da LCI, e de que trans-

creveremos os seguintes passos:

1 — É a luta contra a vida cara.

— exigindo a actualização dos salários em relação ao anterior aumento do custo de vida; aumento de salário imediato de 2000\$00 para todos os trabalhadores; pelo salário mínimo de 6 contos.

— pelo trabalho igual a salário igual para homens, mulheres jovens ou velhos

— pelo salário por inteiro na doença, invalidez e gravidez, pelo direito de escolha de reforma aos 50 anos com salário integral.

2 — É a luta contra o desemprego e os despedimentos.

— contra os despedimentos colectivos, organizamos as lutas pela greve com a ocupação; exigimos a repartição do trabalho existente pelos braços disponíveis; lutemos pela semana de trabalho de 40 horas.

3 — É a luta pelos direitos democráticos, contra a repressão policial, os bandos fascistas armados e os terroristas.

— todos os partidos e organizações dos trabalhadores devem unir-se para lutar contra os ataques da reacção, seja quais forem as divergências, e evar a cabo a **unidade de acção** para defender as nossas organizações, para a formação de secções sindicais nas zonas dominadas pela reacção.

4 — É a luta pelos direitos democráticos dos soldados.

Os soldados são trabalhadores fardados e, como tal, têm o direito de se organizar, reunir e exprimir.

5 — É a luta pela libertação da mulher. Para que as mulheres possam encontrar o seu verdadeiro lugar na sociedade, quer dizer, na luta de classes, devemos exigir:

— Supressão de toda a discriminação em relação às mulheres na escolha de emprego;

— a trabalho igual, salário igual;

— liberdade total de aborto e contracepção;

— equipamentos sociais (creches, infantários e lavandarias colectivas) subvencionadas pelo Estado.

6 — É a luta pelo acesso livre e gratuito dos trabalhadores a todos os graus de ensino.

— Contra os planos e as medidas de rentabilização capitalista da escola; pelo imediato funcionamento de todas as escolas e pelo ingresso imediato de todos os estudantes.

7 — É a luta contra os despejos, pelo controlo dos preços.

Através das comissões de moradores, os trabalhadores lançaram a luta por uma habitação condigna, ocupando as casas vagas. Hoje, o Governo manda a sua polícia desalojar as casas ocupadas e pôr na rua os moradores pobres.

— Contra a especulação dos intermediários, avançamos na ligação e coordenação directa com as cooperativas agrícolas e as unidades colectivas de produção para organizar a enda directa dos produtos do campo nas cidades.

8 — É a luta pela reforma agrária.

Os partidos burgueses e a CAP lançam uma ofensiva desenfreada contra as unidades colectivas de produção, as herdeiras colectivas, as cooperativas agrícolas. A lei sobre a reforma agrária não garante a expropriação total dos latifundiários, dos parasitas.

Por isso nós defendemos que as expropriações dos latifundiários devem ser totais, a **terra nacionalizada e entregue a quem a trabalha**; aos trabalhadores rurais associados em herdeiras colectivas e em unidades colectivas de produção.

9 — É a luta pelo controlo operário, pelo reforço das comissões de trabalhadores.

Para organizar, esta luta pelo controlo operário sobre a produção os trabalhadores dispõem das suas comissões de trabalhadores. Só elas podem organizar a contestação operária à autoridade patronal, porque unem, na

fábrica, de uma forma imediata, **todos os trabalhadores**, ultrapassando a sua divisão profissional, sindical ou política. O seu funcionamento democrático, o direito de todas as correntes operárias se exprimirem na fábrica é a garantia da máxima unidade entre os trabalhadores.

10 — É a luta por um congresso democrático dos sindicatos.

Ora só os sindicatos, neste momento, são organizações nacionais dos trabalhadores. Eles continuam a ser a mais importante força de mobilização **d todas as camadas operárias**.

Porém, eles não se encontram ainda unidos. Herdaram do passado a organização por profissões, totalmente inadequada ao momento presente. Os dois principais partidos reformistas, por seu lado, procuram assegurar para si um quinhão do «bolo sindical» e perdem-se em disputas divisionistas.

É necessário pôr fim a esta situação. **Só um congresso democrático dos sindicatos** permitirá ultrapassar a situação, unificar a classe operária em torno de um mesmo plano de luta democraticamente discutido e aprovado.

11 — É a luta por um governo operário e camponês.

Só um governo que represente os trabalhadores, os operários e no por eles controlado poderá de vez por os dentes e a espinha à reacção.

E preciso, portanto, lutar por um governo operário-camponês, independente de acordos e pactos firmados com os partidos burgueses e o CR, um governo operário-camponês, sem militares nem ministros burgueses, que se responsabilize pela aplicação e um plano de luta decidido pelos trabalhadores, por um congresso democrático dos sindicatos. Um governo operário-camponês responsável perante um congresso democrático de todos os sindicatos, cuja convocação deverá ser um passo importante para a realização **um congresso nacional das comissões de trabalhadores**.

Um governo operário e camponês que, para levar a cabo um tal plano de luta, crie um banco central único, controlado pelos trabalhadores; exproprie as empresas de comércio externo e crie uma empresa única de Estado para o comércio externo; exproprie as principais empresas industriais, comerciais e agrícolas e os coloque sob o controlo dos trabalhadores; aplique um plano nacional de obras públicas, combatendo o desemprego na construção civil e colocando os bancos e as indústrias de cimento nacionalizadas ao serviço da resolução do grave problema habitacional dos trabalhadores portugueses; desarme a burguesia, dissolva o seu aparelho repressivo (a PSP e a GNR) e arme os trabalhadores pela formação das milícias operárias e populares; rompa com a NATO e o Pacto Ibérico; se apoie um congresso nacional das comissões de trabalhadores com vista à planificação socialista da economia e à generalização da autodefesa das massas trabalhadoras.

Este é o governo por que lutamos.

Este é o caminho de luta que traçamos!

«PELO PODER DOS TRABALHADORES, PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA»

No começo do terceiro capítulo do manifesto da LCI lê-se:

«Há um ano, aquando das eleições para Assembleia Constituinte, a LCI dizia no seu **Manifesto Eleitoral**: o Estado burguês «está sempre ao serviço dos interesses dos capitalistas e, portanto, é inútil tentar, através das vias legais e pacíficas através da via das reformas prudentes, transformar a máquina do Estado e pô-la ao serviço dos interesses dos trabalhadores. É por isso que é uma ilusão pen-

sar-se que, através duma maioria na Constituinte, será possível transformar, unicamente através de leis, a administração do Estado, as suas leis, etc., que existem justamente para servir os interesses de classe dos capitalistas. É uma ilusão pensar e pôr essa transformação **pacífica** o Estado capitalista e por essa transformação **pacífica** ao serviço da transição **pacífica** para o socialismo.»

E em que ponto estamos, um ano depois? Que balanço devemos fazer da estratégia dos reformistas?

Quando sentiu a empestade aproximarse, a burguesia abrigou-se e deixou passar o tempo.

Que fizeram as direcções reformistas?

Em vez de avançarem decididamente para quebrar todo o aparelho repressivo, todos os corpos especiais ao serviço da repressão capitalista (a PSP e a GNR), para expulsarem todos os chefes militares que dirigiram as guerras coloniais, os tribunais, etc., procuraram conquistar o Estado capitalista para servir as «classes mais desfavorecidas». Para isso governaram com o PPD, agarraram-se desesperadamente ao MFA e ao primeiro general burguês que encontraram.

E mais adiante:

«Não há conciliação possível entre os interesses dos trabalhadores e os dos capitalistas. Não pode haver um poder que defenda simultaneamente os interesses dos trabalhadores e os lucros dos capitalistas. Não há via intermédia entre o capitalismo e o socialismo.

Não pode haver ilusões: esse poder tem que ser tomado. O derrube do capitalismo passa pela destruição do seu aparelho de Estado e a derrota da burguesia.

É por isso que a classe operária se tem que preparar nas lutas de hoje.

É lutando nos campos pela reforma agrária, nas empresas pelo controlo operário, que a classe operária toma consciência da sua força e aprende a tomar o lugar dirigente na Revolução, através das suas organizações autónomas. É lutando nos quartéis pelas reivindicações dos soldados, pela sua organização autónoma e independente dos chefes militares. É pela coordenação regional e nacional dos organismos autónomos dos trabalhadores, fardados ou não, pela sua centralização, que a classe operária se pode transformar na força política capaz de dirigir a sociedade, através da coordenação das experiências de controlo operário, da planificação, da distribuição e da produção. Um poder novo nascerá do desenvolvimento desta luta, um Estado do Estado, que levará inevitavelmente a pôr a questão: ou o poder da burguesia ou o poder do proletariado. E a história tem-nos mostrado: a burguesia não sairá da cena voluntariamente; terá que ser expulsa.»

A LCI desenvolve, depois, os temas «por um partido revolucionário» — Pelo internacionalismo proletário:

«Para levar a cabo esta tarefa imensa, a revolução socialista, é preciso concentrar os melhores elementos, os melhores esforços e as melhores experiências da classe operária numa força homogénea que através dos fluxos e refluxos da luta, não perca de vista os objectivos finais. Um partido operário revolucionário, em ligação estreita com as lutas dos trabalhadores, com todos os aspectos do combate das massas exploradas capaz de tirar as lições dessas lutas, o que foi positivo e o que foi negativo, e de alimentar as lutas futuras com essa experiência.

Para isso é necessário que tal partido reúna no seu seio os melhores dirigentes operários e massas, os mais decididos e combativos. Só assim poderá

transformar-se numa força dirigente do movimento operário. Esse partido deverá corresponder a um novo avanço no cerrar fileiras da vanguarda operária e isso implica uma nova distribuição de forças entre todos os militantes que recusam a via da colaboração de classes. Só o debate e a acção comuns permitam agregar os melhores combatentes nesse partido em torno dum programa revolucionário, o programa da revolução socialista.

Mas as lutas dos trabalhadores não ficam confinadas às fronteiras nacionais. A burguesia internacional, que durante 48 anos de regime salazarista-caetanista, apoiou veladamente os opressores capitalistas, preocupa-se agora com a «jovem democracia» portuguesa. Os seus financeiros, os seus governos, os seus partidos e as suas polícias organizam o boicote internacional à luta dos trabalhadores portugueses, como organizarão amanhã o boicote à luta dos trabalhadores espanhóis, franceses ou italianos.

No momento em que se preparam crises revolucionárias em todo o continente e desde já se preparam greves operárias internacionais, torna-se mais urgente que nunca fazer da luta pelo socialismo uma luta internacional.

O próprio desenvolvimento da economia capitalista ultrapassa o estreito quadro das fronteiras nacionais. Para tentar superar as mil e uma contradições que o poder e decadente sistema burguês gera no seu seio, ele é obrigado a dar passos, umas vezes tímidos, outras precipitados (conforme os interesses particulares das diferentes burguesias nacionais), na união do capital a nível europeu. É esse o sentido do Mercado Comum, da EFTA e do Parlamento Europeu. Este progresso da união capitalista exige da classe operária o reforço de uma estratégia comum a nível internacional.

Tal internacionalismo nada tem a ver com a caricatura que dele fazem os estalinistas de todas as cores.»

PELOS DIREITOS DOS EMIGRANTES

Ocupando-se dos emigrantes, afirma o manifesto eleitoral da LCI:

«As massas trabalhadoras anualmente exportadas e importadas pelo capital europeu são as primeiras vítimas da crise e do desemprego. São privadas de direitos políticos, enquanto a burguesia fala de liberdade de circulação de pessoas e de democracia. Perseguidas e marginalizadas, encontram-se à mercê das piores violências e arbitrariedades. É por isso que é já hoje uma tarefa imediata a organização da luta para além das nacionalidades de cada trabalhador.

Pelos direitos democráticos, sindicais e políticos para os emigrantes!

A trabalho igual, salário igual!

Trabalhadores, emigrados ou não, a mesma luta!

Contra a Europa do capital. Europa vermelha dos trabalhadores!

É este o combate que a LCI trava com os seus camaradas da IV Internacional. A próxima explosão em Espanha, a situação em todo o Sul da Europa exigem de nós um esforço suplementar pela construção duma Internacional Revolucionária de Massas capaz de dirigir a luta pelos Estados Unidos Socialistas da Europa.»

Finalmente e reportando-se à sua candidatura, a LCI afirma, neste documento, a dado passo:

«Para nós é claro o que significa uma verdadeira política de unidade operária, que seria possível mesmo nas eleições: unidade em torno de um programa de luta **independente** dos jogos de gabinete com partidos burgueses e militares. Dessa forma, seria possível apoiar uma candidatura operária única,

mesmo que tal candidatura não representasse o conjunto do programa revolucionário: bastava que garantisse o mínimo de independência em torno de um programa de unidade.

E por isso que a LCI apresenta a sua candidatura: para alertar os trabalhadores contra as cedências reformistas aos ataques burgueses, porque não podemos passar um cheque em branco deputados e artidos que se preparam para nova conciliação, para atarem os pés e as mãos dos trabalhadores; porque não podemos passar um cheque em branco a partidos que, apelando à unidade são incapazes de se unirem e procuram utilizar a sua força e a sua implantação no movimento operário para melhor negociarem nos gabinetes.

Mas ainda há outra razão para apresentar a candidatura revolucionária: no seio da extrema-esquerda assiste-se à maior confusão. Algumas organizações da extrema-esquerda de generaram em seitas irresponsáveis que fazem lianções com os partidos burgueses que, pela sua propaganda, recrutam e alimentam cada vez mais camadas pequeno-burguesas reaccionárias.»

O manifesto eleitoral da LCI conclui:

«Votar na LCI é defender a independência e a unidade dos trabalhadores.

Votar na LCI é defender o programa de luta dos trabalhadores.

Votar na LCI é defender a democracia operária nos sindicatos, nas CT, em todas as organizações operárias.

Votar a LCI é dizer que a garantia da vitória não reside em governos com as Forças Armadas e partidos burgueses que atacam os trabalhadores — mas, na unidade na luta, na crescente organização da classe operária.

Votar na LCI é dizer que a revolução socialista não se faz sem o conjunto dos trabalhadores, é dizer que o primeiro dever do revolucionário é defender a Revolução perante todas as camadas exploradas.

Votar na LCI é dizer claramente à burguesia que estamos dispostos a lutar até ao seu derubamento final; fazer um aviso aos reformistas: nos sindicatos, nas CT, em todo o lado forma-se uma corrente revolucionária. Disposta a lutar contra a conciliação de classes, contra a política de cedências à burguesia, contra a manipulação burocrática, contra as ilusões de que se pode transformar pacificamente o Estado com a ajuda dos generais burgueses.»



Mário Casquilho e Felicidade Alves



PCP(m-l)

232 defensores (momentâneos) da "democracia burguesa" nas listas do PCP (M-L)

O PCP (m-l) propôs candidatos à Assembleia da República em todos os círculos eleitorais do continente, não se apresentando na Madeira, Açores e círculos da Emigração. Mais tarde, viu a sua candidatura recusada, por deficiências de organização do processo eleitoral nos círculos de Aveiro, Beja, Évora e Guarda.

Segundo opinou Eduino Vilar, secretário-geral daquele partido, na conferência de imprensa para apresentação das candidaturas, «aquilo que o PCP (m-l) preconiza neste momento é a democracia burguesa». Na mesma reunião, manifestou ainda o parecer de que PPD, CDS, PPM e PDC, mau grado as suas diferenças, são igualmente partidos que defendem a democracia burguesa.

No caso do PS, para uma justa avaliação democrática da sua acção, Eduino Vilar assinalou que deve ser considerada a existência de «submarinos do KGB». Quanto ao PCP, o dirigente «marxista-leninista» qualificou-o de «fascista», não passando a FSP, a LCI, o MES e a UDP de «satélites» dessa organização de «extrema-direita».

Na referida conferência de imprensa, Vilar aludiu também à eventualidade de uma invasão russa, ignorando no entanto se a aviação soviética já sobrevoava o nosso País. A este respeito, manifestou-se preocupado com a precariedade do estado do material das nossas Forças Armadas.

E a seguinte a lista dos candidatos nos diversos distritos:

BRAGA — Domingos Gomes dos Santos, Lúcio Damiano Silva, António Vieira Fernandes, João Manuel Vieira Gomes, Gaspar Sousa Gomes, Jaime Hilário, João Carlos da Costa Pereira, Abílio Rogério Barbosa de Matos, José de Castro, Domingos Peixoto da Silva Teixeira, Luís António Gonçalves Pereira, Manuel de Oliveira Ferreira, José Inácio Marques Eduardo, Américo Azevedo de Oliveira, José Carlos Gonçalves de Brito. Suplentes: José Joaquim Louro, José Antunes de Sousa.

BRAGANÇA — Nuno António Pimentel Lopes dos Santos, Maria Paula Azeredo, Ana Gaspar e Luís Manuel Roxo. Suplentes: José Júlio Bastos e Maria de Lurdes Garcia.

CASTELO BRANCO — João Vilela da Cruz, João António Henriques, Alexandre Moreira, Daniel Gonçalves, António Reis, Maria Clara Piçarra e João Manuel Fral-

de. Suplentes: José Mário Gonçalves e Manuel Correia.

COIMBRA — Conceição Jardim, Manuel Castro Nunes, Ana Maria da Silva Beja, Samuel Mendes, Baptista da Silva, João Tavares de Almeida, Manuela Fernandes, Aristides Sousa da Silva, Pedro Moreira Faroleiro, Maria Helena Pinto, Maria Clara Pereira e Rui Manuel Rodrigues. Suplentes: Maria Teresa Gomes e Orlando de Jesus.

FARO — Vasco José Botelho Ramos, José Luís Rodrigues, Maria Fernanda Ferreira do Carmo Sousa, Rogério Silvestre Caetano, Herlander Manuel da Silva Nicolau, Mário da Conceição Monteiro, António Manuel Tomás, Manuel Neves do Carmo, Manuel João Prudêncio das Dores. Suplentes: Alvaro Manuel Nicolau Fernandes, Manuel Luís Guerreiro Duarte.

LEIRIA — Ângelo Prestes dos Santos, Maria de Jesus Fernandes, António Carlos dos Santos, Carlos Belo, Ana Paula Ferreira, Maria Clara do Carmo, Casimiro Brandão Barbosa, Américo Ventura, Luís Filipe Aguiar, Vitor Manuel Pinto da Silva, Joaquim Pinela. Suplentes: Jorge Manuel Alves, António Reis dos Santos.

LISBOA — Carlos José Guinote, Artur Póvoa David, Manuel João Matos, Margarida Quitino, José Chagas, José António Gusmão da Silva, Júlio Gonçalves Dias, Virgílio Nogueira Falcato, Maria Alice Ribeiro Bartolo, Fernando de Sousa, Mário Piçarra, Lidia Maria da Silva Castro, Laura Torres, João Cardoso Fernandes, Maria Carolina Guinote, José Manuel Conceição, João Manuel Peniche de Carvalho, Francisco Correia Celeiro, Eugénio Mateus Berto, Fernando Figueira, José da Costa Mendes Pires, Ana Faria, Vitor Nogueira, José João D. Bagorro, João Henriques R. Lopes, Manuel Polido Madeira, Maria Teresa Canto de Sousa, Alvaro Valente Antunes, Virgílio Gouveia da Silva, António Manuel da Costa Bernardo, António Carlos Severino de Amorim, Eduardo Cintra Torres, Rui Alberto da Costa, Manuel António Aleixo Lourinho, Jaime Latino Ferreira, Jorge Galamba, Jaime António

Grave Martins, Jorge Manuel Pereira Gonçalves, José Nunes Gouveia, Fernando Tomás Maurício, António Rocha Coelho, Nuno Coelho da Conceição, António Alexandre Rodrigues da Silva, Maria Lidia da Silva Castro, João Luís Machado dos Santos, José Manuel Caleno Gavino, Olímpio Espadaneira Gadanha, João Manuel Guimarães do Carmo, Luís de Vasconcelos, Vitor Manuel dos Anjos Isidoro, Vasco Manuel de Almeida Santos, Isidro da Silva Monteiro, Joaquim José Correia da Fonseca, Jorge Manuel Gaspar de Almeida Santos, Joaquim da Fonseca Formiga. Suplentes: João José de Jesus Teles, Ana Lucas, Abel do Carmo Albuquerque.

PORTALEGRE — João Prates, Luís Filipe Pereira, Domingos Barros, Silvestre Garcia. Suplentes: António Custódio Simões, António Carreira.

PORTO — Alvaro Manuel Ribeiro Vasconcelos, Jorge Manuel Bessa Lage, Francisco Limpo Queirós, Manuel da Cunha Gonçalves, Fernando Jorge Costa, Mário da C. Santos, Maria de Fátima M. de Almeida, Abílio Gonçalves Padeco, Amélia Soares da Silva, Jorge Manuel da Silva Correia, Rafael Monteiro Lopes Resende, Miguel Nunes Teixeira, Rui António Bessa Lage, Alcino Alves de Oliveira, Maria Georgina Bastos Amorim, Abílio Ferreira Moreira, Maria de Fátima Barros de Lima Pereira, Claudino Pereira de Oliveira, José Maria Rodrigues Pires, José Guedes Barnabé, Fernando de Sousa, José da Rocha da Silva, José das Dores, António José Pinheiro de Oliveira, Joaquim Frutuoso Leal de Jesus, Orlando Castro, Maria da Conceição Marques Mora, Nuno Manuel dos Santos Emídio, Maria Madalena Jorge, Jorge Manuel Martins Dionísio, Mário Vitor da Costa, Maria Silva, Armando Macedo Fernandes, Mário Henriques de Matos, Carlos Rodrigues Pinalhal, Rui Neto. Suplentes: Alberto Martins, Angelina de Jesus, Maria Feliciano.

SANTARÉM — Norberto Brites, Mário Miranda Silva, José Trindade Cativo, Carlos Miranda da Silva, Adail Lopes Mendes,

Vitor José Francisco, Benjamim Alves, João Fagundes, Jaime Natividade Garcia, Jacinta Maria, Maria Gertrudes, Florindo Maria Vilela, Maria Ribeiro. Suplentes: Perpétua Rita, Florinda Garcia.

SETUBAL — José Santos, José Martins Sustelo, José Manuel Sequeira dos Santos, José Rainho da Cruz, Francisco Manuel Marques Neves, Vitor Manuel da Silva Nunes, Alfredo José da Silva Augusto, Manuel António Mendes Pinto, Valdemar Moura Simões, Maria Isilda Sustelo, Fernanda Maria Moreira, Cibela Madeira Carraça, Maria da Graça Mendes, Laura Maria Alves, Eduardo Jorge Presóbio, Ana Paula Silva Nunes. Suplentes: Manuel João Palma, Ernesto Carvalho.

VIANA DO CASTELO — Rui Celso Pereira, José Dinis Pinto, David de Sá Carvalho, António Esteves, Manuel das Neves e Luciano Veia.

VILA REAL — Graça Nazaré, Boaventura Silva, Eduardo Rodrigues, Manuel António Rosa, Raul Augusto Domingos, António Quintino. Suplentes: Beatriz Rosa e Maria Mota.

VISEU — Fernandes, João Carlos Torres, Eduardo Couto Delgado, João Manuel Seia, Teresa Maria de Jesus, David dos Santos, José Manuel Abel, Balbina Monteiro, José António Tavares Vale, Arnaldo António Dias Santos. Suplentes: Américo Dias Bonito e Vitor Manuel Cipriano.

Comunicado do P.S. sobre incidentes no domingo em Lisboa

«O P. P. D. deverá de futuro lembrar-se que o P. S. não pode nem nunca utilizará os processos que caracterizam quase cinco décadas de anos de vida nacional. Esses métodos são característicos do P. P. D. e utiliza-os com frequência.» Diz isto o próprio P. S., num comunicado emitido a propósito de outro, do P. P. D., este atribuindo ao P. S. responsabilidades por incidentes ocorridos no último domingo entre militantes de ambas as organizações nas proximidades do Marquês de Pombal, em Lisboa.

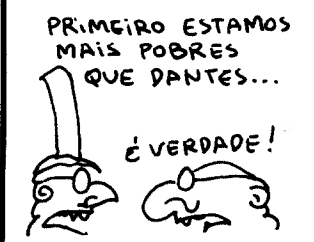
O P. S. dá a sua versão dos acontecimentos: «Quando a enorme manifestação do P. S. estava já a meio da Avenida Fontes Pereira de Melo, um grupo de elementos do P. P. D., protegido por «gorilas», colocou pequenas bandeiras num dos grupos escultóricos da Praça Marquês de Pombal, onde centenas de pessoas assistiram indignadas à vil provo-

cação e que os militantes socialistas ignoraram, ante o desespero dos provocadores ao verem malogrados, mais uma vez, os seus esforços no sentido de provocarem incidentes. Pouco depois, um rapaz dos seus 11 ou 12 anos, provavelmente colecionador de bandeiras cor-de-laranja ou mesmo afecto ao P. P. D. (nada o identificava como não o sendo, porque também nada o identificava como simpatizante de qualquer outro partido) retirou as bandeiras, enrolando-as e guardando-as.»

«Foi tudo», diz o P. S. E comenta: «Eis assim como o P. P. D. que se diz um dos grandes partidos nacionais se diz vítima dos militantes do P. S., cuja única falta foi terem ignorado sistematicamente as provocações reacçãoárias «pépédistas» ao longo da grande manifestação do passado dia 11.»

O riso eleitoral

Por BAAR



MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS AO "DL":

Continuação da pág. 1

após o 25 de Abril de 1976? Em que medida vão os resultados eleitorais definir ou condicionar esse papel?

Felicidade Alves — O papel que o MDP se propõe desempenhar após o 25 de Abril de 1976 é fundamentalmente mobilizar as mais vastas camadas

do nosso povo para a defesa da democracia. Uma primeira meta neste programa é não largar de mão e consolidar as conquistas já obtidas, nomeadamente as liberdades políticas fundamentais, as nacionalizações, a Reforma Agrária, etc.

Simultaneamente, tudo faremos para que o Povo se organize na unidade, a fim de desenvolver uma acção dinâmica no caminho que conduz ao poder do povo, isto é, à construção de uma sociedade em que o Poder tenha como sujeito e como beneficiário o Povo, ou seja, as pessoas que trabalham e vivem do seu trabalho.

Substancialmente o comportamento do MDP não é condicionado pelos resultados eleitorais. O ritmo da marcha é que poderá ser afectado.

«DL» — Concretamente no campo das nacionalizações

Mário Casquilho — Só acrescentaria que não largar de mão e consolidar as conquistas já obtidas significa, muito especialmente no campo económico, que as pessoas sintam, efectivamente, que elas são conquistas importantes. Por exemplo, o caso das nacionalizações: não basta continuar a defender em abstracto as nacionalizações. É imperioso que em si próprio e como motor da economia nacional o sector nacionalizado seja efectivamente posto ao serviço do povo, o que ainda não aconteceu nem virá nunca a acontecer, mesmo mantendo as nacionalizações, se os interesses populares não forem o norte do poder político. E os interesses populares só o povo os pode garantir. A destruição a curto prazo das liberdades políticas que, na nossa perspectiva, seria o resultado inevitável de uma maioria

de direita na Assembleia, atrasaria — por quanto tempo? — a construção de tal sociedade em que tenha o povo como sujeito e beneficiário de que fala o Felicidade Alves.

«DL» — Que perigos se podem apresentar ao País após as eleições?

Mário Casquilho — Os perigos que se apresentam ao País após as eleições não existirão apenas se delas resultar uma maioria de direita na Assembleia da República. Esses já os apontámos, creio.

Mas resultados favoráveis à esquerda na votação do dia 25 de Abril também encerram perigos. As forças reacçãoárias tentarão de todas as formas, as mais subtis e as mais violentas, fazer crer que a democracia não é viável, quer em termos de resolução dos problemas económicos, etc, quer no que respei-

ta, por exemplo, à tranquilidade pública.

Felicidade Alves — Isso, aliás, já o tentam fazer desde há tempos. Quem comete atentados? Quem destrói bens? Quem assassina?

DEFINIR MELHOR A CORRELAÇÃO DE FORÇAS

«DL» — Pensa que as eleições virão resolver algo?

Felicidade Alves — As eleições poderão contribuir para criar um período de estabilidade constitucional, definir melhor a correlação de forças políticas, determinar quem será responsabilizado perante o País pela governação nos próximos anos.

Não vai resolver se por si a diminuição do capitalismo, nem a auro-ra do socialismo. Até lá, muita batalha será travada. E muitos pontos críticos terão de ser superados.



o MDP em defesa da democracia

HOJE

CARTAZ ELEITORAL

C.D.S.

Distrito de Vila Real: Comício em Chaves, às 17.30, em frente do Palácio da Justiça; minicomícios, a partir das 12 horas em Sabrosa, Senhora da Piedade, Aljô, Murça e Valpaços.

Distrito de Leiria: Palmá, escola; S. Gregório, escola, 21; Coentral Grande, União Coentralense, 21; Carnide, escola, 21; Porto de Mós, cinema, 18; Cortes, salão centro paroquial, 21; Caldelas, escola, 21; S. Martinho, clube recreativo, 21; Vestiária, soc. filarmónica, 21; Sanchieira, Armazém do sr. Silvino, 21.

Distrito de Viseu: Carvalho Redondo, Mouraz, Vila Nova da Rainha, Treiredo, Arcozelo das Meias, Monteiras, Fataunços, Cimbres, Vila Seca, Nespereira, Parada.

Distrito de Castelo Branco: As 21: Fratel, Alameda, 21; Bengueneção, 21; Juncal do Campo, Povo de Atalaia, 21.

Distrito de Portalegre: Monforte, soc. recreativa, 20.30; Campo Maior, ginásio, 21; Vale do Peso, casa do povo, 21.

Distrito do Porto: Comício, Marco de Canaveses, com Adelino Amaro da Costa, às 16, no Cine-teatro Alameda; sessões, Valbom, lugares, recreativa; Vermoim, Lugares, escola; Outeiro, escola; Águas Santas, escola, todas às 21.30.

Distrito de Beja: Comício, Beja, na Praça de Touros, às 17, com Galvão de Melo, Emídio Pinheiro, Lourenço Fêria, José António e Neves de Valleria.

Distrito da Guarda: As 21, freguesia de S. Domingos; Corgas, nos concelhos de Sandomil, Nespereira, Feital, escola; Terreiro, escola.

Distrito de Coimbra: Lamarosa, às 14; Mira, Souselas, S. Martinho de Alva, Barril de Alva e Vila Nova de Alva, todas às 21.30.

Distrito de Aveiro: Costa do Valado, escola, 21.30; Vagos, salão paroquial, 16.

Distrito de Lisboa: Alfragide, Olivais, Esc. Fernando Pessoa; S. Francisco Xavier, Esc. Paula Vicente; S. João R. Morais Soares, junta de freguesias; Janas.

Distrito de Faro: Pereiro, escola 17; Gíões, escola, 18; Vasqueiros, escola 19; Martilongo, escola, 21; Alte, Casa do Povo, 21.

Distrito de Bragança: Vas de Telhas, escola, 21.

F.S.P.

Distrito de Lisboa: Alfragide, no Seminário, às 21 e 30; Arruda dos Vinhos, no celeiro do ex-Gremio da Lavoura, às 21 e 30; Sacavém, na Cooperativa Sacavense, com Manuel Serra, às 21 e 30; **Guarda:** Gonçalo, às 21; **Castelo Branco:** Covilhã, Grupo Santo António, às 21 e 30; **Viana do Castelo:** Barroselas, Casa do Povo, às 21; **Setúbal:** Sesimbra, Salão Vila Amália, às 21 e 30; **Faro:** Silves, ginásio Pulido Valente, às 21 e 30; **Porto:** Amarante, Grupo Desportivo Taboan, às 21 e 30; **Leiria:** Bombarral, escola primária, às 21; **Viseu:** Mangualde, Casa do Povo, às 21; **Ervedosa:** escola primária, às 21; **Santarém:** Benavente, às 21.

L.C.I.

Distrito de Aveiro: Espinho. **Distrito de Lisboa:** Moscavide, no clube familiar; Paio Pires, na G. R. Santo António; Alcábaldeche, Alcântara, na Escola

Fonseca Benevides: Cacem, na Escola Comercial e Industrial. **Distrito de Castelo Branco:** Tortosendo, às 21 horas.

Distrito do Porto: As 21.30: Felgueiras, na escola do ciclo; Rio Tinto, na Procope; Porto, na escola da Rua João de Deus.

M.E.S.

Nuno Teotónio Pereira no Porto

Distrito do Porto: Comício — Porto, com Nuno Teotónio Pereira, às 21.30, no Palácio de Cristal. Sessões — Matosinhos, na Efaced, às 17.30.

Distrito de Aveiro: As 21.30: Branca (Alva-a-Velha), na esc. primária Avança na Junta de Freguesia.

Distrito de Beja: Beja, às 21.30.

Distrito de Cast. Branco: As 21. Unhão da Serra: Juncal do Campo.

Distrito de Coimbra: Cernache, salão paroquial, às 21.30; Mondoril (Coimbra), às 15.

Distrito de Évora: Canaviais, na Casa do Povo, às 21.

Distrito de Faro: Comício — Vila Real de Santo António, no Lusitano Futebol Clube, às 21.30.

Distrito de Guarda: As 21.30; Nave de Haver: Casteleiro; Manteigas.

Distrito de Leiria: As 21. Picassinos (Marinha), na Soc. 1.º de Maio; Atouguia da Baleia, Soc. Filarmónica.

Distrito de Lisboa: Rio de Mouro — Salão da Urbanil, às 21.30; Caselas — Casalense F.C., às 21.30; J.B. Cardoso, às 17.30; Clube Desportivo da Mouraria, às 21.30; Clube Vista Alegre, às 21.30; Vitória Clube Esplanada (Picheleira), às 21.30; Esplanada da Soc. Musical Odivelense (Odivelas), às 21.30; Lusitano-Italiana, às 18; Oriental Recreativo do Bairro Chinês, às 21.30; Bombeiros, de V. F. de Xira, às 21.30; Sociedade de St.ª Iria da Azóia, às 21.30.

Distrito de Portalegre: Atalaia (Portalegre) as 21.

Distrito de Santarém: Entroncamento — Ferroviários, às 21.30.

Distrito de Setúbal: As 21.30; Torráo — Soc. 1.º de Janeiro; Sines — Esplanada Alentejana.

Distrito de V. do Castelo: Afife — Casino Afifense, às 21.30.

Distrito de Vila Real: As 21.30; Barraginhas (Montalegre); Sarras de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar).

P.C.P.

Distrito de Setúbal: Alcochete, comício na sociedade 15 de Janeiro, às 21; Cova da Piedade (Almada); Cacilhas (Almada), nos Bombeiros; Majabombas, Santiago (Alcacer), Montijo, na Mundet, todas às 18; Leças do Barreiro (Barreiro); Rosário (Moita), no Marítimo Futebol Clube Rosarense; Ermidas (Santiago); Setúbal, na escola Aldeia Grande; Sines, no I.O.S., todas às 21; Cova da Piedade, Laranjeiro (Almada), no Clube do Rato; Almada, no Clube Estrela das Torcatas; Trafaria (Almada), na escola Mompacém, Pinhal Novo (Montijo), na S.F.U.A.; Amora, Foguetreiro (Seixal), no Grémio da Lavoura; Paio Pires (Seixal), no Futebol Clube, todas às 21.30. **Santarém:** Glória do Ribatejo (Salvaterra de Magos), na Casa do Povo, comício; Chamusquense; Rossio ao Sul do Tejo; Foros de Frazão (Coruche); I.apas (Torres Novas); Goucharia (Alpiarça); Porto de Muge (Cartaxo), todas às 21.30. **Leiria:** Pataias, Moita (Alcobaca), às 21.30. **Beja:** Amadores (Castro Verde); Faro do Alentejo (Cuba), Peroguarda

(Ferreira do Alentejo), todas às 21. **Faro:** Casais (Monchique), na escola às 17; Cachopo (Tavira), na escola; S. Lourenço (Loulé), na escola, ambas às 21; Raposeira (Vila do Bispo), na casa do povo; Altura (Castro Marim), na escola; Pedra Mourinha (Portimão); Mexilhoeira da Carregação (Lagoa), na sociedade; Se (Faro), na escola; Górgões, Santa Bárbara (Faro), na sociedade; Patação (Faro), na escola, todas às 21.30. **Évora:** Santarém do Campo; Graça do Divor, Boa-Fé, na escola; S. Miguel de Machede, na sociedade; S.P. do Corval; Alcáçovas, na Casa do Povo todas às 21. **Portalegre:** Foros do Arrão (Ponte de Sor); Seda (Alter do Chão); Chansa (Alter do Chão); Cunheira (Alter do Chão); Aldeia da Mata (Crato); Monte da Pedra (Crato); Santa Eulália (Elvas); Santo Amaro (Sour), todas às 21.

Porto: no Jornal Comércio do Porto, às 15; Porto, no Hospital Santo António e no Jornal Comércio do Porto — ambas às 18.15; S. Mamede de Infesta (Matosinhos), comício; Porto, no Grupo dos Modestos; Torrados (Felgueiras), na escola primária; Agração (Amarante) na escola primária, Gafães (Maia); Ferreira (Paços de Ferreira), na escola primária — todas às 21 e 30.

P.D.C.

Distrito de Leiria: Castanheira de Pera, na Associação dos Bombeiros Voluntários, às 21.30. **Aveiro:** Arouca, nos claustros do Museu, às 21.30.

P.P.D.

Distrito de Bragança: Comício em Lousa, em Manuel Ribeiro e Fernando Pinto, às 21.

Distrito de Portalegre: Urra, na weca do Povo, às 21; Ponte de Sor, às 21; S. Brás, às 21.30.

Distrito de Évora: As 21; Aries; Luz; Granja. **Distrito de Leiria:** Carreira (Figueiró dos Vinhos), às 21.30. **Distrito do Porto:** as 21.30; Amarante, no cinema; S. Cesum, Gondomar; Lustosa, Louçada; S. Miguel, Louçada; Penafiel (E.P.); Arruquedeira, Póvoa do Varzim; Gulpinhares, V. N. Gaia; Cive Brazão de Valadares, V. Nova de Gaia. **Distrito de Setúbal:** as 21.30; Grandola, na casa do povo, em Melides; Montijo, na casa do povo de Canha; Seixal, na casa do povo (Amora). **Distrito da Guarda:** as 21.30; Celorico da Beira; Mesquitela; Frisunda do Torrão; Famalicão; Folgasinho; Sanopires. **Distrito de Viseu:** Mesquitela, Mangualde, às 21.30; Caparrosinha, Mortágua, às 21; Pinheiro, Mortágua, às 21; Souto de Lábios, às 21; Pindo, Penaiva do Castelo, às 21; Vil do Souto, às 21; Mões, Castro d'Aire, às 21; Caria, Momenta da Beira, às 21; S. João Monte, Tondela, às 21; S. Tiago, às 21.

Distrito de Santarém: as 21.30; Barroca; Brogueira; Vendas Novas (no cinema). **Distrito de Lisboa:** Linda-a-Velha, às 21.30; Benfica, no Clube de Futebol, às 21.30; D.G.T.T., Av. das Forças Armadas, às 12.

P.P.M.

Distrito de Aveiro: Calvão, no cinema paroquial, às 21.30; Angeja, na Assoc. de Instrução e Recreio, às 21.30; Gafanha da Nazaré, na escola primária, às 18.30; Ovar, na escola preparatória, às 21.30. **Distrito de Beja:** Odemira, na casa do povo, às 21 horas. **Distrito de Braga:** Briteiros — St.º Esteve (guimaraes), às 21.30. **Distrito do Por-**

to: Cartazada de Ansiães, às 21.30. **Distrito de Évora:** Vimeiro, às 16; Borba, às 21.30. **Distrito de Leiria:** às 21 horas; Alcobaca, nos B. Voluntários; Cabços (Alvaiáz), na garagem Grácio.

P.R.T.

Distrito de Lisboa: Talide, na J. Pimenta, às 21. **Coimbra:** Condeixa, na Casa do Povo, às 21. **Distrito de Lisboa:** Amadora, estação, às 19 horas; Amadora, liceu (festa comício); Belas, Casino da Venda Seca; Cascais, Sociedade Recreativa, Carnaxide, escola; Oeiras, mini-comício; Olivais Sul, Grupo Musical o Pobrezinho; Póvoa de St.ª Iria; Santa Iria da Azóia; Várzea de Sintra, wsc. Recreativa; Bobadela, bairro Sacor; Sacavém, Prior Velho, escola velha; Maceira, Soc. Recreativa os Alegres; S. Pedro do Estoril, escola; Torres Vedras, Freixofera; Torres Vedras, Vila Seca; Alenquer, Labrugeira; Alenquer, casais da Marmeleira; Lourenço, S. Bartolomeu — todas às 21.30. **Braga:** Ruivães, Viei do Minho, às 21; Fontecada, Póvoa do Lanhoso, às 21.30; Fonte Boa, Apúlia, às 21.30. **Bragança:** Eixos, Mirandela; Vale de Salgueiros, Mirandela — ambas às 21; **Viana do Castelo:** Renade, às 21; Valença, pav. ginódessportivo, às 21 e 30; **Leiria:** Alvaizere; Ansião, Aguda, Figueiró dos Vinhos; Vila Facaia, Pedrogão Grande; Coimbra, Leiria; Parciros, Leiria, maiorça, Alcobaca; Tornada, Caldas da Rainha; Santa Maria, Obidos; Serra d'el Rei, Peniche; Santiago de Liém, Pombal — todas às 21; **Castelo Branco:** Verdinhos, Boidobra e Aldeia do Carvalho, na Covilhã; Alcains e Farzedas, em Castelo Branco — todas às 21; **Santarém:** V. N. Coito, Santarém; Marmeleira, Rio Maior; Ionstância; Chouto, Chamusca; Drra, Coruche; Martinchel, Abrantes; S. Pedro, Tomar; Portela, Tomar; Lamarosa, T. Novas — todas às 21; **Viseu:** Reijós, Carregal; Gozende, Castro d'Aire; Quinela, Mangualde; Sobra, Mortágua; Castelejo, Carregal; Figueira de Alva, S. Pedro do Sul; Campo de Besteiros, Tondela; Oliveira de Barreiros, Viseu — todas às 21 e 30; **Setúbal:** Almada, Incrível Almadsense; Seixal, casados pescadores; Barreiro-Lavrado, Soc. Lavradiense; Montijo, Cine Teatro; Sesimbra, Clube Sesimbrense; Pinhal Novo-Palhot, escola; Portela; Cercal, Casa do Povo; Águas de Moura-Fominho, casa de Semão Gomes — todas às 21 e 30; **Faro:** Portimão, às 21 e 30; **Beja:** Ferreira do Alentejo; Mombeja; Cabeça Gorda; Santa Bárbara; Santa Clara a Velha; S. Pedro de Sôlis — todas às 21 e 30; **Évora:** Se-mecio, Arraioles; S. Bartolomeu d'Outeiro, Portel — ambas às 21 e 30.

P.S.

Portalegre: Portalegre (Pavilhão Gimnodesportivo), com Mário Soares e Maria Barroso, às 21 e 30. **Coimbra:** Condeixa; Coles; Cardeal; Moimhos; Miranda do Corvo; Fala (Coimbra), às 21 e 30; Cruz de Marrouços (Alcobaca), às 18 e 30, Andorinha; Alcábaldeche; Seixo, Ervedal da Beira, Nogueira do Cravo; Fiais; Vila Pouca da Beira (Oliveira do Hospital); Bobadela (Oliveira do Hospital); Vila Franca (Oliveira do Hospital). **Distrito de Aveiro:** as 21 e 30; Aveiro (Salão Cultural); S.Jacinto (Escola Primária); Póvoa do Valado (Escola Primária); Paraíso (Escola Primária) (Castelo de Paiva);

Quinta do Valongo (Escola Primária) (Mealhada); Palhaça (Escola Primária) (Oliveira do Bairro); às 21 horas; S. Martinho da Gândara (Escola Primária) (Oliveira de Azeméis); Santiago de Riba Ul (Casa da Junta) (Oliveira de Azeméis); às 21 e 30; Fornos (Casa Teatro) (Vila da Feira). **Distrito do Porto:** às 18 e 30; Utic (Laborim), com Carlos Lage, Manuel Pires e Adelino Carvalho; às 21 e 30; Gestaço (Baão) (Escola Primária), com Joaquim Bastos e António Amendoeira; S.Mamede de Infesta (Associação Académica), com Gomes Fernandes, Fernando Almeida e José Pimenta; Felgueiras (Casa do Povo da Longas), com Manuel Santos Prata de Almeida e Manuel Vilar; Lever (Gaia) (Cine-Teatro), com Alberto Andrade, Adelino Carvalho e Serafim Bastos; Barragem do Capatelo (Marco de Canavezes) (Casa do Pessoal da C.P.E.), com Adribal Amorim, Manuel Pires e Gaspar Mourão; Paredes (Associação dos Bombeiros), com Reinaldo Brito e José Luis Nunes; Beiris (Póvia de Varzim) (Escola da Igreja), com Carlos Lage, Dionísio Ferreira e Eurico Campos; Vilar do Paraíso (Gaia) (Grupo Dramático), com Agostinho do Vale e Meneses de Figueiredo; Vila das Aves (Santo Tirso) (Bombeiros Voluntários), com José Fernandes David Silva e Beatriz Cal Brandão.

U.D.P.

Distrito de Aveiro: Arrifana (Junta de Freguesia); Mourisca do Vouga (Teatro); Mineiros de Poiares (Salão Paroquial); Couto Esteves (Sever do Vouga), todas às 21 e 30. **Beja:** Cuba Vila Nova da Barónia; S. Marcos de Atacobra; Sobral da Adiga, Braga; Caneiros (Guimarães) (Escola Primária); Prado (Vila Verde) (Escola Primária); Castelo Branco; Monforte da Beira, Coimbra; Coimbra (Pavilhão da Palmeira). **Evora:** Viana, às

21 horas. **Faro:** Montenegro; Tavira, comício; Aledia da Tór, todas às 21 horas. **Funchal:** Funchal, comício (Teatro), às 19 horas; Imaculado, às 20 horas. **guarda:** Vascoeiro; Freixinho, ambas às 21 horas. **Leiria:** Ordem ?Marinha Grande); S.Jorge; Pombal. **Lisboa:** Fábrica J.B.Fernandes, às 19 horas; Ministério das Finanças, às 18 horas; Bairro das Furnas; Alverca (Bomsucesso); Liceu de Queluz, comício; S.Bento (Tabuenses); Musgueira Norte (Salão da Igreja); Clube Oriental de Lisboa; Almogadame; Porto da Paia (Colectividade); Linho (Sociedade União Recreativa); Vila Franca (Cantina da Escola); Galamares, todas às 21 horas; Vila Fria (Café); Ajuda (Apolo); Carnaxide (Escola Primária); Sport Lisboa e Ancantara; Pin-téis (Loures), todas às 21 e 30. **Porto:** Grande Porto em: Pábrica Eurofeire; Escola Filipa Vilhena; Escola D.Leonor; Comissão de Moradores do Bairro do Vilar; Cooperativa de Ramalde; Junta de Freguesia do Bonfim; Escola Dramática da Foz; Maia (Associação Recreativa os Restauradores do Braz; Amarante (Escola Primária do Figueiró); Gondomar (Associação da Estação Rio Tinto); Marco de Canavezes (Escola do Casal Bom); Matosinhos (Escola de Corpo Santo); Paredes (Escola Primária de Castelhães); Póvoa de Varzim (Escola Primária Bazar); Santo Tirso (Associação Recreativa de Negrelos); Valongo ?Escola Sampaio); Vila do Conde (Escola de Vilar do Pinheiro); Vila Nova de Gaia (Associação Recreativa «Os Plebeus Avimpenses»), todas às 21 horas. **Portalegre:** Galveias (Sociedade Filarmónica Galveirense); **Setúbal:** Vila Nova da Caparica (Almada) (Sociedade Recreativa), às 21 e 30; Alhos Vedros (Clube Soprt Arrotelense), às 21 e 30; Barroca (Alcochete) (Barracão Barroca d'Alva); Fernando Pó (Palmela) (Sociedade Escolar Fonte); Setúbal (Bairro do Trreiro) (Salão da Palhava), todas às 21 e 30; Sobreiras Altas (Salão); Porto Covo (Escola Primária), ambas às 21. **Santarém:** Almeirim, às 21. **Viana do Castelo:** Castelo de Neiva e Neves, às 21 e 30. **Viseu:** Santa Cruz de Trapatar, às 21 e 30.

Porfírio Agostinho (P.D.C.)

"Aconselhamos a que mudem de sabonete e toalha"

O P.D.C. é o único partido que não tem as mãos conspurcadas. Elas estão limpas e desinfectadas. Aqueles que se sentem frustrados e a nossa afirmação magoa, aconselhamos a que mudem de sabonete e de toalha», afirmou, entre outras coisas, o sr. Porfírio Agostinho, candidato por Lisboa do P.D.C. ao usar da palavra no comício do seu partido, efectuado ontem, no Teatro Gil Vicente em Cascais.

Perante algumas dezenas de pessoas, presentes no comício, o mesmo candidato depois de considerar o marquês de Sade «um pigmeu da História» em paralelo com os adeptos da greve dos enfermeiros, concluiu deste modo: «enfim, já é tempo de pegar de caras o touro tresmalhado da Revolução, antes que ele nos perfure os intestinos até à coluna vertebral com uma cornada letal».

O secretário-geral do P.D.C., Silva Resende, último orador da sessão, diria que se o seu partido tivesse participado na Assembleia Constituinte «não haveria controlo operário nas

empresas». Afirmou também a dada altura: «se eu tivesse a responsabilidade do poder talvez não dormisse nas próximas noites».

A CAMPANHA NA RÁDIO E NA TELEVISÃO

Radiodifusão Portuguesa: 19 horas — A. O. C.; 19.10 — P. R. T.; 19.20 — P. P. M.; 19.30 — M. R. P. P.; 19.40 — P. D. C.; 19.50 — P. C. P.; 20 — P. C. de P. (M-L); 20.10 — P. R.T.; 20.20 — P.C.P.

Rádio Renascença: 10.10 — C. D. S.; 10.20 — P. R. T.; 10.30 — P. P. M.; 23 — M. R. P. P.; 23.10 — M. E. S.; 23.20 — C. D. S.; 23.30 — P. C. P.; 23.40 — P. D. C.; 23.50 — P. S.

Radiotelevisão Portuguesa: 13.30 — P. S.; 21 — P. P. M.; 21.10 — A. O. C.; 21.20 — M. R. P. P.